

Centro de Defesa da Vida
Herbert de Souza



Gestão Pública e
Desenvolvimento Urbano

**DIAGNÓSTICO SÓCIO-PARTICIPATIVO
GRANDE BOM JARDIM**

FORTALEZA – CEARÁ

ABRIL DE 2004

EQUIPE TÉCNICA DA PESQUISA

João Bosco Feitosa dos Santos (Economista, dr. em Sociologia)

Geovani Jacó de Freitas (Sociólogo)

Maria Eliana Nobre Sampaio (Socióloga)

Adriano Paulino de Almeida (Graduando em Sociologia)

Rosana Lima Rodrigues (Graduanda em Economia e Sociologia)

Thiago da Silva Sampaio (Graduando em Sociologia)

EQUIPE DE SUPERVISORES DE CAMPO

Adriano Paulino de Almeida

Itamar Torres Melo

Julio Hércio Cordeiro

Ligia Alves Viana

Rosana Lima Rodrigues

EQUIPE DE PESQUISADORES POPULARES DO GBJ

Adriana Lima Braga

Anabel Bernardo Pinheiro

Carlos Kennedy A. Lopes

Claudiane de S. Araujo

Denilton de Oliveira Silva

Francisco Andreisson Alves

Quintela

Francisca Diana Tavares

Mariano

Francisco Josenido F. do

Nascimento

Francisco Marcio F. da Silva

João Alan Alves de Oliveira

Lessandra Gomes Pereira

Luana M. da Silva Henrique

Maiko Robson da Silva

Manuela Fca. da Conceição

Marcilane Alves Firniano

Regiana Oliveira da Silva
Regina Marcia F. Diolino
Rogéria Cristina S. Vale

Sandra Maria Moreira
Yane Felix da Silva

DIAGRAMAÇÃO E

DIGITAÇÃO

Thiago da Silva Sampaio

FOTOGRAFIA

Adriano Paulino de Almeida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I - ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DA PESQUISA NO GBJ

1.1. Os fundamentos conceituais do Diagnóstico Participativo no contexto do DLIS

1.2 Os objetivos do Diagnóstico

1.3. Abordagens, procedimentos e técnicas da pesquisa

1.4. Quanto aos indicadores de análise

1.5. O percurso de campo: as etapas da pesquisa

1.5.1. Seleção e capacitação da equipe de pesquisa: os pesquisadores populares

1.5.2. A seleção dos jovens pesquisadores

1.5.3. O processo de capacitação dos pesquisadores

1.5.4. Levantamento dos dados oficiais sobre os cinco bairros

1.5.5. Checagem rua-a-rua

1.5.6. O processo consultivo

II - A REGIÃO DO GRANDE BOM JARDIM : Aspectos Gerais.

2.1.Histórico

2.2. Aspectos Geográficos

2.2.1. Área e Limites

- 2.2.2. População Residente**
- 2.2.3. Grupos etários do GBJ.**
- 2.3. Moradia**
 - 2.3.1. Moradores por domicílios**
 - 2.3.2. Tipo de domicílios**
 - 2.3.3. Condição de ocupação dos domicílios**
- 2.4. Infra-Estrutura**
 - 2.4.1. Forma de abastecimento de água**
 - 2.4.2. Banheiros e Sanitários**
 - 2.4.3. Destino do lixo**
- 2.5. Nível de renda**
 - 2.5.1. Rendimentos do chefe do domicílio**
- 2.6. Economia**
- 2.7. Meio ambiente**
- 2.8. Capital social**
- 2.9. Esporte e Lazer**
- 2.10. Educação**
 - 2.10.1 Nível de escolaridade dos chefes de domicílios**
 - 2.10.2 Nível de escolaridade dos residentes com 5 anos ou mais de idade**
- 2.11. Capital Humano**
- 2.12. Saúde**

III. AS PERCEPÇÕES SOBRE O GRANDE BOM JARDIM:

- 3.1- Quem são os moradores do Bom Jardim?**
 - 3.1.1 Uma população sob o signo da migração**
 - 3.1.2 As migrações do interior em direção ao litoral**
 - 3.1.3 As migrações intrabairros em Fortaleza: direção centro periferia**
 - 3.1.4. Uma população jovem**

3.1.5. Atividades culturais locais - “Celeiro de artistas...”

3.1.6. Uma população que constrói lutas: por direitos a um solo e condições dignas de vida

3.1.7. Uma população sob a marca do descaso das políticas públicas governamentais: aspectos infraestruturais das ocupações e das ruas dos bairros do GBJ

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Fortaleza é uma cidade marcada por uma diferenciação espacial. Diz-se haver duas Fortalezas: a do Leste e a do Oeste. Outras pesquisas (Barreira, 1999) já revelaram que esta nítida diferenciação é responsável pela produção de estigmas que acompanham os seus moradores e definem territórios, principalmente aqueles que não se localizam na área “nobre”, como os situados a sudoeste da Cidade.

A distinção radical entre o *espaço da produção* e o *espaço do consumo* marca Fortaleza, de forma irremediável, sob um fosso social no qual situam-se a cidade dos trabalhadores, relegada à displicência dos administradores públicos e a cidade dos consumidores, objeto de investimentos sociais permanentes, embora nem sempre seu retorno venha a ser de uso público, o que revela, desta forma, modos de apropriação privada desses serviços.

Na virada do século XX, Fortaleza já detinha a sétima maior população urbana do país, passando a tomar medidas de higienização social e de saneamento ambiental, além de executar um plano de embelezamento urbano abrangendo a implantação de jardins, cafés, coretos e monumentos, e a construção de edifícios segundo padrões europeus. O que devemos constatar disto é que higienização social significou, na realidade, segregação do espaço urbano, em que as populações mais carentes foram sendo empurradas para a periferia da cidade, longe das modernizações operadas no seu centro. O surgimento de bairros nobres como Jacarecanga, Praia de Iracema e Aldeota, que passaram a ser habitados pelas elites que começaram a valorizar a proximidade com o mar, ao mesmo tempo em que eram beneficiados por serviços, se aglutinavam na área central ou em seu entorno.

Neste trabalho, partiu-se do pressuposto de que a cidade é constituída tanto pela sua materialidade, base sobre a qual se desenvolvem as dinâmicas visíveis do espaço urbano – a sua vida cotidiana, o seu fazer diário cravado no ir e vir dos seus habitantes e as estruturas concretas que, continuamente, emergem como objetivação dessas relações, quanto pelo que isso significa para seus moradores, situados em diferentes lugares da cidade, objetivado através do imaginário social e seu poder instituinte.

Os aspectos estruturais que conformam a cidade são inexoravelmente definidos pelos seus moradores a partir do sentido que atribuem a cada espaço constituído e a cada relação experimentada. Neste sentido, os espaços concretos da cidade moldam seus habitantes e por eles são moldados, como o familiar colchão em que se dorme. Relação que cria lugares comuns e os lugares de cada um, onde visões de mundo são estruturadas ao mesmo tempo em que estruturam territórios, imprimindo-lhes significados. Convém, portanto, na apreensão das complexidades da cidade, perceber o modo de sentir, de pensar e de agir dos grupos sociais, a partir do qual os territórios – *locus* da reprodução material e simbólica dos seus habitantes – vão de constituindo, seja como um fato, seja como representação dele. Os territórios da cidade, neste sentido, podem ser representados como o *envelope do corpo* de seus moradores.

É neste contexto da Cidade que se indaga: quem são os moradores do Grande Bom Jardim? Como vêm a cidade de Fortaleza, como percebem o território no qual habitam e como estabelecem sua pertença em relação à Cidade como totalidade espacial? Que experiências históricas locais cimentam o imaginário dessa população e influem no modo de sentir, pensar e agir dentro do bairro e fora dele? Seria possível estabelecer, minimamente, uma tipificação ideal desses moradores como forma de melhor interpretar a realidade local da região?

Este estudo foi estruturado em duas partes. A primeira privilegiou informações quantitativas sobre a região, a partir de dados secundários e da pesquisa direta na interação de empreender uma análise, comparativa de Fortaleza com a região. Na segunda, foi dada especial atenção à dimensão das representações sociais dos moradores do GBJ. Esta opção não foi casual. Ela resultou de inúmeras reflexões que orientaram o olhar dos pesquisadores no que respeita às percepções dos moradores sobre a Cidade, sobre os bairros onde moram, sobre as relações sociais que tecem no cotidiano e sobre si mesmos.

Em suma, este estudo busca apreender o movimento cotidiano dos seus habitantes a partir das *experiências* vivenciadas, inscritas nos relatos, nas memórias e nos esquemas de percepção do conjunto dos moradores entrevistados e ou envolvidos no processo inicial desta pesquisa.

De antemão, afirma-se não estar aqui a totalidade da riqueza das experiências contadas e dos detalhes observados, anotados e apreendidos pela equipe de pesquisadores no bairro. No entanto, como este trabalho não pretende ser uma versão final, mas se constituir em força motriz de novos debates e de aprofundamentos do querer e do saber coletivos dos moradores do GBJ, espera-se que as categorizações aqui definidas venham dar pistas para compreensão e significação tanto das relações cotidianas engendradas pelos moradores nas suas dimensões capilares, invisíveis à grande política, quanto daquelas construídas no campo dos grandes embates, de visibilidade ampla e para além da ação local.

I - ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DA PESQUISA NO GBJ

1.1. Os fundamentos conceituais do Diagnóstico Participativo no contexto do DLIS

Em meados de 2003, o CDVHS (Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza), propôs ao GPDU (Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano), da Universidade Estadual do Ceará, a realização de um diagnóstico da região do Grande Bom Jardim, território constituído pelos bairros Siqueira, Canindezinho, Bom Jardim, Granja Lisboa e Granja Portugal.

A produção do diagnóstico faz parte das atividades demandadas pelo Programa de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável - DLIS, desenvolvido pelo CDVHS, na região constituída por esses cinco bairros. Destacou-se, especialmente, um componente inerente à execução desta proposta anunciada: a fundamental participação dos atores sociais pesquisados e outros atores envolvidos como uma das condições política e pedagógica para construção e execução plenas do DLIS.

Este item do relatório pretende descrever o processo metodológico que orientou esta *pesquisa-processo* realizada no Grande Bom Jardim, bem como produzir um *primeiro confronto* pela sistematização e análise preliminares dos dados e das informações coletadas com a sua socialização com os grupos envolvidos pelo diagnóstico na região. Pesquisa-processo por se referir a um caminho de produção do conhecimento a partir do encontro da diversidade de saberes – do saber popular ao saber técnico -, cujo fim venha garantir o retorno do conhecimento à população pesquisada para que, uma vez fortalecida, haja de forma qualificada na busca de resolução dos seus principais problemas.

A concepção da pesquisa, sua formatação e execução, assim como os desdobramentos políticos pedagógicos de sua produção, são resultado de vários momentos vivenciados entre as equipes do CDVHS, do GPDU e dos pesquisadores populares do bairro, capacitados pela própria pesquisa.

A noção da eficácia de um “saber-fazer orgânico” no contexto do Desenvolvimento Sustentável pressupõe a articulação da produção e do consumo, de forma orgânica e equitativa, dos bens materiais e simbólicos da

comunidade, mobilizados a partir de instrumentos capazes de fazer emergir e circular o conhecimento local em confronto com outras modalidades de conhecimento. Daí o processo de produção do presente diagnóstico ter sido orientado, fundamentalmente, pela *pesquisa participativa*, aqui compreendida como uma forma de “obtenção de informações que redunde num processo de discussão, troca de experiência e conhecimentos entre pesquisadores e comunidade, no qual os resultados e condições também sejam debatidos e utilizados pelas partes envolvidas, numa perspectiva de elevação da capacidade crítica e da consciência dos problemas sócio-econômico-culturais existentes”, conforme afirma Sales (1984:202).

Assim considerado, o pressuposto político que orientou a formulação do projeto do diagnóstico fundou-se na convicção da valorização do comprometimento, da participação e da organização de diferentes atores sociais. Esta é uma premissa para o desencadeamento das ações de execução do desenvolvimento local sustentável e integrado do Grande Bom Jardim.



Equipe de pesquisadores do GBJ.

Ao se falar de sustentabilidade, recuperam-se dimensões minimizadas pela lógica convencional do desenvolvimento capitalista, fundada na perspectiva economicista. Aqui se afirma, em oposição, a possibilidade de assegurar o desenvolvimento local fortalecendo o conjunto das possibilidades humanas e materiais existentes, associado à construção de redes de solidariedade e cooperação, à potencialização de iniciativas coletivas e, em especial, à perspectiva de preservação sócio-ambiental.

As populações marginalizadas do processo histórico de desenvolvimento do País, quando muito, têm sido tratadas pela ação do Estado-governo como “população carente” e ou “público alvo” de projetos clientelistas e ou desarticulados das perspectivas reais de seus beneficiários. Expressa-se, com isto, um modo sutil de desqualificar o saber popular e os cidadãos comuns como agentes na transformação da realidade.

O desafio, ao que parece, está sendo o da construção de mecanismos que favoreçam o desenvolvimento de ações geradoras da promoção da vida de uma totalidade inexoravelmente empurrada à exclusão social e submetida à violência física e simbólica. Isto se refere, portanto, a pensar, de forma crítica e propositiva, a relação entre a produção do conhecimento, a formulação de políticas públicas e a sua eficácia no processo de afirmação dos agentes sociais populares e as mudanças por eles requeridas. É possível afirmar que este é o mote de aproximação do CDVHS com o GPDU.

O GPDU, fundado em 1998, é formado por professores e alunos que fazem parte do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará. Seu objetivo é o de pesquisar os bairros da Grande Fortaleza.

O pressuposto orientador de suas pesquisas é o de que o bairro é o espaço privilegiado para se compreender as especificidades de uma cidade. A partir dele, é possível identificar expressões particulares de organização, de reivindicações e de táticas e estratégias coletivas que constituem a dinâmica global da cidade. Por este motivo, a estratégia metodológica geral do GPDU é

a de partir do entendimento local dos bairros como forma de compreensão da cidade. Ou seja, estudar os bairros da Cidade para poder compreendê-la melhor.

Ao longo destes anos, os percursos de pesquisa do GPDU têm revelado caminhos metodológicos específicos, conjugando dados de natureza quantitativa com informações qualitativas dos bairros e, primando, no seu modo de produzir conhecimentos, pela valorização do saber local e dos seus agentes sociais.

1.2 Os objetivos do Diagnóstico

O presente diagnóstico participativo tem como objetivo gerar informações de natureza sócio-econômicas, políticas e culturais do Grande Bom Jardim. Com o diagnóstico, busca-se a produção de um conhecimento processual que instrumentalize as ações de efetivação do Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável da região em estudo.

A produção de conhecimento de modo orgânico e cooperado, e os processos de circulação desse conhecimento constituem um dos mecanismos capazes de qualificar o modo de sentir, pensar e agir das populações marginalizadas. Neste sentido, pode-se apreender os territórios periféricos de Fortaleza, a exemplo da região do Grande Bom Jardim, tanto pela óptica dos problemas sociais decorrentes do crescimento desordenado da cidade, como, simultaneamente, pela óptica de suas potencialidades.

Aspecto importante na pesquisa foi o de apreender as estruturas e manifestações reveladoras do capital social dos segmentos populacionais da região, acumulado ao longo dos enfrentamentos experimentados na esfera pública como, também, nas estratégias de sobrevivência engendradas no cotidiano ordinário.

Na perspectiva do CDVHS, pensar o desenvolvimento local sustentável é, além da identificação dos indicadores da exclusão social, identificar o território em sua totalidade. Ou seja, compreendê-lo como espaço de exclusão e pobreza a ser superado ao mesmo tempo em que de vocações, talentos e riquezas a serem identificados e potencializados.

Para este processo não bastam apenas ações mobilizadoras. Importante, como ponto de partida, a organização do conhecimento e os vários tipos de saberes que o constituem. A questão provocadora foi a de como adequar um modo participativo que venha possibilitar a produção e circulação



de conhecimentos com a valorização dos agentes sociais e de suas formas de organização envolvidos nesse processo.

A proposição geral do CDVHS foi a de executar a produção de um *diagnóstico participativo* do Grande Bom Jardim fundado numa orientação política, moral e intelectual que valorize o saber local e seus agentes,

potencializando-o e o transformando e, ao fazê-lo, seja móvel de novas ações, novos conhecimentos e de mudanças sociais coletivas na região objeto de ação proposta.

1.3. Abordagens, procedimentos e técnicas da pesquisa

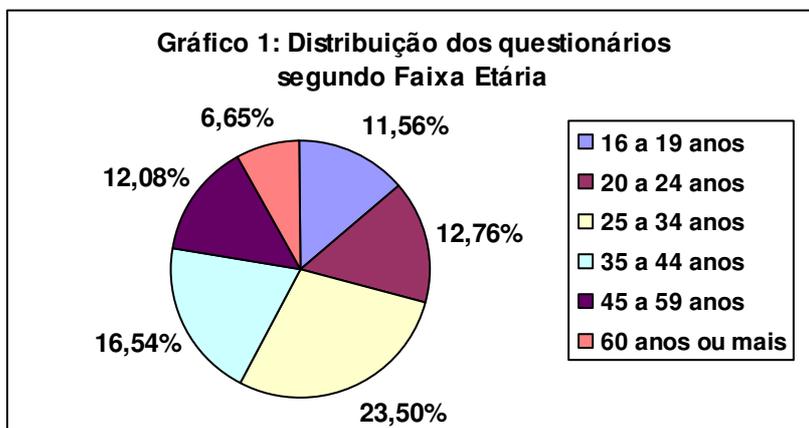
A estratégia geral da pesquisa de campo orientou-se tanto por uma abordagem extensiva, de natureza quantitativa, quanto pela abordagem qualitativa da realidade pesquisada. As duas abordagens aqui referidas foram trabalhadas de modo complementares, seguindo etapas consecutivas de coleta e de análises comparadas dos dados de cada bairro.

Na abordagem qualitativa foram utilizados procedimentos como entrevistas individuais e Grupos Focais com moradores dos bairros do GBJ, visando a reconstituição da história oral local; visitas a instituições governamentais e não governamentais locais; uso da observação participante e da etnografia como recurso para a descrição minuciosa dos equipamentos sócio-culturais, econômicos, políticos e religiosos dos cinco bairros considerados, bem como para apreender os significados que lhes são atribuídos pelos grupos sociais locais. Também se buscou captar as percepções dos moradores e de suas formas de criatividade cotidiana como táticas de afirmação social e de reprodução da vida material e simbólica.

Na abordagem quantitativa, foi utilizada como fonte de pesquisa os dados censitários do IBGE e de outras fontes estatísticas. Conjugada a estas, foi efetivada uma pesquisa amostral domiciliar, com a aplicação de 1.324 questionários, em todo o GBJ. A construção do universo amostral foi feita com a aplicação de procedimentos estatísticos que garantissem a escolha aleatória dos domicílios pesquisados¹ e dos informantes, segundo o recorte de sexo,

¹ O processo de aplicação dos questionários ocorreu da seguinte forma: foi demarcado o bairro a partir do levantamento das ruas. Cada rua levantou-se o número de quadras existentes e seus quarteirões

idade e o papel desempenhado na família, considerando-se seis níveis diferenciados de faixa etária: (16 – 19; 20 – 24; 25 – 34; 35 – 44; 45 – 59; ≥ 60)



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

A efetivação, em primeira etapa, da pesquisa qualitativa possibilitou aos pesquisadores uma visão interna da realidade local do GBJ. Esta fase exploratória deu suporte para apreender, por aproximação, as diferenciações internas que constituem os espaços dos bairros analisados. De acordo com este procedimento, foram definidas categorias que representassem as diferentes situações, aqui qualificadas como *manchas* no tecido social urbano do GBJ. Deste modo, foram mapeadas as diferenciações internas dos bairros de acordo com as seguintes tipificações:

a) Zonas Residenciais menos Vulneráveis – regiões dos bairros melhor equipadas de infra-estrutura e de serviços urbanos;

b) Zonas Residenciais Vulneráveis - regiões com infra-estrutura e serviços urbanos precários, expondo seus habitantes a situações inexoráveis de

correspondentes. Em seguida, estabeleceu-se como regra a demarcação de um *marco zero* em cada rua de onde o pesquisador começaria a pesquisa. Procedeu-se o sorteio das casas, utilizando-se como parâmetro o sistema 4x4, ou 8x8. Nos setores densamente povoados, foi utilizado o sistema 8x8: ao sortear o primeiro domicílio, o pesquisador pulava 8 domicílios e aplicava o questionário no domicílio seguinte, e assim sucessivamente. Nas regiões menos povoadas dos bairros, utilizou-se o sistema 4x4, aplicando o mesmo procedimento explicitado anteriormente.

exclusão social ou mais vulneráveis a ela, a exemplo das Ocupações, das Invasões, das Vilas, dos Pequenos Conjuntos e das Favelas;

c) Zonas Comerciais – vias urbanas em que predominam atividades comerciais e de serviços em geral;

d) Sítios e Fazendas – compõem áreas onde predominam chácaras, sítios e propriedades caracterizadas como de atividade agropastoril, geralmente de acesso privado.



Processo de redesenho dos mapas dos bairros.

A percepção das diversas “manchas” que compõem os bairros analisados resultou na construção ideal típica do território segundo essas diferenciações. Foi efetivada uma projeção estatística da representatividade dessas áreas específicas de cada bairro em relação à sua área total, para efeito de composição do universo da amostra a ser atingida pelos questionários.

Do número total dos questionários relativos a cada bairro, procedeu-se uma distribuição amostral tendo como parâmetro tais diferenciações, a partir das quais definiu-se a quantidade de questionários a ser aplicada em cada área. No caso do bairro Bom Jardim, por exemplo, 30% do bairro foram considerados na categoria Zonas Residenciais Menos Vulneráveis. Isto implicou que do total dos questionários aplicados nesse bairro, 30% foram relativos a essa região. Igual procedimento foi utilizado para os demais bairros.



Diversidade de logradouros do GBJ.

Classificou-se, deste modo, como heterogênea a estruturação dos espaços dos bairros que compõem o GBJ. A partir desta constatação, assumiu-se o pressuposto de que a partir dessa heterogeneidade configuram-se relações intraterritoriais através das quais seus moradores constroem diferentes formas de consumir e representar os espaços do seu bairro. Instituem-se, deste modo, as bases para a compreensão dos diferentes valores que orientam as percepções de seus moradores sobre o pertencimento social local.

1.4. Quanto aos indicadores de análise

Na produção de um diagnóstico social, a primeira questão que se impõe aos interessados da pesquisa é a definição do que interessa pesquisar no

conjunto das complexas relações sociais. Esta etapa diz respeito à escolha dos aspectos da vida social que serão priorizados para serem o objeto do conhecimento a ser construído. Em segundo lugar, as escolhas devem estar devidamente coerentes com os objetivos definidos pela pesquisa proposta.

Esta questão se traduziu como a etapa inicial que redundou em várias discussões envolvendo os técnicos do CDVHS e do GPDU, no que resultou na definição de um conjunto de *indicadores de análise* que orientou todo processo de coleta das informações sobre o Grande Bom Jardim.

Cada indicador de análise considerado revela-se como recortes específicos da realidade social a partir dos quais tanto se pode compreender a qualidade de vida no bairro como, ao mesmo tempo, projetar análises e proposição de ações políticas de desenvolvimento, de acordo com as particularidades de cada setor considerado e em consonância com a dinâmica geral do desenvolvimento local.

Foram definidos como relevantes para o diagnóstico do Grande Bom Jardim 14 aspectos da realidade da região, traduzidos nos seguintes indicadores de análise:

1. **Aspectos Geográficos:** relevo, água, área, limites, solo, vegetação e localização;

2. **Aspectos Populacionais:** total de população, divisão etária da população, densidade demográfica, chefe de família (sexo), percentagem de crianças em idade escolar;

3. **Infra-Estrutura:** saneamento (água e esgoto), pavimentação, energia, telefone, transporte (coletivo, particulares, ferroviário e alternativo), coleta de lixo, principais vias de serviços, de acesso e de escoamento;

4. **Segurança Pública** (delegacias, patrulhamento e policiamento);

5. **Saúde:** Hospitais, Postos de Saúde, Clínicas, Laboratórios, Consultórios (médicos, dentários e veterinários), agentes de saúde;

6. **Educação:** Ensino público federal, Ensino público estadual, Ensino público municipal, Ensino particular, Cursos livres, Cursos Profissionalizantes;

7. **Cultura:** Museus, Teatros, Bibliotecas, Grupos de dança, Música (bandas, corais, orquestras e outros), Artes marciais, Festas Religiosas, Festas Tradicionais;

8. **Esporte e Lazer:** Clubes/ boate, Estádios/ campos/ quadras esportivas, Academias poliesportivas, Praças, Torneios, Áreas verdes, Parques, Zoológicos.

9. **Economia:** a) Atividades Comerciais: Supermercados, Mercarias, Centros comerciais, Farmácias, Bancas de revistas, outras; b) Setor de Serviços: Prestadoras de Serviços, Hotéis, Motéis, Oficinas, Restaurante, Churrascaria, Pizzaria, Cartórios e outros; c) Atividades Industriais: Fábricas, Padarias e outros. d) Repartições Públicas: Bancos, Correios, outros;

10. **Capital Social:** Associações, Sindicatos, Clubes de Serviços, Entidades Filantrópicas, Ongs, Centros Comunitários, Cemitérios;

11. **Equipamentos Religiosos:** Igrejas, Templos, Centros Espíritas, Terreiros (Umbanda, Candomblé e outros);

13. **Assistência Social:** Programas e Projetos, Creches.

14. **Capital Humano:** (habilidades artísticas, principais profissões liberais, perspectivas de capacitações etc.

O conjunto destes indicadores de análise serviu como parâmetro geral orientador de todo o processo da pesquisa. A partir dele, foi definida a linha de investigação empírica, orientando tanto a etapa da pesquisa documental, fundada nos dados das instituições governamentais e não governamentais, como na checagem desses dados rua-a-rua, visando checar informações e incorporar novos dados que viessem a alargar o conhecimento sobre o bairro para além das estatísticas e registros oficiais. A composição do

conteúdo dos questionários e de suas questões, base da pesquisa amostral, também esteve condicionada a esses indicadores.

1.5. O percurso de campo: as etapas da pesquisa

O procedimento metodológico do GPDU possui várias etapas. Tendo sempre em vista o objetivo de não somente coletar e armazenar informações tanto *quantitativas* quanto *qualitativas* de cada bairro, mas, também, realizar estudos específicos em aspectos inerentes ao campo das Ciências Sociais. No estudo do Grande Bom Jardim, o processo de conhecimento do bairro contou de três etapas: Seleção e capacitação dos pesquisadores populares; levantamento dos dados oficiais sobre os cinco bairros do GBJ; Checagem rua-a-rua; e processo consultivo à comunidade.

1.5.1. Seleção e capacitação da equipe de pesquisa: os pesquisadores populares

A equipe de pesquisadores de campo para a produção deste diagnóstico constituiu-se por professores, alunos e profissionais colaboradores pertencentes ao GPDU e por 30 jovens residentes nos bairros objeto da pesquisa.

A perspectiva de envolvimento de pessoas da própria comunidade e sua capacitação como sujeito da pesquisa está fundamentada numa abordagem qualitativa de pesquisa social, também convencionalizada de pesquisa-ação². Em ambas as modalidades, o processo de conhecimento e o produto dele decorrente são partes de um todo. O próprio modo de pesquisar se revela



como momentos de se apropriar do conhecimento de modo participativo e ativo, em que pesquisadores e pesquisados agem simultaneamente e de forma dialógica.

Rompe-se, com isto, o modelo caricaturalmente chamado de *pesquisa-assalto*, através da qual o pesquisador, ao cabo de suas demandas pessoais, alheio aos interesses do grupo social pesquisado, colhe informações que lhe pareçam adequadas aos seus interesses sem estabelecer um processo de troca entre pesquisador e pesquisado acerca do que e como pesquisar, além de não socializar aos seus informantes o conhecimento como produto decorrente da pesquisa realizada.

1.5.2. A seleção dos jovens pesquisadores

O CDVHS responsabilizou-se pelo processo de recrutamento de 30 jovens candidatos à seleção das 20 vagas requeridas pela pesquisa. O processo seletivo baseou-se em critérios qualitativos, relacionados à organicidade dos candidatos no bairro, tais como: morar no bairro, estar vinculado às organizações populares locais, estar devidamente matriculado ou ter freqüentado a escola formal, entre outros critérios.

A seleção se deu através da realização de 2 oficinas, com turmas diferentes, envolvendo todos os candidatos, nas quais foram experimentadas situações pedagogicamente elaboradas que requereram atitudes proativas dos participantes. A partir da observação e avaliação realizadas pelos facilitadores do processo, conjugadas com as informações obtidas na ficha de inscrição individual de cada candidato, foi possível selecionar os 20 primeiros jovens candidatos a pesquisadores populares, além de garantir os demais suplentes que foram incorporados à medida que as atividades de campo iam requerendo.

² Cf. Thiollent, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

Denominamos, deste modo, de *pesquisadores populares* os 20 jovens que foram capacitados para se envolverem nas duas etapas iniciais de coleta de dados empíricos - a da checagem dos dados oficiais, com a produção etnográfica rua-a-rua; e a da pesquisa amostral domiciliar nos cinco bairros que constituem o Grande Bom Jardim.

1.5.3. O processo de capacitação dos pesquisadores

Após o processo seletivo, o grupo de pesquisadores populares, juntamente com os demais pesquisadores do GPDU, vivenciaram uma capacitação em pesquisa, em forma de oficina, com uma carga horária de 30



horas aulas. A capacitação teve como facilitadores os alunos pesquisadores do GPDU sob a supervisão dos professores.

A capacitação teve como objetivo geral fornecer chaves de interpretação da realidade social contemporânea local e mundial a jovens do Grande Bom Jardim, ao mesmo tempo em que capacitá-los teórico e

metodologicamente para assumirem o papel de pesquisadores orgânicos nos bairros onde moram.

Construíram-se como objetivos específicos da capacitação apreender o conceito de conhecimento, os seus tipos específicos e o lugar do conhecimento científico. No tocante à atitude de pesquisador, buscou-se aprofundar noções básicas sobre pesquisa social e sobre o ofício do pesquisador, tendo como campo de pesquisa a cidade. Questões como o que é pesquisa, para que serve uma pesquisa, suas teorias, conceitos, método e a criatividade como um de seus recursos foram socializados entre os participantes; como pesquisar – a pesquisa quantitativa e a qualitativa; o papel do pesquisador e sua relação com os informantes também foram discutidos.

No que respeita a questões mais técnicas da pesquisa, abordaram-se aspectos como elaboração e domínio do questionário e como captar informações objetivas em entrevistas. Por fim, deu-se relevância ao papel da intuição aguçada como valor pessoal do pesquisador: observar e anotar através do uso do diário de campo - como usar o diário de campo e estabelecer relações entre o observado e a interpretação.

Outra unidade de discussão da capacitação dos jovens do bairro deu-se com o aprofundamento da realidade contemporânea marcada pelo fenômeno da globalização. Noções sobre o lugar do trabalho como formação do homem, a expansão do campo de troca das mercadorias na modernidade e suas conseqüências no contexto da globalização; a importância do saber local como resistência à homogeneização da cultura global; noções das práticas contemporâneas de gestão das políticas públicas e a importância de *ser* governo em contra-ponto à noção de *ter* governo na construção e prática de gestão pública. Também foi vivenciada a experiência metodológica de pesquisas e estudos do GPDU nos bairros de Fortaleza.

A participação dos jovens envolvidos nas primeiras etapas do diagnóstico revelou um momento de socialização e alargamento do capital

intelectual e político dos moradores da própria região. As observações de campo desses pesquisadores são reveladoras do processo de descoberta e de enfrentamentos de vários níveis, como podemos atestar abaixo:

Este estudo social me deu cansaço, fome e medo do desconhecido, mas não aproveitei só as coisas ruins. Obtive conhecimento de uma vida que não tive, cheio de experiências, vivenciando, compartilhando sentimentos, me tornando uma espécie de mensageiro das causas impossíveis para aquelas pessoas sem esperança, porém com Deus no coração. Tudo isso me tornou mais ainda cidadão para lutar pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade pelo povo enganado por uma política corrupta e alienada pelo sistema. Amadureci como pessoa: observei, critiquei, anotei e aprendi (Denilton, pesquisador popular, anotações de campo, bairro Canindezinho, 2003).

Os frutos deste processo, iniciado na própria capacitação para a pesquisa, serão potencializados com o desenvolvimento das demais etapas subsequentes a esta sistematização inicial. Será a experiência coletiva das discussões e tomadas de decisões que serão promovidas a partir do primeiro confronto entre o *que este estudo revela com o que a comunidade também tem a dizer que as trocas e a circulação do conhecimento se darão mais intensamente* e que, conseqüentemente, articulará estes jovens pesquisadores à comunidade em geral na produção de novos conhecimentos e no engajamento de novas ações políticas no experimento efetivo de cidadania.

1.5.4. Levantamento dos dados oficiais sobre os cinco bairros

Concomitantemente ao processo de seleção e capacitação dos jovens pesquisadores, a equipe do GPDU iniciou o levantamento de dados estatísticos

e de informações oficiais sobre os bairros que compõem o GBJ. Foi feita uma pesquisa extensiva a diversas fontes governamentais e não governamentais buscando coletar dados de acordo com os indicadores de análise referidos. Foram visitados secretarias dos governos estadual e municipal, fundações de pesquisa do município, IBGE e órgãos não governamentais como a Federação das Indústrias do Ceará, Associação Comercial de Fortaleza, Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza, associações comunitárias, IBV (Instituto Brasil Verde), o próprio CDVHS entre outras instituições.

Esta etapa da pesquisa visou reunir o maior número de informações oficiais possíveis sobre os bairros. A questão orientadora era a de aglutinar dados relativos à existência do número de equipamentos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos, além dos aspectos político-administrativos dos cinco bairros, principalmente no que se refere à versão oficial dos limites geográficos, administrativos, nomenclaturas dos logradouros, praças e do próprio bairro entre outros aspectos relevantes para a comunidade.

Vale salientar que tal procedimento não se revelou tarefa fácil. Os dados encontrados nas instituições são escassos e poucos sistematizados, concorrendo para revelar uma situação contrastante entre a realidade dos bairros instituída pelos aparelhos governamentais e não governamentais do Estados e a realidade local. As dificuldades mais comuns de obtenção de informações sugeriram falta de informações nos próprios órgãos executores estaduais e municipais sobre os programas que desenvolvem nesses bairros, pela indisponibilidade de dados. Em alguns casos a obtenção de informações foi motivada pela falta de transparência do órgão na gestão e socialização de informações de natureza pública.

O conjunto destas informações alimentou a base de dados inicial e dos indicadores predefinidos sobre os bairros do Grande Bom Jardim. Em seguida, estas informações foram submetidas a uma análise comparativa, na fase que lhe sucedeu, vivenciada pela checagem *in loco* das informações.

1.5.5. Checagem rua-a-rua

Esta prática metodológica é aqui denominada de *etnografia rua-a-rua*, constituída por informações descritivas dos aspectos estruturais de cada rua existente no bairro, e de informações qualitativas colhidas pela observação do pesquisador e por depoimentos dos moradores locais. A riqueza desta abordagem se fará presente na análise preliminar tanto dos aspectos estruturais do bairro, quanto no que se refere à abordagem das representações dos moradores sobre a sua realidade cotidiana.

A realização da checagem rua-a-rua teve como objetivo produzir o retrato da realidade de cada bairro, buscando identificar todos os equipamentos referidos oficialmente como existentes e ampliar, de forma quantiquantitativa, o levantamento de dados, situando aqueles equipamentos não contemplados pelo levantamento inicial.

Procedeu-se, para este fim, uma incursão ao bairro. Buscou-se realizar, com isto, uma *checagem in loco* das informações oficiais colhidas com o objetivo de confrontá-las com os dados efetivamente disponíveis à população. Associam-se, neste momento, informações de natureza qualitativa aos dados estatísticos confrontados.

Nesta etapa participaram todos os pesquisadores de campo, tantos os do GPDU quanto os pesquisadores populares. Embora a checagem esteja fundamentada na perspectiva de verificação empírica da totalidade das ruas do bairro, no caso específico do GBJ não foi possível abranger a sua totalidade. Nem todas as ruas foram checadas em decorrência de dificuldades de acesso da equipe de pesquisa.

O conjunto destas informações tanto quantitativas quanto qualitativas foram sistematizadas no instrumento textual denominado *Caderno dos bairros*.

Cada caderno é parte integrante do *banco de dados* do Grande Bom Jardim, com sua base de dados informatizada.

Foi na comparação entre os dados oficiais coletados com os dados efetivamente existentes que a realidade emergiu em sua forma mais imediata. De qualquer modo, o confronto dessas informações é o que parece de mais revelador para o aprofundamento do debate com a comunidade do GBJ. Disparidades e contradições sobre equipamentos sociais, tais como escolas, áreas de lazer etc, políticas públicas, funções dos órgãos governamentais, limites geopolíticos entre outras questões, são reveladores de significados de natureza política na sua dimensão pública, sobretudo quando contextualizadas em situações como a do GBJ, situado nos limites entre Fortaleza, Caucaia e Maracanaú.

1.5.6. O processo consultivo

Após a fase de checagem, desenvolveu-se um processo de cotejamento e sistematização das informações, momento em que se deve retornar à comunidade para apresentação e discussão aos moradores do resultados preliminares. Com isto, foi realizada uma sucessão de *consultas-confronto* que possibilitaram o alargamento das informações e dos dados pesquisados, além de fomentar a participação dos moradores do GBJ acerca da produção de conhecimento sobre o mesmo.

Através dos debates entre pesquisadores, técnicos dirigentes das organizações e moradores, buscou-se aprofundar as problemáticas pesquisadas ao mesmo tempo em que fomentou a mobilização da opinião dos moradores e o fortalecimento de ações dos grupos já organizados ou em seu nascedouro, sobre a realidade do bairro.

O resultado destes procedimentos objetiva-se, em termos de produto final, em uma produção textual de informações sobre o bairro, chamado de

Caderno do Bairro, que também tem sua versão informatizada. Estas duas formas de visualização constituem um banco de dados contendo levantamentos estatísticos e dados etnográficos do bairro, que podem circular de mãos em mãos e possibilitarem diferentes modos de acesso de dados locais, inclusive o de ser alimentado sistematicamente com novas informações.

II - A REGIÃO DO GRANDE BOM JARDIM : Aspectos Gerais.

A contextualização histórica e demográficas do Grande Bom Jardim e dos bairros individualmente será feita nesse item a partir de dados secundários, a maioria proveniente do censo IBGE/2000. Serão também considerados as informações da etnografia rua-a-rua e pela pesquisa direta estruturada, realizadas pelo GPDU/2003, tendo o objetivo de mostrar as condições gerais da região do Grande Bom Jardim – GBJ.

2.1. Histórico

O povoamento do Ceará deu-se um século depois da invasão lusitana no Brasil. Sua ocupação passou por tensões entre nações indígenas e colonizadoras. Entretanto, o território que hoje forma o Estado do Ceará era uma faixa de terra considerável entre o meio norte e a zona açucareira do litoral nordestino, sobretudo Pernambuco e hoje o Estado da Paraíba. A ocupação do Ceará segue a história dos seus ciclos econômicos. Reconhece-se senso comum entre os historiadores que a migração foi importante fenômeno na ocupação do solo cearense, a partir de duas vertentes: Ceará de dentro e Ceará de fora. No entanto, até o ciclo econômico do Algodão, o Estado não tinha ainda definido claramente qual era sua capital política. Foi o escoamento produtivo do cultivo do algodão que fez Fortaleza tomar feição de Capital e atrair um certo grupo social com força econômica e política.

Este breve contexto histórico pode caracterizar os rumos citadinos de Fortaleza no começo do século XX, período em que a República Federativa do Brasil consolidava-se internamente e a economia externa vislumbrava seu poderio de reservas de recursos primários.

A política desenvolvimentista implementou políticas públicas voltadas para o campo industrial e cidadão. As secas no interior do nordeste brasileiro e a ausência da esfera pública neste espaço tiveram como consequência um processo migratório do campo para as cidades, apesar da existência de equipamentos federais para amenizar a situação do povo excluído no nordeste brasileiro, como nas demais regiões geo-econômico-administrativas do Brasil.

Neste contexto, a urbanização da cidade de Fortaleza poderia, assim, ser considerada produto da implementação de uma política industrial e urbana conjuntamente a uma desassistência político-administrativa da população rural. Foi a partir, sobretudo, de 1950 que Fortaleza passou a receber uma demanda populacional advinda do interior do estado, tendo uma contingência mais expressiva na década de 1960, como pode ser percebido nos relatos de estudiosos da Cidade bem como em estudos realizados pelo GPDU.

O Grande Bom Jardim foi no início do século XX uma região de grandes propriedades rurais privadas, característica da ocupação do território cearense. Isto demonstra a cultura agrária na formação da população de Fortaleza, sobretudo a geração de 1950/60, emigrada do interior do Ceará. Neste contexto, tem-se na história da região a fazenda Boa Vista, dentre outras, que desenvolveu uma cultura de compadrio, fazendo surgir pequenas comunidades agregadas. Por conseguinte, a atividade econômica destas fazendas da região era vocacionada para a criação de gado e agricultura de subsistência.

O local era agradável, com bastante árvores e inacessível ao centro da cidade. Segundo moradora da rua João XXIII, uma das entrevistadas pela pesquisa na Granja Portugal, em 1969 só existia uma linha de ônibus para atender aquela comunidade. Esta linha fazia, diariamente, somente três viagens ao centro da cidade de Fortaleza. Outro elemento da paisagem do Grande Bom Jardim que merece destaque é o rio Maranguapinho, conhecido na região como

Siqueira/Maranguapinho, poluído pelas indústrias do entorno bem como da ocupação desordenada a que vem sendo submetida a região. Os relatos orais de moradores sinalizam que a poluição deu-se a partir de 1979.

[...] “é que uma coisa que ficou na minha lembrança é que assim [...] .o Rio Siqueira. Ele não tinha a poluição que ele tem hoje. Ele era um ponto turístico. Era tanta gente no dia de domingo, que era [...] quer fazer piquenique às margens do Rio Siqueira”.
(Debatedora de um grupo focal no Grande Bom Jardim, residente na localidade desde 1969).

Há indícios de que na região havia índios que, além da atividade agrícola, viviam do artesanato, retirando da natureza os instrumentos de trabalho. Pressume-se que hoje essa população indígena esteja miscigenada com os demais grupos que ocuparam aquele lugar. Guardam-se como pistas investigativas sobre a influência da cultura indígena no GBJ trabalhos manuais como artefatos em barro e coco em comunidades específicas da região e o próprio nome do bairro Siqueira, como especulam os moradores.

Antigos moradores, marcadamente, Pedro Rocha e Lourival Bezerra, relatam que os habitantes moravam em casas de taipa, como hoje ainda são encontradas. Não obstante a sua urbanização, percebe-se que o GBJ ainda preserva espaços com características rurais, sobretudo nos bairros Siqueira e Granja Lisboa.

A partir de 1950, os proprietários de fazendas colocaram as terras à venda. Presume-se que questões familiares tenham propiciado a partilha dos bens. Os proprietários de terras na década de 1960 submeteram seus patrimônios a loteamentos. A venda das terras pelas imobiliárias coincide com a chegada de retirantes sertanejos. Os lotes eram a preços razoavelmente acessíveis.

Entre 1950 e 1960, a taxa de crescimento populacional na cidade de Fortaleza foi de quase 100%, revertendo no aparecimento de núcleos absolutamente desprovidos de infra-estrutura básica e espalhados pela periferia (Barreira, 1996). A concentração industrial, nas áreas urbanas não planejadas, atraiu uma demanda populacional, expulsa do campo ora por questões políticas ora por questões climáticas. Por outro lado, mesmo com intervenção do Governo Federal, no final da década de 1950, com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste/SUDENE, por exemplo, os problemas urbanos não foram evitados. Além do mais, intervenção como esta não teve um planejamento para uma atuação contínua nas gestões da política brasileira ao longo dos anos.

Os grupos populacionais que vinham do interior do Estado fizeram crescer o número de moradores dos bairros que compõem o Grande Bom Jardim, sobretudo aqueles atingidos pelo êxodo rural na grande estiagem ocorrida entre 1979-1984, somado ao não planejamento urbano e ausência de políticas públicas que minimizassem os efeitos decorrentes deste estado de coisa.

Hoje, o Grande Bom Jardim é composto por cinco bairros distintos: Bom Jardim, Canindezinho, Siqueira, Granja Lisboa e Granja Portugal. A nomeação dos bairros do GBJ aconteceu conforme a relação dos primeiros moradores com a natureza, pessoas e fatos. O nome Bom Jardim adveio das áreas verdes da propriedade do senhor João Gentil; Granja Portugal, pela propriedade de um senhor de nacionalidade portuguesa, chamado José Portugal. Diziam que ele tinha uma granja. Então, ficou registrado bairro Granja Portugal; Canindezinho, pela analogia entre localidades que tinham como padroeiro São Francisco de Assis. Canindé há 120km de Fortaleza, então, Canindé Grande, e uma localidade às margens da estrada General Osório de Paiva, denominada Canindé Pequeno. Assim, surgia o nome

Canindezinho. Siqueira, segundo relatos de moradores, presume-se que tenha uma origem indígena.

Entretanto, esses bairros possuem várias localidades que são consideradas pelos moradores, em muitos casos, como bairros: Parque Santa Cecília, Parque São Vicente, Parque Santo Amaro, Belém, Novo Mundo, Parque Jerusalém, Jardim Jatobá, Comunidade Nazaré, Parque São João, Sumaré, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e Inferninho, entre outras. A nomeação destas comunidades citadas acima ou foi iniciativa das imobiliárias ou foi fruto das atividades pastorais das Comunidades Eclesiais de Base da década de 1980. Algumas outras localidades, como Sete de Setembro, Oito de Dezembro, Nova Canudos, Marrocos e Pantanal são exemplos de assentamentos que se constituíram na década de 1990, o que parece sugerir que o grande Bom Jardim encontra-se em processo de urbanização.

A partir dos anos 1990, a região do Grande Bom Jardim vem procurando acompanhar o ritmo das mudanças ocorridas em Fortaleza, que se transforma a cada dia em uma das capitais brasileiras mais bem aparelhadas para investimentos locais, nacionais e internacionais, tornando-se, conseqüentemente, destino altamente requisitado por turistas do Brasil e do exterior. Mas, mesmo com esta configuração, a cidade é palco de uma das mais violentas desigualdades sociais do mundo, algo que se alastra em sua área urbana de 336 km², com 144 bairros e seis Secretarias Executivas Regionais – SERs. Nesse contexto a região do GBJ se apresenta como espaço desprivilegiado entre os demais bairros devido à sua localização periférica, distante das áreas consideradas nobres, para onde a administração municipal e, inclusive, estadual se dedica com maior afinco por ser espaço de interesse para o turismo e, conseqüentemente, possibilidade de lucratividade para o governo.

Estigmatizada como região pobre, o GBJ arrasta consigo também a denominação de zona violenta, já que violência e pobreza são sempre postas no mesmo patamar como se realmente uma fossem decorrência da outra.

2.2. Aspectos Geográficos

2.2.1. Área e Limites

Segundo Censo IBGE/2000, os bairros que compõem o território Grande Bom Jardim tem as seguintes dimensões territoriais: Granja Lisboa 619,4 ha, Granja Portugal 362,5 ha, Canindezinho 337,5 ha, Siqueira 296,8 ha, Bom Jardim 253,1ha.

A região GBJ possui limites específicos estabelecidos pela Prefeitura de Fortaleza, mas como em outras áreas da cidade não há uma correspondência com o imaginário da população que habita esses espaços. O bairro do Siqueira é um exemplo dessa indefinição, uma vez que sua fronteira ao sul tem sido adotada pelo município de Maracanaú criando entre os moradores dessa área, dúvidas quanto a sua pertença.

Conforme pode ser verificado, grande parte dos moradores se sente residente no Bairro Siqueira, mas alguns atribuem ser o bairro pertencente a Maracanaú e outros, à Fortaleza. Essa falta de demarcação dificultou inclusive a viabilização da Etnografia rua-a-rua quando os pesquisadores eram avisados de que o logradouro em que se encontravam não era mais Fortaleza e sim, Maracanaú, mesmo que no mapa de Fortaleza aquela área ainda pertencesse à Capital.

Segundo a Prefeitura Municipal de Fortaleza, as fronteiras destes cinco bairros são: **Granja Lisboa**: Norte: Conjunto Ceará II – AV. H; Sul: Bom Jardim e Siqueira – Avenida Urucutuba; Leste: Granja Portugal – Rua

Virgílio Nogueira Paz – (Cel. Fabriciano) – Aires da Cunha; Oeste: Caucaia - Rua A.

Granja Portugal: Norte: Genibaú (Rua Democrata Gondim), Conjunto Ceará I e II – Av. H; Sul: Bom Jardim – Rua Nova Conquista; Leste: Bom Sucesso e Parque São José (Riacho Maranguapinho/Siqueira); Oeste: Granja Lisboa - Rua Virgílio Nogueira Paz – (Cel. Fabriciano) – Aires da Cunha.

Canindezinho: Norte: Riacho Maranguapinho/Siqueira - Parque São José (Tv. Pirajuí); Sul: Maracanaú – Rua Martins Lima; Leste: Manuel Sátiro, Conjunto Esperança, Parque Santa Rosa e Parque Presidente Vargas – Av. Cônego de Castro Alves; Oeste: Siqueira, Bom Jardim, Granja Bom Jardim - Av. Osório de Paiva.

Siqueira: Norte: Bom Jardim - rua José Maurício; Sul: Maracanaú – rua Leandro Henrique e rua Guarapari; Leste: Canindezinho – Av. General Osório de Paiva, segue Rua Nascimento até Rio Siqueira/Maranguapinho – fronteira com município de Maracanaú; Oeste: Granja Lisboa – Av. Urucutuba.

Bom Jardim: Norte: Granja Portugal - Rua Bom Jesus, segue Rua Samaria, Rua Nova Conquista; Leste: Canindezinho - Av. Gal. Osório de Paiva; Sul: Siqueira - Rua José Maurício, e Sítio Varjota; Oeste: Granja Lisboa - Av. Urucutuba e Av. Cel. Virgílio Nogueira.

2.2.2. População Residente

Tomando-se os aspectos demográficos do IBGE/2000, percebe-se que a região do Grande Bom Jardim – GBJ possui uma população de 175.144 habitantes, equivalente ao município de Maracanaú (179.732 hab) e superior

aos municípios de Crato (104.646 hab) e Sobral (155.276 hab). Assim sendo, o GBJ merece ser discutido em todos seus aspectos e indicadores tanto por sua importância geopolítica, quanto pelas peculiaridades de cada um dos cinco bairros que a compõem, sendo notório que é pela autonomia identitária de cada bairro que estes se integram nas ações políticas comunitárias para a construção de território.

Da população residente no GBJ predomina, em todos os cinco bairros, o contingente feminino, tendo o Bairro Siqueira praticamente o mesmo número de residentes homens e mulheres. (Gráfico 2).

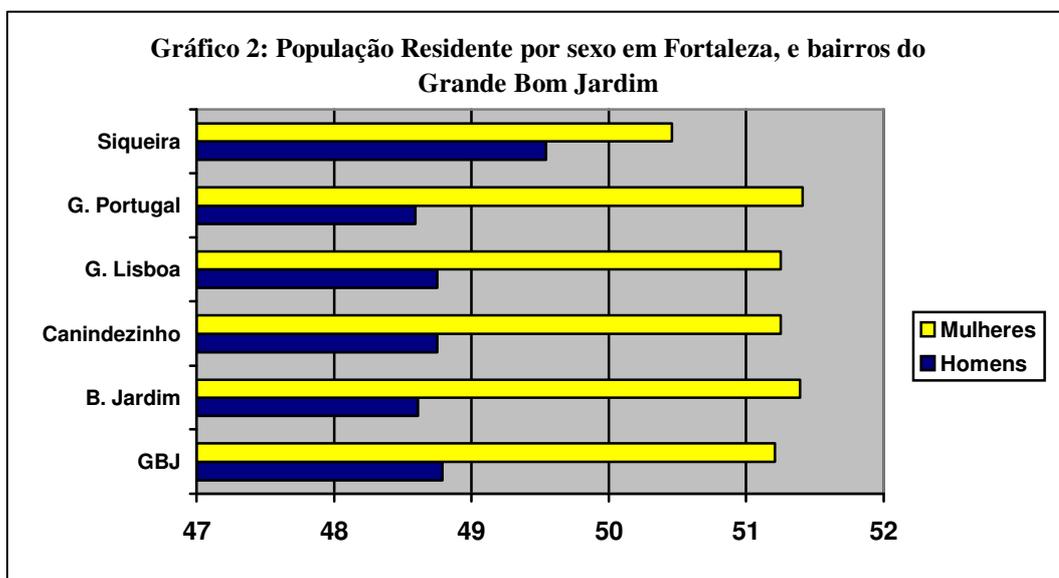
Conforme a tabela I, dos cinco bairros da região, o mais populoso é a Granja Lisboa (49.853 hab) que corresponde a 2,33% da população residente em Fortaleza e 28,5% dos residentes no GBJ; seguido da Granja Portugal (37.369 hab) e do Bom Jardim (34.507 hab).

Tabela I

População Residente por sexo em Fortaleza e bairros do Grande Bom Jardim

Região Metropolitana Fortaleza e Bairros	População residente					
	Total	Total %	Homens	Homens %	Mulheres	Mulheres %
Total	7 430 661	100,00	3 628 474	48.83%	3 802 187	51.17%
Metropolitana de Fortaleza	2 930 374		1 393 250	47.55%	1 537 124	52.45%
Fortaleza	2 141 402		1 002 236	46.80%	1 139 166	53.20%
Grande Bom Jardim	175 144	8.18%	85 461	48.79%	89 683	51.21%
Bom Jardim	34 507	1.61%	16 774	48.61%	17 733	51.39%
Canindezinho	29 688	1.39%	14 472	48.75%	15 216	51.25%
Granja Lisboa	49 852	2.33%	24 304	48.75%	25 548	51.25%
Granja Portugal	37 369	1.75%	18 156	48.59%	19 213	51.41%
Siqueira	23 728	1.11%	11 755	49.54%	11 973	50.46%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.



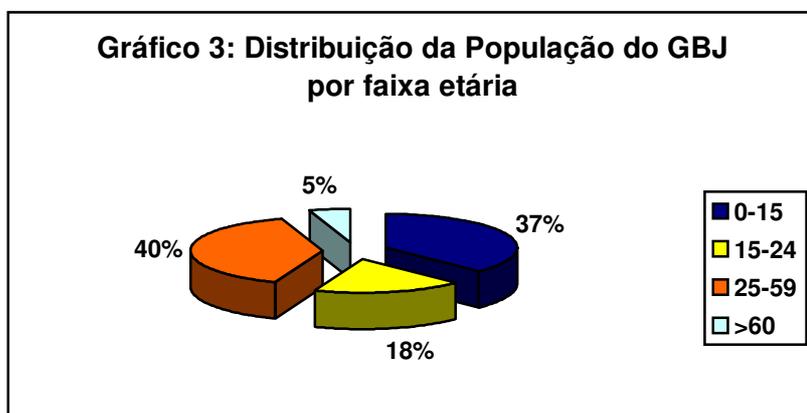
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

2.2.3. Grupos etários do GBJ.

O Gráfico 3, a seguir, demonstra a distribuição populacional do GBJ no que se refere à população considerada criança e adolescente (0 a 15 anos); jovem (16 a 24), adulto (25 a 59 anos) e idoso (acima de 60 anos). Em termos percentuais, comparando-se a população total do GBJ com a do município de Fortaleza, percebem-se as mesmas tendências de predomínio da população residente nas faixas de 0-15 anos e 25-59, ou seja, a população adulta produtiva e de crianças predomina entre os residentes.

Interessante observar que no GBJ, da população total de homens, 40,08% estão na faixa de 0-15 e 37,41% se encontram na faixa de 25-59 anos. Já para o contingente feminino, essa tendência se inverte: há mais mulheres na faixa 25-59 anos (39,32%) que na faixa 0-15 anos (37,36%). Essa tendência, que também é nacional, predomina em todos os cinco bairros da região.

Crianças e jovens em atividades lúdicas cotidianas.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Em termos absolutos, pensar cada faixa selecionada representa populações imensas necessitadas de políticas específicas para cada faixa etária. Cada faixa etária, como se poderá observar, a seguir:

- Uma região que aglutina 67.760 crianças entre 0-15 anos necessita de creches, postos de saúde, saneamento e escolas para um mínimo de qualidade de vida;
- Tomando-se a população considerada jovem, por estar provavelmente ingressando no mercado de trabalho, percebe-se que o GBJ possui 31.514 residentes, nessa faixa etária, necessitados de oportunidades de escolas, experiência profissional (primeiro emprego) e assistência que os preparem para o enfrentamento do mundo do trabalho na era de reestruturação produtiva e globalização, onde o discurso da empregabilidade tende a culpar aqueles que não conseguem ingressar no mercado de trabalho;

• Por outro lado, há que se considerar um contingente de 67.234 adultos que deveriam está empregados ou dirigindo seus próprios empreendimentos, já que essa faixa etária é considerada faixa mais produtiva do ser humano;

• Por fim, a região possui 8.636 idosos para quem poderiam ser direcionadas políticas de atendimento e aproveitamento de suas experiências em atividades produtivas, sem que fosse necessária essa população se sentir excluída do mercado e, conseqüentemente, da participação social como cidadãos.

**Tabela II - População residente, por grupos de idade,
segundo os Bairros e o sexo -**

	Total	0-15	%	15-24	%	25-59	%	mais 60	%
Total	7 430 661	2 663 885	35.85 %	1 332 491	17.93 %	2 775 296	37.35 %	658 989	8.87%
Fortaleza	2 141 402	675 192	31.53 %	405 176	18.92 %	900 803	42.07 %	160 231	7.48%
Homens	1 002 236	339 859	33.91 %	190 543	19.01 %	408 736	40.78 %	63 098	6.30%
Mulheres	1 139 166	335 333	29.44 %	214 633	18.84 %	492 067	43.20 %	97 133	8.53%
Grande Bom Jardim	175 144	67 760	38.69 %	31 514	17.99 %	67 234	38.39 %	8 636	4.93%
Homens	85 461	34 257	40.08 %	15 521	18.16 %	31 967	37.41 %	3 716	4.35%
Mulheres	89 683	33 503	37.36 %	15 993	17.83 %	35 267	39.32 %	4 920	5.49%
Bom Jardim	34 507	12 841	37.21 %	6 283	18.21 %	13 360	38.72 %	2 023	5.86%
Homens	16 774	6 547	39.03 %	3 041	18.13 %	6 328	37.73 %	858	5.12%
Mulheres	17 733	6 294	35.49 %	3 242	18.28 %	7 032	39.65 %	1 165	6.57%
Canindezinho	29	11	39.82	5 083	17.12	11	39.26	1 127	3.80%

	688	822	%		%	656	%		
Homens	14 472		41.54 %	2 427	16.77 %	5 544	38.31 %	490	3.39%
Mulheres	15 216	5 811	38.19 %	2 656	17.46 %	6 112	40.17 %	637	4.19%
Granja Lisboa	49 852	19 570	39.26 %	9 022	18.10 %	18 954	38.02 %	2 306	4.63%
Homens	24 304	9 833	40.46 %	4 504	18.53 %	8 992	37.00 %	975	4.01%
Mulheres	25 548	9 737	38.11 %	4 518	17.68 %	9 962	38.99 %	1 331	5.21%
Granja Portugal	37 369	13 929	37.27 %	7 065	18.91 %	14 250	38.13 %	2 125	5.69%
Homens	18 156	7 018	38.65 %	3 533	19.46 %	6 687	36.83 %	918	5.06%
Mulheres	19 213	6 911	35.97 %	3 532	18.38 %	7 563	39.36 %	1 207	6.28%
Siqueira	23 728	9 598	40.45 %	4 061	17.11 %	9 014	37.99 %	1 055	4.45%
Homens	11 755	4 848	41.24 %	2 016	17.15 %	4 416	37.57 %	475	4.04%
Mulheres	11 973	4 750	39.67 %	2 045	17.08 %	4 598	38.40 %	580	4.84%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000

2.3. Moradia

2.3.1. Moradores por domicílios

A média domiciliar do GBJ é próxima da média de Fortaleza, sendo 4,25 pessoas por domicílio, destacando-se os bairros da Granja Portugal com 4,32 moradores por domicílio, seguidas pelos bairros Bom Jardim (4,29) e Granja Lisboa (4,28). (tabela III)

Tabela III: Média de Moradores por Domicílios Particulares Permanentes

Mesorregiões, Microrregiões, Municípios, Distritos, Subdistritos e Bairros (1)	Domicílios particulares permanentes		Média de moradores por domicílio particular permanente	
	Total	Total	Situação do domicílio	
			Urbana	Rural
Total.....	1 757 888	4.21	4.10	4.51
Metropolitana de Fortaleza.....	710 542	4.10	4.09	4.50
Fortaleza.....	526 079	4.05	4.05	-
Grande Bom Jardim.....	41 155	4,25	4,25	-
Bom Jardim.....	8 037	4.29	4.29	-
Canindezinho.....	7 192	4.12	4.12	-
Granja Lisboa.....	11 605	4.28	4.28	-
Granja Portugal.....	8 638	4.32	4.32	-
Siqueira.....	5 683	4.17	4.17	-

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

2.3.2. Tipo de domicílios

O GBJ assim como Fortaleza possuem a casa como principal residência permanente, embora as condições precárias dos domicílios

verificadas na etnografia rua-a-rua tenham demonstrado a necessidade de uma política de melhoria das condições de moradia na Região. Na pesquisa de campo observou-se que predominam os domicílios feitos de alvenaria (98,04%), entretanto, 83,15% deles se caracterizam como domicílios com até 2 quartos, 91,01% possuem, pelo menos, um banheiro (ressaltando-se que 8,99% responderam não ter banheiro em casa); 93,65% têm cozinha e apenas 68,20% tem uma sala de estar. Os demais cômodos (sala de jantar, varanda, quintal, área de serviço e garagem apareceram com baixos percentuais).

Em verdade, registrou-se nesses pequenos domicílios no GBJ uma superpopulação, onde 44,94% dos respondentes afirmaram ter cinco ou mais de cinco pessoas morando nas suas residências, seguidos de 23,49% com quatro pessoas, 18,86% com três e apenas 3,63% moram sozinhos. Dentre os bairros com densidade domiciliar mais significativa, destacam-se Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. (tabela IV)

Tabela IV: Densidade domiciliar do Grande Bom Jardim

Quantidade de pessoas p/ domicílio	GBJ	Bom Jardim	Caninde zinho	Granja Lisboa	Granja Portugal	Siqueira
Uma	3,63	3,40	1,89	3,77	4,15	4,91
Duas	9,06	6,79	9,85	9,43	10,57	8,68
Três	18,88	23,02	19,70	15,85	16,23	19,62
Quatro	23,49	25,28	28,41	20,00	23,02	20,75
Cinco	18,20	19,62	20,08	19,25	16,98	15,09
Mais de cinco	26,74	21,89	20,08	31,70	29,06	30,94

Fonte: Pesquisa Direta – GPDU/CDVHS – 2003

2.3.3. Condição de ocupação dos domicílios

Ainda considerando os dados do IBGE, confirmados na pesquisa de campo do GPDU, o GBJ possui 74,43% de seus domicílios considerados quitados enquanto que 5,37% estão em processo de aquisição e 11,98% são alugados, se comparados, demonstra uma condição melhor que a de Fortaleza como um todo. Entretanto, a pesquisa de campo do GPDU constatou que este fato advém das facilidades com que se adquiria lotes de terras nas décadas de 1960-70, pela relação entre retirantes e imobiliárias. Posteriormente, nas décadas de 1980/90, os bairros do GBJ, através da atuação de lideranças formadas pelas Comunidades Eclesiais de Base e serviços pastorais, realizaram ocupações de terras. Estes fatos históricos ratificaram o elevado número de domicílios quitados nestes bairros, conforme tabela a seguir.

Tabela V: Condição de ocupação dos domicílios

Mesorregiões, Microrregiões, Municípios, Distritos, Subdistritos e Bairros (1)	Domicílios particulares permanentes												
	Total	Condição de ocupação do domicílio											
		Próprio				Alugado	Cedido				Outra		
		Já quitado	Em aquisição		Por empregador		De outra forma						
Total.....	1 757	1 250	71.11	62	3.57	211	12.04	73	4.1	134	7.6	26	1.4
.....	888	105	%	775	%	639	%	114	6%	174	3%	081	8%
Metropolitana de Fortaleza..	710	494	69.55	50	7.17	109	15.46	12	1.7	30	4.2	13	1.8
.....	542	170	%	912	%	835	%	307	3%	055	3%	263	7%
Fortaleza.....	526	357	68.04	40	7.62	93	17.70	3	0.7	20	3.9	10	2.0
.....	079	935	%	067	%	140	%	661	0%	601	2%	675	3%
Grande Bom Jardim.....	41	30	74.43	2	5.37		11.98		0.2		4.8	1	3.1
.....	155	630	%	211	%	4 931	%	115	8%	1 991	4%	277	0%
Bom Jardim.....			75.54		2.54		14.50		0.2		5.6		1.4
.....	8 037	6 071	%	204	%	1 165	%	22	7%	455	6%	120	9%
Canindezinho			73.75		2.25		8.31		0.2		8.1		7.2
.....	7 192	5 304	%	162	%	598	%	20	8%	589	9%	519	2%
Granja Lisboa.....	11		69.40	1	11.60		10.80		0.2		3.3		4.6
.....	605	8 054	%	346	%	1 253	%	26	2%	386	3%	540	5%

Granja Portugal.....			76.61		0.79		17.12		0.2		4.2		1.0
.....	8 638	6 618	%	68	%	1 479	%	20	3%	367	5%	86	0%
Siqueira.....			80.64		7.58		7.67		0.4		3.4		0.2
.....	5 683	4 583	%	431	%	436	%	27	8%	194	1%	12	1%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) A indicação dos Subdistritos e Bairros ocorre apenas para os Municípios que os possuem. (2) De acordo com a legislação vigente, o Subdistrito não está contido em um único distrito.



Travessa Gelnice comunidade Beira Rio – Parque Jerusalém - Canindezinho

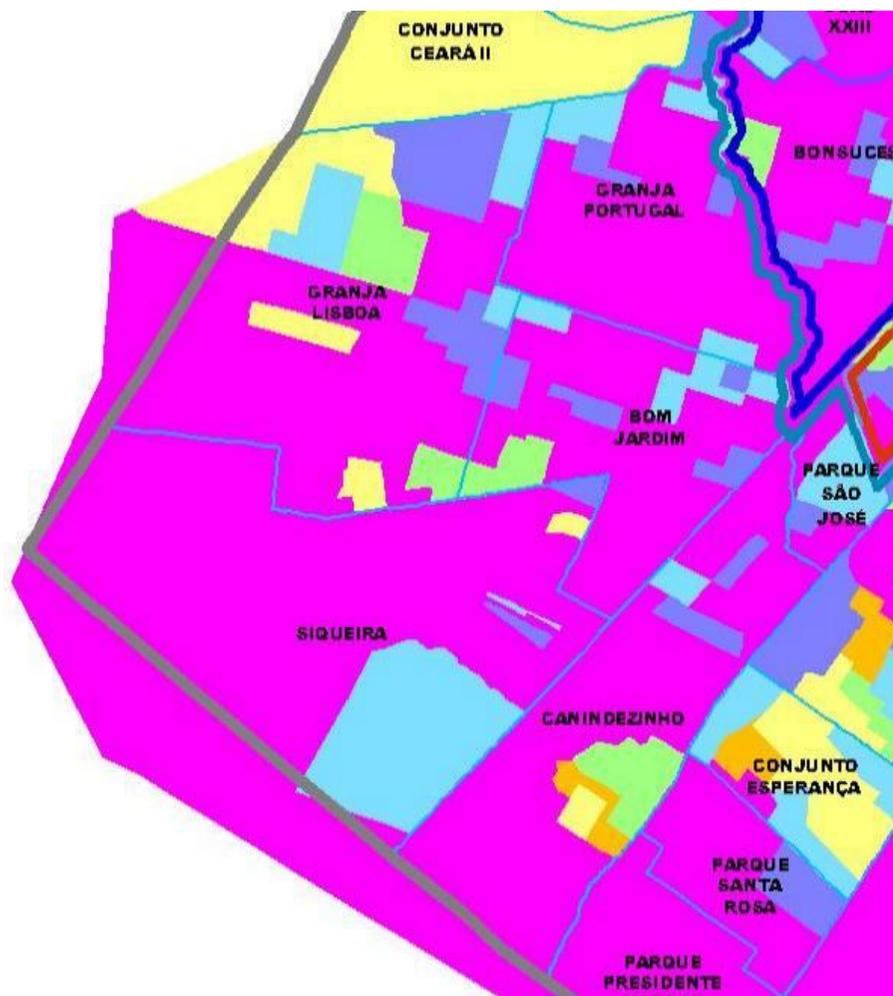
Porém, como os números nem sempre refletem a realidade e sim um verdade conjuntural, é sabido que a região possui sérios problemas de moradia. Destacam-se o tamanho insuficiente dos domicílios para abrigar a média de moradores, conforme foi identificado na etnografia rua-a-rua. Ademais, a qualidade de muitos domicílios está comprometida pela dificuldade de os

moradores conservarem suas residências, dado a dificuldade financeira das famílias e, sobretudo, às condições insalubres de moradia de grande parte da população. Embora o percentual de domicílios próprios seja elevado, constatou-se na pesquisa de campo que muitos moradores ainda não possuem um documento legal de comprovação da aquisição do imóvel, sendo os depoimentos baseados principalmente na convicção dos moradores.

Em termos absolutos, nos bairros o Bom Jardim, Granja Lisboa e Granja Portugal percebe-se a maior incidência de imóveis alugados, ressaltando-se que esses bairros possuem o maior número de domicílios, ao contrário do Siqueira, que é o bairro menos povoado dos cinco, embora se destaque por ter muitos moradores por domicílios.

Deve-se ressaltar que o bairro Siqueira está em fase de ocupação do solo, em processo de urbanização, predominando pequenos sítios e terrenos a serem loteados ou em processo de ocupação. Este bairro ainda não dispõe da mesma estrutura urbana que os demais.

Aspectos rurais do bairro Siqueira



OBS.: setores em branco - informações inconsistentes

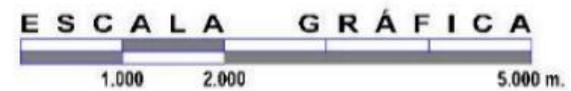


Tabela VI - População residente, por espécie do domicílio e tipo do domicílio particular permanente, segundo os Bairros - Ceará

Bairros	População residente														
	Total	Espécie do domicílio													
		Domicílio particular													Unidade de habitação em domicílio coletivo
	Total			Permanente						Improvizado					
				Total		Casa		Apartamento							Cômodo
Total.....	7 430 661	7 420 084	99.86 %	7 394 746	99.52 %	7 047 397	94.84 %	319 687	4.30 %	27 662	0.37 %	25 338	0.34 %	10 577	0.14 %
Metropolitana de Fortaleza	2 930 374	2 924 239	99.79 %	2 915 420	99.49 %	2 607 881	88.99 %	291 433	9.95 %	16 106	0.55 %	8 819	0.30 %	6 135	0.21 %
Fortaleza.....	2 141 402	2 137 464	99.82 %	2 131 931	99.56 %	1 854 402	86.60 %	264 843	12.37 %	12 686	0.59 %	5 533	0.26 %	3 938	0.18 %
Grande Bom Jardim.....	175 144	175 124	99.99 %	174 886	99.85 %	168 981	96.48 %	4 865	2.78 %	1 040	0.59 %	238	0.14 %	20	0.01 %
Bom Jardim.....	34 507	34 500	99.98 %	34 468	99.89 %	33 389	96.76 %	781	2.26 %	298	0.86 %	32	0.09 %	7	0.02 %
Canindezinho.....	29 688	29 681	99.98 %	29 663	99.92 %	27 656	93.16 %	1 923	6.48 %	84	0.28 %	18	0.06 %	7	0.02 %

Granja Lisboa.....			99.99		99.72		98.67		0.49		0.56		0.26		0.01
..	49 852	49 846	%	49 714	%	49 190	%	244	%	280	%	132	%	6	%
Granja Portugal.....			100.00		99.94		95.89		3.37		0.69		0.06		0.00
...	37 369	37 369	%	37 348	%	35 834	%	1 258	%	256	%	21	%	-	%
Siqueira.....			100.00		99.85		96.56		2.78		0.51		0.15		0.00
.....	23 728	23 728	%	23 693	%	22 912	%	659	%	122	%	35	%	-	%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) A indicação dos Subdistritos e Bairros ocorre apenas para os Municípios que os possuem. (2) De acordo com a legislação vigente, o Subdistrito não está contido em um único distrito.

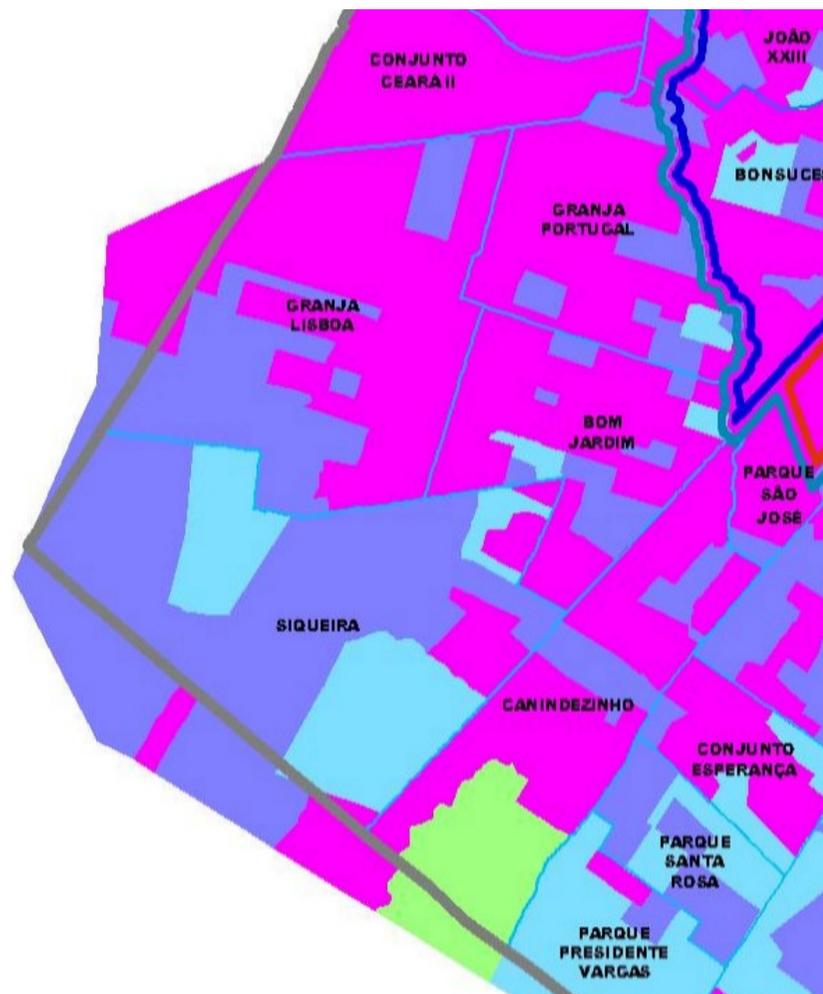
Tabela VII: Formas de abastecimentos de água

Bairros	Domicílios particulares permanentes			
	Total	Forma de abastecimento de água		
		Rede geral	Poço ou nascente (na propriedade)	Outra

		Total		Total		Total	
Total.....	1 757 888	1 068 746	60.80%	360 737	20.52%	328 405	18.68%
Metropolitana de Fortaleza.	710 542	564 395	79.43%	96 004	13.51%	50 143	7.06%
Fortaleza.....	526 079	458 819	87.21%	48 984	9.31%	18 276	3.47%
Grande Bom Jardim.....	41 155	37 703	91.61%	1 144	2.78%	2 308	5.61%
Bom Jardim..... .	8 037	7 385	91.89%	242	3.01%	410	5.10%
Canindezinho.....	7 192	6 541	90.95%	101	1.40%	550	7.65%
Granja Lisboa.....	11 605	10 886	93.80%	290	2.50%	429	3.70%
Granja Portugal.....	8 638	7 927	91.77%	205	2.37%	506	5.86%
Siqueira.....	5 683	4 964	87.35%	306	5.38%	413	7.27%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) A indicação dos Subdistritos e Bairros ocorre apenas para os Municípios que os possuem. (2) De acordo com a legislação vigente, o Subdistrito não está contido em um único distrito.



- 0 - 20
- 20 - 40
- 40 - 60
- 60 - 80
- 80 - 90
- 90 - 100 (%) domicílios com abastecimento de água

OBS.: setores em branco - informações inconsistentes



2.4. Infra-Estrutura

2.4.1. Forma de abastecimento de água

O Sistema de Abastecimento de Água do Município de Fortaleza é composto por um conjunto de canalizações que formam o Sistema Produtor, Adutor e Macro Distribuidor da Região Metropolitana de Fortaleza, denominado Sistema Integrado Gavião, responsável pelo abastecimento de alguns municípios integrantes da Região Metropolitana. O sistema de abastecimento de Fortaleza em 2001, cuja população total era de 2.159.555 habitantes, atendia um contingente de 1.936.626 habitantes, o que representava uma abrangência de 90% (em 2000 o IBGE computava 91,61%).

O abastecimento de água se dá pela rede geral, segundo o IBGE-2000, em 91,61% dos domicílios do Grande Bom Jardim, sendo superior ao percentual de Fortaleza (87,21%). Dos cinco bairros da região, merece destaque a Granja Lisboa com 93,80% de seus domicílios ligados em rede geral.

Segundo depoimento de moradores da Granja Lisboa, o bairro foi contemplado pelo abastecimento d'água em 1984. A primeira rua a ser ligada à Companhia de Abastecimento d'água e Esgoto do Estado do Ceará foi a Oscar Araripe. As primeiras ligações domiciliares d'água ocorreram de forma coletiva por meio de mutirões. A primeira ligação coletiva atendeu mais de 300 unidades domiciliares e todo o processo de organização, reivindicação e atendimento levou três meses. As comunidades carentes organizavam-se associativamente e solicitavam a instalação do ramal. Aos poucos o sistema de abastecimento foi sendo estabelecido nos logradouros.

Contudo, até a década de 1990, ainda existiam ruas antigas que não haviam sido beneficiadas. Ruas recém construídas, localizadas entre a rua Bom Jesus e a Urucutuba carecem do abastecimento d'água. De acordo com informações de uma, moradora e líder comunitária na Granja Lisboa, o mais

recente mutirão, com cerca de vinte famílias, espera a instalação coletiva em suas residências. De 2000-2004, a comunidade conquistou 2000 ligações.

O bairro Siqueira ainda possui 5,38% de seus domicílios com água de poço ou de nascente na propriedade, sendo a maioria não canalizada. Esta situação atinge 3,01% dos domicílios do Bom jardim, 2,5% da Granja Lisboa e 2,37% da Granja Portugal. Na etnografia rua-a-rua, não foi verificado um índice tão elevado de abastecimento de água por rede geral como mostram os números. Pelos depoimentos, foi constatado que possivelmente o número de cortes por falta de pagamento pode ser significativo na região.

Interessante observar que a utilização de parceria entre instituição do governo e comunidades ocorre na instalação de serviços públicos, sendo parte das reivindicações e pressões da população local, que insiste em ser ator das mudanças.

2.4.2. Banheiros e Sanitários

O GBJ possui um percentual de domicílios com banheiro inferior à média de Fortaleza (93,28% e 96,77% respectivamente). Desse total, que representa cerca de 38.389 domicílios, observa-se que 12,50% esgotam seus dejetos em rede geral de esgoto ou pluvial; 16,24% têm fossa séptica e a maioria, 65,79% têm fossa rudimentar. Isto denota descaso contínuo de políticas públicas nas áreas da saúde e meio-ambiente nos bairros periféricos, em especial os do GBJ. Além do perigo para o lençol freático do uso de fossa rudimentar, percebe-se que na região ainda se pratica o esgotamento dos dejetos para valas em 530 domicílios e em 1.569 unidades familiares, os dejetos são jogados no rio ou em outro tipo de escoamento, por exemplo, a céu aberto, como foi verificado em muitas ruas durante a pesquisa de campo. Esta é uma característica comum a todos os bairros do GBJ.

Segundo IBGE-2000, no que se refere à ausência total de banheiro ou sanitário nas residências, o percentual do Grande Bom Jardim é muito elevado em relação ao total de Fortaleza. Enquanto Fortaleza possui 3,23% dos domicílios nessas condições, o GBJ possui 6,72%. O campeão nesse quesito é o bairro do Siqueira com 13,21% dos domicílios sem banheiro nem sanitário, ficando em segundo lugar o Canindezinho com 7,27% dos domicílios nessas condições. Ao todo, o GBJ possui 2.766 domicílios sem banheiro ou sem sanitário, o que representa um grave problema para o meio ambiente e para a saúde da população.

2.4.3. Destino do lixo

O destino que a população dá ao lixo tem trazido problemas às grandes cidades, sobretudo onde a coleta não é sistemática e não abrange todas as ruas da cidade, como é o caso de Fortaleza, e em particular nos bairros periféricos, onde há logradouros sem coleta de lixo, sobretudo, porque há lugares inacessíveis ao acesso do carro de coleta.

Segundo o IBGE, em Fortaleza, 95,20% dos domicílios coletam o lixo produzido. No Grande Bom Jardim, esse percentual corresponde a 87,72%. Dos bairros da região, o que menos faz coleta de lixo é o Siqueira, onde apenas 78,66% dos domicílios recolhem do lixo produzido. Enquanto a performance do Siqueira é a mais baixa no quesito coleta de lixo, é lá onde se queima mais lixo nas propriedades, sendo o lixo queimado em 4,87% do total de domicílios. É

também o Siqueira o campeão de lixo jogado em terreno baldio, lá 15,38% dos domicílios praticam esse desmando contra a natureza.

O que é mais alarmante no GBJ é que o percentual de lixo jogado em terrenos baldios é de 8% dos domicílios, o que corresponde, na região, 3.292 domicílios jogando seu lixo em terrenos. Esse número assusta quando se percebe que em toda Fortaleza o percentual de domicílios praticando a mesma ação é de 3,14% dos domicílios.

Lixo acumulado nas ruas.

Outro número estarrecedor é que na Granja Portugal há 302 domicílios jogando o lixo no rio Siqueira/Maranguapinho. São 493 residências sendo obrigadas a praticar o mesmo crime ecológico. Esses dois bairros elevam o percentual total da região que ultrapassa em muito o município de Fortaleza. Em verdade, enquanto 0,78% dos domicílios da Capital jogam seu lixo em rios, mar ou lagos, no GBJ são 2,13% dos domicílios praticando esse ato pela carência de um suporte de limpeza urbana, conforme demonstra tabela VII.

Ressalte-se ainda a constatação em entrevistas focais que foi a partir de 1979 que o rio Siqueira/Maranguapinho passou a receber dejetos industriais. Neste sentido, acrescenta-se à questão a carência de uma política de preservação ambiental, a cultura da não preservação ambiental.

Na etnografia rua-a-rua verificou-se que em muitas ruas do GBJ o lixo é amontoado em muros, esquinas e terrenos baldios e, diante da gravidade dessa situação, há que se pensar com urgência outras alternativas para o destino do lixo.

Tabela VII: Domicílios particulares permanentes, por destino do lixo, segundo as Mesorregiões, as Microrregiões, os Municípios, os Distritos, os Subdistritos e os Bairros - Ceará

Mesorregiões, Microrregiões, Municípios, Distritos, Subdistritos e Bairros (1)	Domicílios particulares permanentes								
	Total	Destino do lixo							
		Coletado			Queimado (na propriedade)	Enterrado (na propriedade)	Jogado em terreno baldio ou logradou ro	Jogado em rio, lago ou mar	Outro destino
Total	Por serviço de limpeza	Em caçamba de serviço de limpeza							
Total.....	1 757 888	1 080 765	895 144	185 621	196 545	28 314	399 343	9 826	43 095
Metropolitana de Fortaleza	710 542	637 615	582 870	54 745	24 377	5 843	36 336	4 755	1 616
Fortaleza.....	526 079	500 837	477 512	23 325	3 151	828	16 543	4 120	600
Bom Jardim.....	8 037	7 367	7 146	221	52	5	556	53	4
Canindezinho..... ..	7 192	6 055	5 315	740	106	9	453	493	76
Granja Lisboa.....	11 605	10 320	9 982	338	182	29	1 037	22	15
Granja	8 638	7 889	7 852	37	58	12	372	302	5

Portugal.....									
Siqueira.....	5 683	4 470	4 204	266	277	22	874	5	35
...									

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) A indicação dos Subdistritos e Bairros ocorre apenas para os Municípios que os possuem. (2) De acordo com a legislação vigente, o Subdistrito não está contido em um único distrito.

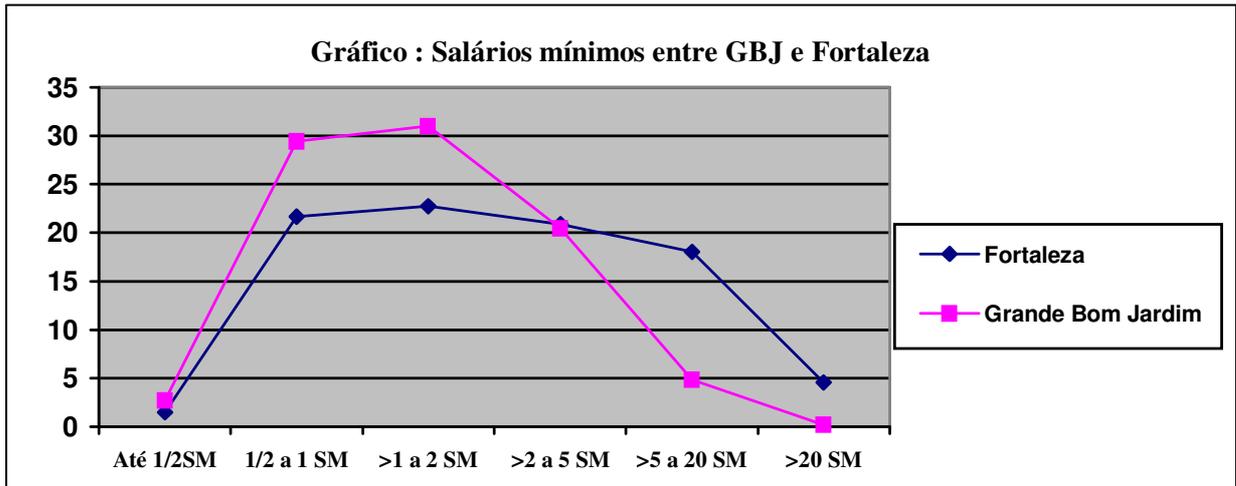
2.5. Nível de renda

2.5.1. Rendimentos do chefe do domicílio

Quando se analisa o nível de renda dos chefes de domicílios, percebe-se que o grande Bom Jardim é uma região pobre e com um elevado contingente de excluídos do mercado de trabalho, considerando que a exclusão do mercado de trabalho é desencadeadora de exclusão nos outros âmbitos da vida das pessoas (Santos, 2003; Rodgers, 1999).

Conforme o IBGE-2000, enquanto em Fortaleza o contingente de chefes de família com renda mensal de até $\frac{1}{2}$ SM representa 1,53%, no GBJ esse percentual é de 2,72%, o que significa 4.749 chefes de família em condições extremamente precárias, sobretudo considerando que cada domicílio tem em média 4,25 pessoas. Nessa faixa de salário o bairro que mais se destaca é a Granja Lisboa, com 3,62% de seus chefes de domicílios ganhando menos que $\frac{1}{2}$ SM. Este quadro foi comprovado na pesquisa de campo que identificou atividades de baixa monta para a maioria dos moradores.

Para completar o quadro de miséria, observa-se que os chefes de domicílios sem rendimentos chega a 11,30% no GBJ, ressaltando-se os bairros Canindezinho, com 14,31% (4.245 pessoas) e Granja Portugal, com 13,67% (5.105 pessoas). Destaca-se no sentido positivo a Granja Lisboa cujo percentual de chefes de domicílios sem rendimentos é de 5,98%, embora esse pequeno percentual represente em termos absolutos 2.972 responsáveis pelos domicílios sem rendimento nesse bairro. O fato é que há, somente no GBJ, um contingente de 19.759 chefes de domicílios sem rendimentos, o que significa sérios problemas para a região e, conseqüentemente, para a cidade de Fortaleza.



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS

As faixas salariais predominantes são as de $\frac{1}{2}$ SM até 5 SM, quando o GBJ apresenta um percentual de 80,94% dos chefes de seus domicílios nessa condição, destacando-se que até a faixa de até 2 SM já estão 63,18% dos chefes de domicílios da região. Vale ressaltar que nas três primeiras faixas, o GBJ tem o percentual maior que o de Fortaleza. Na quarta faixa (2 a 5 SM), o percentual é tecnicamente igual e daí em diante, Fortaleza supera o percentual do GBJ. Só para ilustrar, nas faixas de 5 a 20 SM, enquanto Fortaleza possui 18,07% de chefes de domicílios nesse nível de renda, no GBJ esse percentual é 4,85%. Este quadro foi comprovado na pesquisa de campo que identificou atividade de baixa monta para a maioria dos moradores.

Importante salientar que, enquanto a Granja Portugal apresenta-se entre os bairros que possuem mais chefes de família sem rendimento, este bairro também apresenta maiores rendimentos, no mesmo bairro.



Logradouro na Granja Lisboa

A Granja Lisboa pareceu possuir melhores condições de rendimento dos chefes de domicílios, haja vista que este bairro apresenta maiores percentuais nas fixas médias de renda, possuindo, assim, o maior número de moradores com rendimentos medianos. Como relevantes pontos de análise, este bairro possui um considerável número de equipamentos públicos, de entidades associativas, de obras públicas construídas em mutirão. Por outro lado, deve-se pontuar que a comunidade Parque Santa Cecília contribui significativamente para este fenômeno, assim como os conjuntos habitacionais que formam o bairro.

2.6. Economia

Os dados sobre a economia do GBJ tiveram como fonte de informação, tanto a pesquisa estruturada, como também da etnografia rua-a-rua que catalogou todos os estabelecimentos comerciais dos logradouros checados nos cinco bairros³.

No GBJ a categoria de autônomo foi a mais recorrente, com 23,94% das respostas, predominando as seguintes ocupações: pequenos comerciantes (20,96%), artesãos (12,58%), costureiras (10%), camelôs/ambulantes (8,71%), faxineiras/diaristas (8,21%) e trabalhador da construção civil (6,45). Conforme se observa, são exemplos de profissões de suporte da pirâmide social, daí ser a faixa salarial predominante entre os trabalhadores entrevistados pelo GPDU de até 3 salários mínimos

Tabela IX: Natureza da ocupação no GBJ

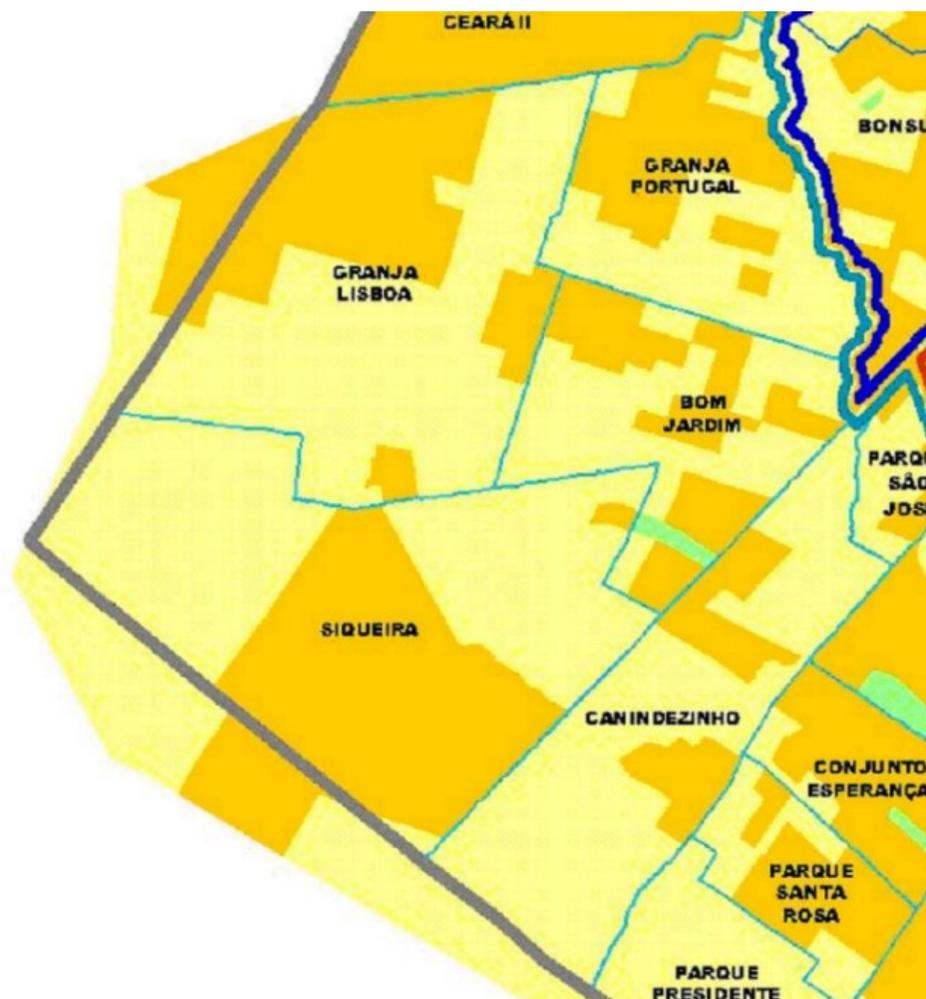
	GBJ	Bom Jardim	Canindezinho	Granja Lisboa	Granja Portugal	Siqueira

³ Nesse último procedimento metodológico só não foi possível detectar alguns prestadores de serviços que não indicam em seus domicílios sua oferta de trabalho. Para esses casos, recorreu-se aos dados do IBGE.

Autônomo	23,94	24,15	26,89	18,87	24,15	25,66
Dona de casa	23,19	24,91	19,70	28,30	23,40	19,62
Desempregado	16,77	13,96	18,56	16,60	13,96	20,75
Aposentado	7,02	9,06	5,30	6,42	8,30	6,04
Assal. c/ carteira	8,99	7,92	11,36	8,30	10,19	7,17
Assal. s/ carteira	7,93	9,81	6,82	10,94	6,42	5,66
Estudantes	10,80	10,19	9,47	9,43	11,70	13,21
Outros						

Fonte: pesquisa direta GPDU/CDVHS 2003.

Uma ocupação freqüentemente mencionada foi a de dona de casa, que embora exercendo uma atividade laboral, não é computada como população ativa. Sendo a segunda maior ocupação e sabendo-se que a maioria da população é feminina, percebe-se uma carência de ocupações remuneradas para esse contingente, de modo que elas possam continuar seus serviços domésticos e auferirem renda. Destaca-se nesse item o bairro Granja Lisboa com 28,30% dos respondentes na categoria referida, ao que leva uma suposição de que elas fazem parte daqueles trabalhadores que o IBGE identifica como população inativa.



- 0 - 100
- 100 - 250
- 250 - 500
- 500 - 1.000
- 1.000 - 1.500
- 1.500 - 2.860 (R\$) de renda per capita

OBS.: setores em branco - informações inconsistentes



O percentual de desempregados é muito grande, sobretudo no Siqueira⁴. Na pesquisa de campo ao respondente que se denominou desempregado não foi feita a pergunta se ele estava efetivamente procurando emprego, o que iria definir sua condição de ser ou não desempregado. Porém, a informação da forma que foi obtida é importante porque ressalta alguns aspectos curiosos:

- O respondente se sente desempregado e assim denomina-se como tal;
- As donas de casa e os estudantes, que poderiam ser considerados desempregados se estivessem pressionando o mercado de trabalho, assumiram-se como tão somente, donas de casa e como estudantes;
- Para a população em geral ser desempregado é apenas não ter um emprego, mesmo que não haja pressão no mercado de trabalho.

É importante ressaltar o peso dos aposentados na renda familiar. Variando em média de 7,02% para o GBJ percebe-se que uma projeção desse percentual para a população total da região ficaria em torno de 12.295 pessoas.

Os assalariados com carteira assinada são apenas 8,99%, comparando-se às outras categorias, devendo-se ressaltar os bairros Bom Jardim e Granja Lisboa, que apresentam maiores percentuais de assalariados sem carteira assinada que com carteira

Indagados se gostariam de trabalhar em outra atividade, foi interessante perceber que 52,41% responderam negativamente, o que leva a suposição de que os autônomos pequenos comerciantes elevaram esse percentual. Por outro lado, os que afirmaram querer mudar de profissão não aparentavam ter algo definido sobre o que deveriam fazer. O grande percentual

⁴ Há que se ressaltar que a denominação de desempregado não é necessariamente a mesma dos órgãos oficiais de pesquisa uma vez que desemprego é pressão sobre o mercado de trabalho e se não há pressão não há

de resposta nesse item foi: “qualquer coisa” (23,86%)⁵, serviços domésticos e diaristas (11,36%) e os demais percentuais dividiram-se em inúmeras atividades que predominavam as de nível técnico como: vendedor, costureira, secretária, motorista, bancário, trabalhador de escritório, segurança. As de nível universitário mais recorrentes foram: Enfermeira, Farmacêutico e Assistente Social. Como pode ser observado, são profissões relacionadas à assistência, geralmente as preferidas do contingente feminino (que predomina na região).

Tomando-se os bairros separadamente, verifica-se nos “Cadernos do Bairro”, elaborados a partir da etnografia rua-a-rua, que o número de atividades econômicas é característica de uma região de baixo poder aquisitivo da população que necessita recorrer a pequenos comércios próximo de suas residências, alimentando assim uma atividade econômica informal de grande importância.

Cada bairro possui suas especificidades de equipamentos econômicos, mas, via de regra, não é possível encontrar determinados produtos e serviços na região. Possivelmente há falta de informação sobre sua existência por serem micro-negócios ou trabalhadores autônomos sem qualquer estratégia de marketing, o que os torna desconhecidos no local. Diante disso, é possível considerar o Caderno do Bairro uma fonte importante de informação sobre os equipamentos existentes na região e evitar que a população, muitas vezes, tenha de recorrer a outra localidade em busca de um produto ou serviço que existe próximo à sua residência.

Tabela X: Resumo dos equipamentos que caracterizam a economia dos bairros do GBJ

Indicador	Gera	Canindezinh	Granj	Granja	Bom	Siqueir
-----------	------	-------------	-------	--------	-----	---------

desemprego.

⁵ Sobretudo, evidenciam-se nesta categoria as donas de casa e os autônomos sem atividade regular.

	1	o	a Lisbo a	Portuga l	Jardi m	a
Economia						
Mercadinho/mercearias	797	93	304	253	76	71
Centro comercial	5			1	2	2
Farmácia	14	3	3	3	4	1
Salão de beleza	146	11	56	43	29	7
Banca de revista	4		1	2	1	
Motel	2	2				
Oficinas	157	24	46	56	26	5
Restaurante	58	11	19	15	4	9
Fabrica	25	10	2	12	1	
Padaria	35	8	8	7	7	5
Bar/Lanchonete	469	80	132	145	84	28
Sorveteria	29	2	13	7	3	4
Comercio (estb. Comerc. Diversos)	98	19	10	11	57	1
Eletrônica	25	5	11		9	
Locadora	22		22			
Lava-jato	14	6	4	3	1	
Foto	21	1	11	6	3	
Deposito	149	16	48	47	26	12
Frigorífico/peixaria	59	5	16	26	11	1
Confecção	47	7	29		10	1
Serraria/madereira	4	1	1	1		1
Boracharia	27	5	10	7	4	1
Movelaria	51	6	21	16	5	3
Marcenaria	15		4	5	6	
Gráfica/serigrafia	14	3	3	7	1	
Posto combustível	7	1		3	2	1
Supermercado/mercantil	26	4	2	16		4
Papelaria	6		1	3	1	1
Funerária	2		1	1		
Auto-peças/ciclo-peças	24	3	13	4	3	1
Sapataria	8	2	1	4	1	
Casa de jogos	14	2	6	5	1	
Imobiliária	3		1			3
Barbearia	3	1		1	1	
Ótica/relojoaria	12	1	2	6	3	

Vidraçaria	1					1
Construtora	1				1	
Casa de ração	15	1	3	2	9	
Loja de artigos religiosos	3			2	1	
Sucataria/ferro velho	19	1	2	9	4	3
Serv. Computação	7		5	2		
Industria metalúrgica	40	4	11	19	6	
Emp. Transporte coletivo	5	3			2	
Locadora	34	7		14	8	5
Serviços especializados	5	1			2	2
Economia Informal						
Serviços técnicos	46	6	22	7	10	1
Artesanato/trab. Manuais	41		3	27	4	7
Armarinho	192	23	44	56	57	12
Microempreendimentos	901	123	214	301	190	70
Bomboniere	26		7	10	9	
Botequim	56	8	9	18	8	13
Feira livre	3		1	1	1	
Tinturaria	1		1			
Costureira	13	8		1	4	
Pequenas mercearias	128	20			100	8

Fonte: Etnografia rua-a-rua/2003.

Conforme pode ser observado, há um grande número de pequenos empreendimentos comerciais como mercearias, bombonieres, mercadinhos, armarinhos entre outros. São equipamentos comerciais cuja importância para a subsistência das famílias é grandiosa, ao mesmo tempo, faz circular divisas no próprio bairro, diferentemente dos grandes magazines e supermercados, geralmente com matriz em outros estados do País e cujos rendimentos são a ela enviados sendo pouco aproveitados no local.



2.7. Meio ambiente

A partir da Eco-92 o mundo tem debatido mais fortemente a preservação da vida na terra e os países procuram fazer suas agendas de ações concretas para amenizar o dano que a ela vem sofrendo ao longo dos anos. Em verdade, a conscientização ambiental tem sido um desafio para quem se preocupa com o futuro da vida no planeta. A propensão a danificar o meio ambiente muitas vezes independe da classe social, nível de instrução e procedência. Porém, majoritariamente, são os que possuem maior nível de informação e instrução e, sobretudo, adquirem consciência ecológica que procuram proteger a biosfera pensando em preservá-la para gerações futuras.

Diante de uma população cujo nível de escolaridade não é alto, onde 19,78% dos chefes de família não possuem instrução, ou se for considerado os que têm até três anos de escolaridade, esse percentual passa a quase 42% da população do GBJ (IBGE,2000), percebe-se que o nível de informação ambiental não pode ser suficiente. Acrescido a esse perfil populacional, registra-se a ausência de assistência governamental no que se refere a saneamento básico, destino do lixo, atendimento à saúde, à educação e à assistência social. A

etnografia rua-a-rua identificou alguns aspectos a serem discutidos relacionados ao destino do lixo e ao saneamento dos bairros.

Dos 501 logradouros visitados no GBJ, observou-se que: somente 78 é saneado (15,56%)⁶. Considerando por bairros, são saneados:

- 9,56% dos logradouros do Canindezinho
- 5,55% dos logradouros da Granja Lisboa
- 24,6% dos logradouros da Granja Portugal
- 21,73% dos logradouros do Bom Jardim
- 20,00% dos logradouros do Siqueira.

A Granja Lisboa destaca-se como bairro menos favorecido pelo saneamento, embora todos os bairros deixem a desejar nesse quesito. Deve-se ressaltar que, apesar de 20% dos logradouros do Siqueira constarem como saneados, isso não corresponde à realidade cotidiana do bairro. Contrariando a estatística, observe-se que somente a localidade Conjunto Esplanada Sumaré é bem contemplado por infra-estrutura de saneamento, o que faz elevar o nível percentual do bairro como um todo.

Ainda sobre as condições ambientais, verifica-se que nos bairros canindezinho e Siqueira a existência de esgoto a céu aberto é comum em algumas áreas do bairro, o que acirra os problemas da região. Esta realidade tem sido uma constante nos bairros mas afastados das rotas turísticas da cidade de Fortaleza, tão bem assistidas pela Prefeitura e Estado.

⁶ Os percentuais relacionados a etnografia rua-a-rua servem para reforçar a afirmativa. Não corresponde a uma amostra, embora esteja mais próximo de um censo, já que os pesquisadores afirmaram ter visitado quase todos os logradouros de cada bairro.

No que se refere às condições de infra-estrutura dos logradouros: 34,78% dos logradouros do Canindezinho e 28% do Siqueira são de piçarra, o que propicia alagamento em épocas de chuva.

No GBJ foi registrado que 38,52% dos logradouros são assistidos pela coleta de lixo e 14,97% não possuem coleta, nos demais, não foi identificada se há ou não coleta sistemática. Em termos de bairros, verifica-se que há coleta sistemática em:

- 33,91% dos logradouros do Canindezinho (46,08% não possuem coleta)
- 15,74% dos logradouros da Granja Lisboa (4,62% não possuem coleta)
- 60,00% dos logradouros da Granja Portugal (9,23% não possuem

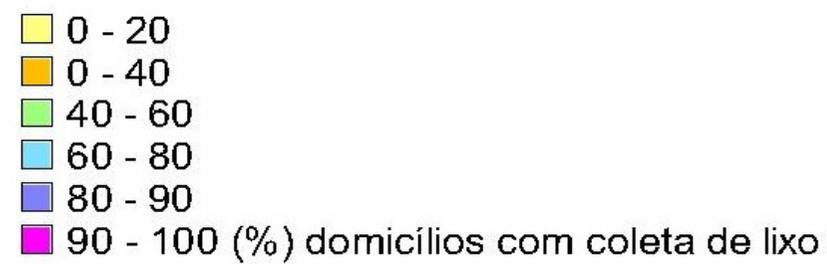
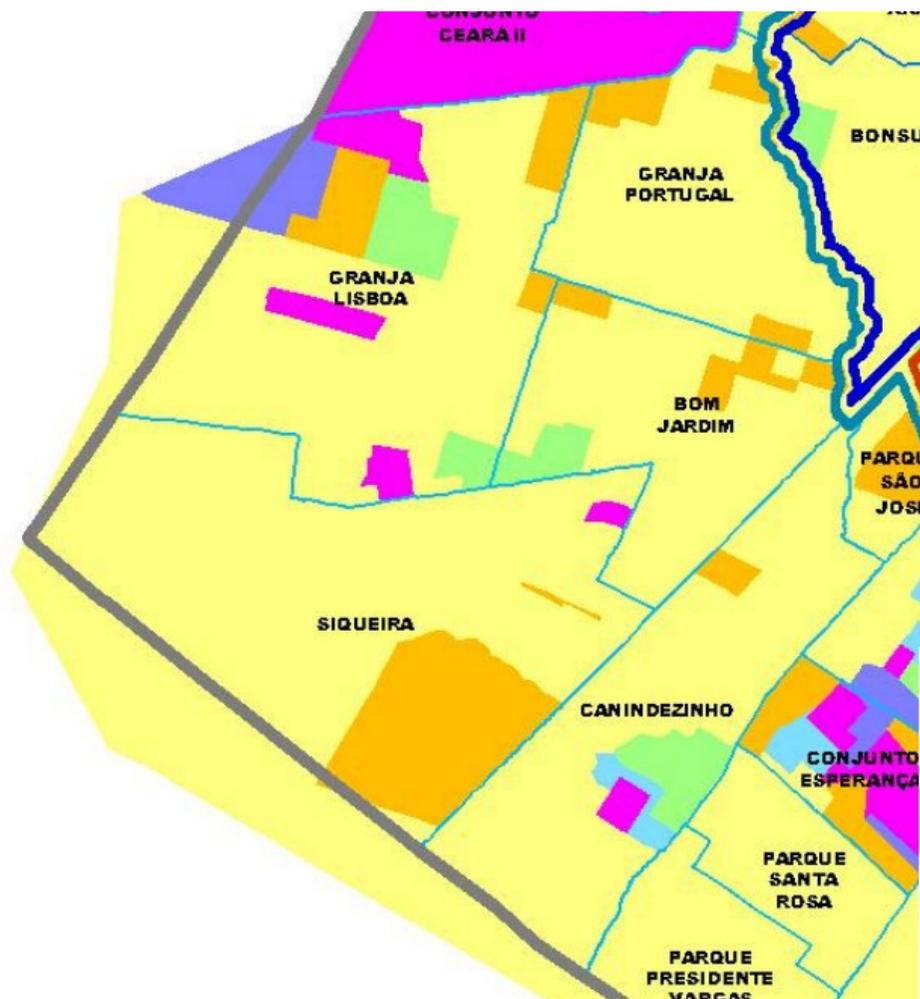
Canal leste - Bom Jardim

coleta)

- 43,47% dos logradouros do Bom Jardim (não foi captado a não coleta do lixo)
- 50,66% dos logradouros do Siqueira (14,66% não possuem coleta)



Canal Leste – Bom Jardim



OBS.: setores em branco - informações inconsistentes

Em termos de meio ambiente, verifica-se que 96,53% da população do GBJ não utilizam o rio Maranguapinho. Sendo o principal afluente do rio Ceará, nasce na serra de Maranguape e se encontra com o Rio Ceará, aproximadamente, a 5 Km de sua foz. O rio Maranguapinho, ao banhar terras do município de Fortaleza, recebe o nome popular de Siqueira. Este é o primeiro bairro pelo sentimento de pertença dos moradores a ser banhado pelo rio. Na seqüência, o rio banha terras do Canindezinho e, em seguida, terras do bairro Granja Portugal seguindo para o mar.

Na história humana, a água sempre representou a vida, sendo um indicador de abundância e elemento, também, simbólico. No que se refere ao rio Siqueira/ Maranguapinho, a população não o tem como referência de propiciador de uma boa qualidade de vida. Conforme mencionado anteriormente, desde final da década de 1970 ele vem sendo depósito de dejetos industriais e de resíduos sólidos domiciliares. No que se refere ao GBJ, ações locais vêm sendo implementadas, como é o caso do projeto de revitalização e preservação do rio Siqueira/Maranguapinho pelo Instituto Brasil Verde⁷, nos municípios de Caucaia, Maracanaú e Fortaleza, banhados pelo rio.

É verdade que o rio Siqueira/Maranguapinho não oferece oportunidades para o bem-estar da população do GBJ, especialmente para aquela residente próxima ao rio. Em períodos invernosos, a população ribeirinha sofre diretamente as conseqüências da ausência de investimento em políticas públicas de preservação ambiental. Diante disso, os aspectos negativos do rio são percebidos com maior ênfase pela maioria da população do GBJ.

A pesquisa de campo identificou alguns aspectos importantes relacionados com o conhecimento e uso do rio Maranguapinho. Mesmo que a grande maioria afirme não utilizar o rio, os poucos que utilizam o fazem sem

⁷ ONG do próprio Bom Jardim. Ligada ao Meio Ambiente, tem buscado trabalhar essas questões, nas escolas do GBJ.

nenhum conhecimento de que a forma de utilização possa agravar os problemas ambientais do bairro, a começar pelas condições de saúde de cada morador.

- No Siqueira 99,53% não utilizam e os que afirmaram fazer uso do rio o fazem para pescar, e retirar areia;
- Na Granja Portugal e Granja Lisboa 97,74% não utilizam, mas os que responderam utilizar usam o rio para banho, pesca, jogar lixo, escoar esgoto, fazer travessia de barco ou pegar areia para vender.
- No Canindezinho, onde tem o maior número de usuário do rio (12,12%) a população afirma utilizá-lo para banho, pesca, retirada de areia, jogar lixo e escoar esgoto, além de servir de travessia.



Rio Maranguapinho – Comunidade Beira Rio, Canindezinho

Conforme pode ser deduzido, o mau uso do rio se manifesta sobretudo pelo escoamento de esgoto e despejo de lixo, o que causa dano irreversível a qualquer rio. Quanto à sua utilização para pesca e para banho, certamente estas

práticas incidirão em problemas de saúde à população já que o rio é considerado poluído e não oferece condições de uso.

Uma questão forte, identificada pela pesquisa, foi a expressão “mataram o rio Siqueira”, muito referida por aqueles que não o utilizam. Houve também quem reconhecesse o rio como ponto de perigo, onde “marginais” costumam se esconder ou levar suas vítimas para cometerem todo tipo de violência.

Dentre os problemas referidos na pesquisa, destacam-se como principais do GBJ:

- A poluição e sujeira aparente referida por 54,83% dos respondentes. O percentual desse item nos bairros variou conforme a proximidade do respondente com o rio:
 - Canindezinho - 71,97% dos entrevistados
 - Siqueira - 51,32%
 - Granja Portugal – 69,43%
 - Granja Lisboa – 45,28%
 - Bom Jardim – 36,23%

- Os perigos que oferece durante o período chuvoso com enchentes e transbordamentos citados, por 49,77% dos entrevistados. Verificando-se por bairro:
 - Canindezinho – 73,48% dos entrevistados
 - Siqueira – 39,25%
 - Granja Portugal – 63,77%
 - Granja Lisboa – 39,62%
 - Bom Jardim – 32,83%

- A função de transmissor de doenças, 44,18% das respostas. A noção do perigo de doenças por moradores dos bairros é mais freqüente nos bairros Canindezinho e Granja Portugal. Bairros que o rio contempla em maior extensão.
 - Canindezinho – 62,50% dos entrevistados
 - Siqueira – 38,49%
 - Granja Portugal – 54,34%
 - Granja Lisboa – 38,11%
 - Bom Jardim – 27,55%

- O mau cheiro (25,08% de respostas);
 - Canindezinho – 48,48% dos entrevistados
 - Siqueira – 24,53%
 - Granja Portugal – 29,38%
 - Granja Lisboa – 27,17%
 - Bom Jardim – não foi citado este item.

- Lugar perigoso, onde acontecem mortes e assaltos referido por 16,48% da população amostral. Apenas dois bairros citaram este item com mais de 20% de freqüência. Os demais não reconheceram o item morte como o mais importante.
 - Granja Portugal – 34,72%
 - Bom Jardim – 23,02%

- Há que se considerar o grande número de pessoas que disse ignorar os problemas que o rio possui, sobretudo os dos três bairros menos envolvidos com o rio, conforme os percentuais demonstram:
 - GBJ - 25,75% dos entrevistados
 - Canindezinho – 6,44%

- Siqueira – 33,20%⁸
- Granja Portugal – 4,15%
- Granja Lisboa – 40,38%
- Bom Jardim – 44,53%

Todos esses problemas demonstram que o rio em si não ofereceria nenhum risco aos moradores se não tivesse sofrido intervenção humana, já que poluição é resultado dos dejetos lá jogados, o que também causam doenças e mal cheiro; o risco de enchentes e alagamentos se dá em virtude de construções demasiadamente próximas e o mau uso do rio, causando assoreamento que prejudica o seu curso e causa transtornos à população ribeirinha

Conforme estudos, a síntese diagnóstica do município de Fortaleza (versão preliminar) – que integra a primeira parte do plano de trabalho definido pelo Projeto de Revisão e Atualização da Legislação Urbanística de Fortaleza, há entre as áreas de risco de inundação pelo menos cinco áreas dos bairros Canindezinho e Granja Portugal.

Tabela XI: Relação das áreas de risco em Fortaleza

Bairro	Área de Risco	Fam. Atingidas	Tipo de Risco
Canindezinho	Parque Jerusalém I e II	31	Inundação
Granja Portugal	Cachoeira Dourada	77	Inundação
	Santa Clara	57	Inundação
	Novo Mundo	22	Alagamento
	Lumes	149	Inundação

Fonte: Relação das áreas de risco do GBJ/Fortaleza. Fonte: Cedec, 1999.

2.8. Capital social

⁸ O Siqueira apresentou elevado percentual, devido a cobertura da etnografia rua-a-rua não ter contemplado toda

O termo Capital Social não é novidade no campo teórico sociológico. Tendo passado por várias interpretações, o capital social está relacionado a relações de confiança que, seu aumento na comunidade será responsável pela otimização do capital físico-econômico (insumos, infra-estrutura e financiamento) e do capital humano (educação e preparação técnica)⁹.

Considerando, grosso modo, Capital Social como a “capacidade de cooperar de uma sociedade” ou ainda de construir comunidade pelo: reconhecimento mútuo, confiança, a reciprocidade e a ajuda mútua, a solidariedade e a cooperação, resolveu-se identificar no GBJ a intensidade do capital social local.

Nessa perspectiva, procurou-se identificar os grupos associativos mais expressivos de cada bairro do Grande Bom Jardim. Na pesquisa de campo através de questionários, foi possível identificar pistas valiosas para o estudo dessas redes de confiança, das relações de reciprocidade entre os moradores.

Considerando-se o GBJ como região que inclui cinco bairros e seus movimentos organizados, percebe-se que há uma frágil rede de organização local, porém, se tomado cada bairro individualmente, o quadro muda.

No GBJ foi identificado um grande número de grupos organizados, embora a maioria dos respondentes da pesquisa (52,72%) tenha referido a não participação em nenhum deles. Entretanto, a grande maioria conhece inúmeras organizações locais tendo sido a igreja (católica e evangélica) a mais citada, com

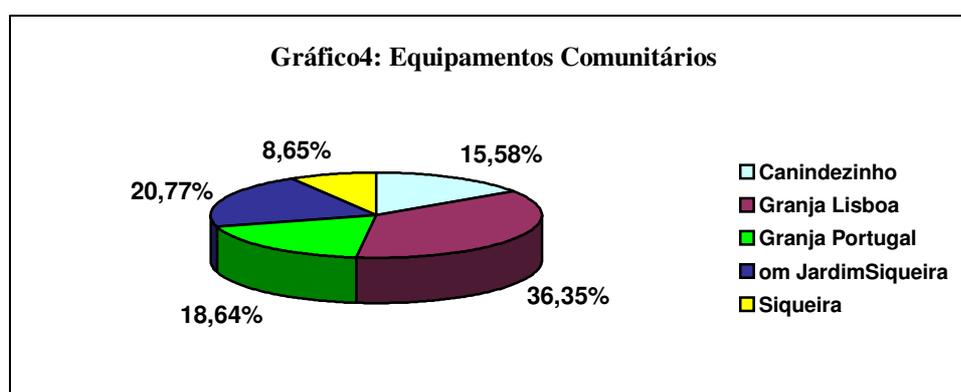
a extensão do bairro em virtude da indefinição das suas fronteiras.

⁹Autores como A. Portes y J. Sensenbrenner distinguem quatro formas diferentes de aproximar-se do conceito de capital social, segundo as tradições teóricas de que procedem. a) da tradição marxista se pode extrair a noção de “bounded solidarity”, para referir-se ao fato de que circunstâncias comuns adversas podem atuar como uma fonte de coesão dentro de um grupo social determinado b) De G. Simmel procede a noção de reciprocidade transitoria para referir-se às normas e obrigações que emergem através de redes personalizadas de intercâmbio, por exemplo os favores entre vizinhos c) E. Durkheim e T. Parsons assinalam a importância do valor de introjeção que significa a idéia de que os valores e imperativos compromissos morais são anteriores ao desenvolvimento de relações contratuais entre indivíduos e são precisamente o que definem as suas preferências não necessariamente instrumentais –por exemplo, o cuidado com os filhos é um imperativo moral que precede a ação de que o pai e a mãe decidam dedicar tempo e recurso a essa tarefa d) De M. Weber procede a idéia que as instituições formais –como das burocracias– e os grupos particulares – como as famílias – utilizam determinados mecanismos para reforçar a confiança e assegurar que seus membros aceitam o cumprimento de determinadas regras de conduta – por exemplo as burocracias usam mecanismos baseados na legitimidade racional legal se seus procedimentos para que os cidadãos os aceitem como regras universais.

81,95% dos entrevistados demonstrando conhecer¹⁰; em segundo lugar, aparece a associação de moradores (39,50%), seguido de grupos de capoeira (38,44%), time de futebol (36,78%), grupos de jovens (35,35%), candomblé (22,28%), entre outros 11 grupos citados como importantes na região. Essa tendência foi verificada em todos os cinco bairros quando analisados individualmente.

A presença de equipamentos comunitários pode ser indício de que o capital social de um determinado local seja forte. Conforme afirma Franco: “Quanto mais comunidade existirem numa sociedade, mais Capital Social será produzido, acumulado e reproduzido socialmente”(Augusto Franco, 2001, pág 59). No GBJ há um grande número de equipamentos comunitários, destacando-se os bairro Granja Lisboa e o Bom Jardim. Dos cinco bairros da região, o Canindezinho e o Siqueira são os que parecem possuir capital social mais fragilizados já que as redes comunitárias são menos freqüentes. Observa-se que no Siqueira essas redes podem parecer frágeis para a região do GBJ, no entanto, percebe-se que as redes deste bairro estão mais voltadas a outros territórios.

Conforme a tabela a seguir, que retrata o resultado da etnografia rua-a-rua, verifica-se que o bairro Granja Lisboa aglutina o maior número de equipamentos comunitários (36,35% do GBJ), seguido pelo Bom Jardim, com 20,77%.



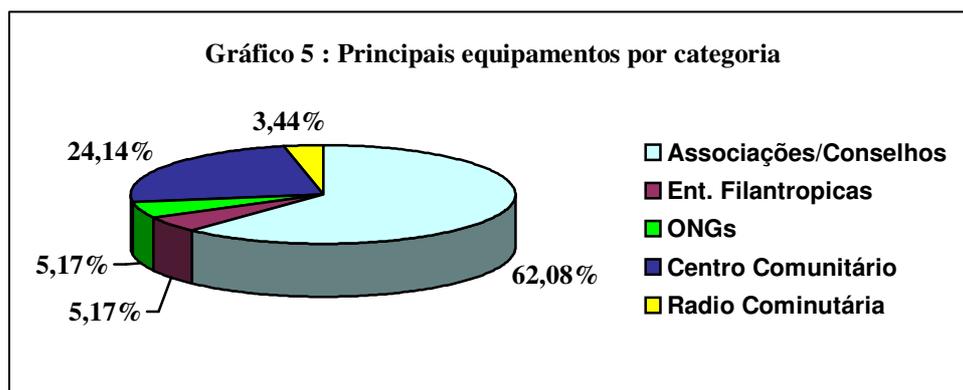
Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

¹⁰ Esta questão permitia mais de uma resposta.

Observe-se que no bairro Canindezinho foi registrado nesse item apenas Associação/ conselhos/ entidades de classe, embora seja o segundo bairro com o maior número desses equipamentos. O Siqueira, além de Associação/ conselhos/ entidades de classe possui também uma entidade filantrópica e um centro comunitário, sendo o segundo bairro menos assistido por esse tipo de equipamento.

Embora a população entrevistada não tenha dado ênfase às atividades associativas como tendo muita importância para o bairro e tenha se referido principalmente à igreja e ao futebol como entidades aglutinadoras de moradores e propiciadora de capital social, percebe-se que os bairros que apresentaram maior número de diferentes equipamentos comunitários tendem a uma melhor articulação do capital social, sendo por ordem de importância os bairros, Granja Lisboa, Bom Jardim e Granja Portugal.

O destaque em equipamentos comunitários são as associações, conselhos e entidades de classe, com 62,06% do total. Seguido de centro



comunitários (22,41%), conforme demonstra o gráfico.

Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Sendo as igrejas citadas pelos informantes da pesquisa de campo como responsáveis pela organização comunitária, faz-se necessário, nesse caso, incluir os equipamentos religiosos como indutor de capital social.

As igrejas evangélicas e católicas se fizeram presentes em todos os bairros, tendo predominância da igreja evangélica/protestante; foram identificadas 167 no GBJ. Já as católicas contam apenas com 17 nos cinco bairros. (ver o Caderno dos Bairros).

A atuação da igreja tem se intensificado através de organizações não governamentais que tiveram origem em movimentos religiosos como o CDVHS, por exemplo. Nesse sentido, o capital social gestado nos bairros tem tido forte influência de movimentos da igreja católica e, pontualmente, protestante e, embora não tenha sido possível a identificação do número exato de terreiros de cultos afro-brasileiros, percebe-se a tradição do GBJ em aglutinar grande número deles, sendo identificados nove ao todo.

Importante destacar o avanço de mensageiros Mórmons e Testemunha de Jeová registrando-se oito equipamentos dessas seitas. Os bairros possuem também centros espíritas e grupos de oração conforme mostra a tabela.

Tabela XII: Equipamentos religiosos

Equipamentos religiosos	Ger al	Canindezin ho	Granja Lisboa	Granja Portugal	Bom Jardi m	Siquei ra
Igrejas protestante/evangélica	167	34	53	31	30	15
Centro espírita	3	-	2	1	-	-
Candomblé/umbanda	8	2	2	2	2	-
Mórmon testemunho de	8		2	2	3	1

Jeová						
Grupos de oração	7	-	1	6	-	-
Igreja católica	16	4	5	5	2	1

Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS – 2003

O bairro Siqueira aparece como o que menos possui equipamentos comunitários, porém, há que se considerar ser este bairro repartido entre Maracanaú e Fortaleza e, por isso, a etnografia rua-a-rua não cobriu parte do mesmo devido a problemas relacionados às fronteiras estabelecidas por essas Prefeituras¹¹.

2.9. Esporte e Lazer

Sem intenção de acirrar o debate entre lazer e tempo livre, os moradores entrevistados foram indagados sobre o que costumam fazer para se divertir no tempo livre. Como a maioria da população com o perfil dos moradores do GBJ, as respostas giraram em torno de opções menos onerosas¹² como: ficar em casa (59,67%); divertirem-se no bairro (19,34%); divertirem-se em outro bairro (16,62%) e, com menor percentual, apareceram as respostas de diversão fora da cidade (5,06%) e no centro da cidade (3,17%). Interessante observar que aqui aparece também a igreja como espaço de lazer, mesmo que para menos de 1% dos entrevistados.

Tipificando as modalidades de lazer oferecidas no bairro apareceu como mais freqüência o item “nenhuma”, com 39,95% das respostas¹³. Em verdade, houve uma reclamação da falta de opção de lazer, ao mesmo tempo em que se identificaram inúmeras opções de passar o tempo, semelhante a de

¹¹ Cf. Caracterização do bairro no “Caderno do Bairro”.

¹² A essa pergunta caberia mais de uma resposta.

¹³ Idem nota anterior

idades de pequeno porte: ficar em praças (36,56%); em bares (32,93%); jogar futebol ou praticar esportes (30,59%) ir ao clube (18,58%) ou churrascaria (18,58%) e, em menor frequência, apareceram opções como: parques, igrejas, danças, circo-escola, e excursões.

Ao serem indagados o que costumam fazer no tempo livre, o maior percentual de respostas foi ficar em casa (70,92%) e assistir televisão (39,43%), o que também pode ser incluído no percentual ficar em casa, já que a maioria das pessoas costuma ver televisão em casa. Dos que afirmaram gostar de sair de casa, predominaram as respostas: sair com a família para passear (11,10%); ir à praia (11,03%), trabalhar avulso (8,46%); ir à igreja (6,80%) e em menor percentual, foram citados um grande número de atividades que valem a pena ser enumeradas: ir na churrascaria, ficar na calçada conversando com vizinhos, escutar música, ler, ir ao bar mais próximo, tomar banho de rio/lagoa, fazer artesanato, pescar no mangue, ir para o centro de Fortaleza.

A concepção de lazer tem sido muitas vezes confundida com atividade laboral, seja na denúncia de realizarem-se trabalhos avulsos durante o tempo livre, de fazerem artesanatos para complementação de renda e ficar em casa, o que geralmente resulta em realização de pequenas tarefas, sobretudo para o contingente feminino que é maioria na região.

Embora o número de respostas seja indutor de se pensar que o GBJ não possui opções de lazer, foram identificados na etnografia rua-a-rua um considerável número de equipamentos de esporte e lazer, conforme demonstra a tabela:

Tabela XIII: Equipamentos de Esporte e Lazer no GBJ

Indicador	Ger al	Canindezin ho	Granja Lisboa	Granja Portugal	Bom Jardim	Siqueir a

Esporte e Lazer						
Clube	13	3		6		4
Estádio	1		1		-	-
Campo de várzea	46	3	8	17	10	8
Campo society	14	2	5	3	3	1
Quadra esportiva	6	2	1	3	-	-
Time de futebol	3	1		2	-	-
Academia poli-esportiva	14	1	5	5	2	1
Praça	9	3	3	2	1	-
Área verde	1			1	-	-
Parque	1	1			-	-
Sede de time	4	1	1	2	-	-
Buffet	10		5	3	1	1
Aeródromo	1				-	1
Casa de show	1					1

Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS – 2003

Embora aparentemente todos os bairros possuem diversificados equipamentos de lazer, destacam-se, no entanto, diferenças na quantidade e o acesso a eles de bairro a bairro. Estas diferenças podem ser explicadas a partir da natureza desses equipamentos, mantidos com recursos públicos ou de iniciativa privada.

2.10. Educação

Um dos aspectos mais importantes a ser considerado em um diagnóstico social é a educação. Sanadas as carências do setor educação outras tantas terão condição de serem resolvidas, uma vez que a população em apreço

tem condição de se informar e analisar com subsídios consistentes seus problemas e, conseqüentemente, podem buscar alternativas diversas a partir do conhecimento.

2.10.1. Nível de escolaridade dos chefes de domicílios

Tomando-se os responsáveis pelo domicílios e seus níveis de escolaridade, percebe-se que quase 20% dos chefes de família dos domicílios do GBJ não possuem instrução ou só possuem apenas até um ano de escolaridade, o que difere bastante do município de Fortaleza, cujo percentual de pessoas com esse perfil é de 12,94%. Da região do GBJ destaca-se como maior percentual de chefes de família com esse nível de escolaridade o bairro do Siqueira que alcança 23,40% para essa situação, seguido do bairro Granja Portugal (21,51%) e Bom Jardim (20,08%).

Se considerarmos a faixa seguinte da tabela IV, verifica-se que o GBJ chega a um percentual acumulado de 41,97%, que indica quase 42% de chefes de famílias com até 3 anos de escolaridade. Dos cinco bairros, destacam-se como maiores percentuais acumulados o Siqueira com 48,11%, Granja Portugal (47,94%) e Bom Jardim (41,15%).

A faixa de maior percentual no GBJ é a equivalente aos estudos fundamental e secundário que está entre 4-7 anos, o que corresponde um percentual para região de 33,08%. Importante observar que na medida em que as



Escola Municipal na Granja Lisboa

BJ se distancia cada vez
 eza apresenta 8,92% de
 GBJ possui nessa faixa

A Granja Lisboa se destaca dentre os demais bairros por ter 10,58% dos chefes de seus domicílios na faixa entre 11 a 14 anos de estudo, o que significa 1.228 chefes de família próximos ao nível universitário.

2.10.2. Nível de escolaridade dos residentes com 5 anos ou mais de idade

O percentual de analfabetismo no Grande Bom Jardim é maior que Fortaleza. Enquanto em Fortaleza o IBGE registra 14,59% de analfabetos, no Grande Bom Jardim este percentual é de 22,46%, onde se destaca o bairro do Siqueira com 25,58% da população residente com mais de 5 anos de idade ainda analfabeta.

Tabela XIV: População residente de 5 anos ou mais de idade, por grupos de idade, total e alfabetizada, segundo as Mesorregiões, as Microrregiões, os Municípios, os Distritos, os Subdistritos, os Bairros e a situação do domicílio - Ceará

Mesorregiões, Microrregiões, Municípios, Distritos, Subdistritos, Bairros e situação do domicílio (1)	População residente de 5 anos ou mais de idade			
	Total	Alfabetizada	Analfabeta	%
Total	6 627 453	4 683 706	1 943 747	29.33%
Metropolitana de Fortaleza	2 633 342	2 179 503	453 839	17.23%
Fortaleza	1 937 000	1 654 349	282 651	14.59%
Grande Bom Jardim	152 979	118 621	34 358	22.46%
Bom Jardim	30 409	23 789	6 620	21.77%
Canindezinho	25 719	20 244	5 475	21.29%
Granja Lisboa	43 526	33 862	9 664	22.20%
Granja Portugal	32 900	25 525	7 375	22.42%
Siqueira	20 425	15 201	5 224	25.58%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) A indicação dos Subdistritos e Bairros ocorre apenas para os Municípios que os possuem. (2) De acordo com a legislação vigente, o Subdistrito não está contido em um único distrito.

Tabela XV: Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, por grupos de anos de estudo, segundo as Mesorregiões, as Microrregiões, os Municípios, os Distritos, os Subdistritos e os Bairros - Ceará

Mesorregiões, Microrregiões, Municípios, Distritos, Subdistritos e Bairros (1)	Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes												
	Total	Grupos de anos de estudo											
		Sem instrução e menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14 anos	15 anos ou mais						
Total.....	1 757 888	564 948	32.14 %	403 100	22.93 %	382 264	21.75 %	155 902	8.87%	185 026	10.53 %	61 120	3.48%
Metropolitana de Fortaleza.	710 542	113 063	15.91 %	119 895	16.87 %	196 296	27.63 %	100 426	14.13 %	130 143	18.32 %	48 654	6.85%
Fortaleza.....	526		12.94		14.77	143	27.30		14.69	111	21.12		
..	079	68 095	%	77 720	%	636	%	77 274	%	126	%	46 921	8.92%
Grande Bom Jardim.....	41 155	8 140	19.78 %	9 134	22.19 %	13 983	33.98 %	5 706	13.86 %	3 901	9.48 %	222	0.54%
Bom Jardim.....	8 037	1 614	20.08 %	1 716	21.35 %	2 715	33.78 %	1 145	14.25 %	790	9.83 %	47	0.58%
Canindezinho.....	7 192	1 276	17.74 %	1 604	22.30 %	2 588	35.98 %	1 002	13.93 %	680	9.45 %	28	0.39%
Granja Lisboa.....	11 605	2 062	17.77 %	2 559	22.05 %	3 895	33.56 %	1 772	15.27 %	1 228	10.58 %	67	0.58%
Granja Portugal.....	8 638	1 858	21.51 %	1 851	21.43 %	2 958	34.24 %	1 149	13.30 %	763	8.83 %	47	0.54%
Siqueira.....	5 683	1 330	23.40 %	1 404	24.71 %	1 827	32.15 %	638	11.23 %	440	7.74 %	33	0.58%
..													

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) A indicação dos Subdistritos e Bairros ocorre apenas para os Municípios que os possuem. (2) De acordo com a legislação vigente, o Subdistrito não está contido em um único distrito.

Segundo a etnografia rua-a-rua foram identificados os seguintes equipamentos de educação no Grande Bom jardim: 14 escolas públicas estadual, 32 escolas públicas municipais, 103 escolas particulares 10 cursos livres, 4 escolas comunitárias e um curso profissionalizante, conforme demonstra a tabela.

Tabela XVI: Equipamentos de Educação do Grande Bom Jardim

Equipamentos de Educação	Gera 1	Canindezin ho	Granja Lisboa	Granja Portugal	Bom Jardim	Siqueir a
Escolas Públicas Estadual	114	2	3	4	4	1
Escolas Públicas Municipal	332	3	2	8		4
Escolas Particulares	1103	5	9	32	13	4
Cursos Livres	110	7	1	1	-	2
Escolas comunitárias	4	-	1	1	2	-
Cursos Profissionalizantes		1	-	1		-
Total	165	28	56	47	24	11

Fonte: pesquisa direta GPDU/CDVHS – 2003

Embora o número de equipamentos existentes em um local não signifique necessariamente a possibilidade de abrangência do pessoal em idade escolar, esse dado pode ser indício de maior ou menor cobertura de atendimento à educação. Há que se conhecer o número de vagas ofertadas por escola, bem como o nível escolar que é oferecido por cada uma delas.

Um dado importante a ser considerado é que a população na faixa de 0 a 15 anos é, em média, 38% da população de cada bairro e a população da faixa de 15 a 24 anos varia em torno dos 17%. Isso significa em torno de 56% da população do GBJ na faixa escolar, ou pelo menos, em idade para comparecer a escola.

Tabela XVII: População em idade escolar %

Equipamentos de Educação	GBJI	Canindezinh o	Granja Lisboa	Granja Portuga l	Bom Jardi m	Siqueira
0 a 15 anos	38,69	39,82	39,26	37,27	37,21	40,45
15 a 24 anos	17,99	17,12	18,10	18,91	18,21	17,11
Total	56,68	56,38	57,36	56,18	55,42	57,56

Fonte: pesquisa direta GPDU/CDVHS- 2003

Na pesquisa com moradores algumas questões importantes foram levantadas e que torna possível uma análise dos dados acima. Perguntados sobre os problemas da educação do bairro, a *falta de escolas e de professores* foi o mais citado com 35,8% das respostas¹⁴, seguido por *não sabe* (20,85%), *greves* (15,56%), *falta qualificação/desempenho de professores* (13,22%) e que *não há problemas* (12,76%). Contudo, não se deve desprezar alguns depoimentos que, mesmo em menor percentual, foram citados e podem representar graves problemas para o GBJ, como por exemplo:

- Falta de segurança e venda de drogas nas escolas;
- Distância da escola para os domicílios.;
- Falta de cursos profissionalizantes;
- Alunos bêbados na escola;
- Discriminação – referindo-se a professores que não querem ensinar em escola de determinados locais;
- Preços abusivos de escolas particulares.

Essas questões interferem no desempenho escolar mesmo quando não são freqüentes em número. Por exemplo, um aluno bêbado ou drogado em uma escola pode ser um problema de dimensão ampla a médio e longo prazo.

¹⁴ Houve possibilidade de mais de uma resposta a esta questão.

A distância da casa e escola repercute na renda familiar e nos vários riscos de deslocamento de um jovem, podendo ser motivo inclusive de evasão escolar. A recusa de professores em lecionar em determinadas escolas pode ser problemático no que se refere ao relacionamento do docente com os alunos, se ele for pensando de antemão que naquele local tudo representa perigo.

Sobre os aspectos positivos percebeu-se que a maioria *não sabia definir* (27,79%) ou dizia não ter *nada de bom* (16,62%). Não obstante, muitos depoimentos coincidem com a função que a escola, por vezes, exerce o papel de não só educar, mas prover o aluno de alimentação e de ambiência cultural e social. A exemplo tem-se como respostas: a *merenda escolar* é uma vantagem (8,01%), *quadras esportivas* (8,38%), *convivência dos alunos* (3,09%). Bem como as respostas negativas há outras positivas de grande relevância:

- Concessão de fardamento;
- Cursos profissionalizantes na escola;
- Assistência social e convênios;
- Segurança;
- Proximidade do domicílio.

Todos esses aspectos os mais e os menos freqüentes em percentual demonstram a importância de que a escola exerce não somente como propiciadora de saber, mas também espaço de sociabilidades, amenização das despesas familiares com alimentação, fardamento, material didático, assistência médico-odontológica e segurança para o aproveitamento efetivo da criança e do jovem no momento em que está na escola.

Como terceira pergunta sobre a educação no bairro, inquiriram-se os moradores sobre o que necessita melhorar na educação local tendo sido mais freqüente a necessidade de o *sistema educacional* como um todo melhorar (31,50%). As demais respostas, embora em menor freqüência modal, foram importantes:

- A qualidade do ensino (15,50%);

- Nada precisa melhorar (6,50%);
- Tudo há que ser melhorado (6,34%);
- Não sabe exatamente o que deve melhorar (21,15%);
- As greves têm de acabar (12,91%);
- A segurança nas escolas (5,66%);
- Infra-estrutura (8,23%);
- Assistência social e convênios para os alunos (15,50%);
- Fazer escolas públicas seguir modelos de escolas particulares.

Considerando-se tantas reivindicações de melhoria, percebe-se que a situação das escolas no bairro ainda está longe de ser considerada boa. Há que ser ressaltado o alto percentual de respostas de quem não sabe dar uma opinião sobre a educação do bairro; ou essas pessoas não possuem ninguém da família estudando, o que acredita-se ser minoria, ou a escola tem passado despercebida como preocupação das famílias que devem ter outras prioridades de interesse, como o trabalho, a sobrevivência etc e a escola fica em segundo ou terceiro plano de preocupação. Este último cenário pode ser preocupante na medida em que tem sido comum para chefes de família de menor nível educacional (que é o caso do GBJ) não terem a escola de seus filhos como interesse de preocupação. O simples fato de irem (ou dizerem que vão) à escola é suficiente para esse contingente de chefes de família.

Analisando-se por bairros, verifica-se que via de regra ocorre a mesma tendência que a citada para a região como um todo.

- **Canindezinho**

Dentre os principais problemas citam-se:

- Falta de escola e de livros (35,98%);
- Não sabe informar (28,79%);

- Distância (11,74%);
- Baixa qualificação de professores (13,26%);
- Greves (9,09%);
- Infra-estrutura (7,20%).

Acrescente-se ainda: *falta de assistência social, escolas de ensino médio e incentivo aos alunos.*

Dentre os pontos positivos ressaltam-se:

- Não sabe (34,47%);
- Nada é positivo (17,42%);
- Desempenho dos professores (12,88%);
- Merenda escolar (12,12%);
- Número de escolas no bairro (10,235).

Acrescente-se ainda: *quadras esportivas e outras facilidades da escola, assistência social, escolas particulares e integração com a comunidade.*

Indagados sobre o que precisa melhorar:

- O sistema educacional com um todo (31,06%);
- Não sabe (24,24%);
- Desempenho dos professores (17,42%);
- Fim das greves (15,91%);
- Infra-estrutura (10,61%);
- Assistência social (7,58%).

Acrescente-se ainda: *segurança, interesse dos alunos, escolas públicas seguir modelo das particulares.*

• **Granja Lisboa**

Dentre os principais problemas citam-se:

- Falta de escola e de livros (37,36%);
- Greves (30,19%);
- Venda de drogas nas escolas (18,87%);
- Baixa qualificação de professores (13,96%);
- Infra-estrutura (13,58%).
- Não sabe informar (10,19%);
- Merenda escolar (9,81%);

Acrescente-se ainda: *interesse dos alunos, falta de assistência social, distância das escolas.*

Dentre os pontos positivos ressaltam-se:

- Desempenho dos professores (26,42%)
- Não sabe (17,74%);
- Proximidade (17,36%);
- Infra-estrutura (14,74%)
- Nada é positivo (14,34%);
- Merenda escolar (9,81%);

Acrescente-se ainda: *interesse dos alunos, assistência social, cursos profissionalizantes, segurança, desempenho corpo técnico.*

Indagados sobre o que precisa melhorar:

- O sistema educacional com um todo (35,85%);
- Desempenho dos professores (15,85%)
- Segurança (13,96%)
- Fim das greves (13,96%);
- Não sabe (13,58%)

Acrescente-se ainda: *segurança, capacitação de funcionários, infra-estrutura, interesse dos alunos.*

- **Granja Portugal**

Dentre os principais problemas citam-se:

- Sistema escolar: falta escolas, professores, livros e etc (44,15%);
- Greves (23,77%);
- Não sabe informar (18,49%);
- Merenda escolar (15,47%);
- Infra-estrutura (12,54%);
- Baixa qualificação de professores (12,08%).

Acrescente-se ainda: *Venda de drogas nas escolas, interesse dos alunos, falta de assistência social.*

Dentre os pontos positivos ressaltam-se:

- Desempenho dos professores (26,79%)
- Não sabe (25,28%);
- Nada é positivo (17,74%);
- Infra-estrutura (11,32%);

Acrescente-se ainda: *interesse dos alunos, merenda escolar, proximidade, desempenho corpo técnico, número de escolas.*

Indagados sobre o que precisa melhorar:

- O sistema educacional com um todo (44,53%);
- Desempenho dos professores (16,23%)
- Fim das greves (10,94%);
- Segurança (6,79%)
- Não sabe (14,34%)

Acrescente-se ainda: *capacitação de funcionários, oferta de cursos profissionalizantes, infra-estrutura, interesse dos alunos.*

• **Bom Jardim**

Dentre os principais problemas citam-se:

- Sistema escolar: falta escola, professores, livros etc (22,26%);
- Não sabe informar (21,89%);
- Nenhum (17,74%);
- Baixa qualificação de professores (14,72%);
- Greves (12,83%);
- Merenda escolar (10,57%);
- Venda de drogas nas escolas (9,06%);

Acrescente-se ainda: *Infra-estrutura, , interesse dos alunos, falta de assistência social, distância..*

Dentre os pontos positivos ressaltam-se:

- Desempenho dos professores (23,02%)
- Nada é positivo (15,85%);
- Infra-estrutura (9,81%)
- Merenda escolar(9,43%)

Acrescente-se ainda: *interesse dos alunos, assistência social, proximidade, desempenho corpo técnico.*

Indagados sobre o que precisa melhorar:

- Não sabe (24,15%);
- O sistema educacional com um todo (23,40%);
- Desempenho dos professores (13,58%);
- Fim das greves (12,83%).

Acrescente-se ainda: *capacitação de funcionários, Segurança, oferta de cursos profissionalizantes, infra-estrutura ,interesse dos alunos.*

• **Siqueira**

Dentre os principais problemas citam-se:

- Sistema escolar: falta escolas, professores, livros etc (32,45%);

- Não sabe informar (24,91%);
- Não há problemas (15,47%);
- Baixa qualificação de professores (12,08%);
- Infra-estrutura (7,17%).

Acrescente-se ainda: *merenda escolar, venda de drogas nas escolas, interesse dos alunos, falta de assistência social.*

Dentre os pontos positivos ressaltam-se:

- Não sabe (34,72%);
- Desempenho dos professores (19,25%)
- Nada é positivo (17,36%).

Acrescente-se ainda: *merenda escolar, assistência social, proximidade, desempenho corpo técnico, número de escolas.*

Indagados sobre o que precisa melhorar:

- Não sabe (29,43%);
- O sistema educacional com um todo (22,64%);
- Desempenho dos professores (13,58%);
- Infra-estrutura (9,06%);
- Fim das greves (5,66%).

Acrescente-se ainda: *oferta de cursos profissionalizantes, interesse dos alunos, assistência social.*

2.11. Capital Humano

A população do Grande Bom Jardim, possuindo um perfil de pouca instrução e baixa renda, não seria exagero pensar em uma população também sem qualificação profissional. Entretanto, conforme a pesquisa de campo, percebe-se muitas potencialidades latentes à espera de oportunidade, o que comprova existir um capital humano a ser desenvolvido na região.

Dos entrevistados do GBJ, 55,82% responderam não possuir qualquer qualificação profissional. Dos que possuem, foram citadas qualificações que independem do nível de instrução e, portanto, nem sempre auferem boas rendas para quem as possuem como: costureira, vigilante/segurança, pedreiro, digitador, marceneiro, artesão, cozinheiro, faxineiro e qualificações ligadas ao comércio (vendedor, auxiliar de escritório e Office boy).

Considerando-se as respostas, por bairros, de quem não possui qualificação:

- Canindezinho – 60,23%. Dos que possuem destacam-se profissionais em confecção/ costura;
- Siqueira – 53,21%. Dos que possuem destacam-se pedreiros e costureiras;
- Granja Portugal – 53,58%. Dentre dos que possuem destacam-se as costureiras.
- Granja Lisboa – 58,11%. Dos que possuem destacam-se profissionais em confecção/ costura;
- Bom Jardim – 53,96%. Dos que possuem destacam-se profissionais em confecção/ costura.

Possuir qualificação profissional não é maioria entre os moradores, ter habilidades para qualificar ou aperfeiçoar o talento foram respostas bem mais frequentes. Conforme pode ser observado, há muitas habilidades a serem trabalhadas nos moradores do bairro. Embora 40,82% dos respondentes do GBJ diziam não possuir nenhuma habilidade, quem os possuía (59,18%) anunciaram as seguintes: artesanato (16,77%); costura (16,01%); informática

(11,23%)¹⁵. Ainda sobre trabalhos manuais, destacam-se o crochê, que tem representatividade nos cinco bairros da região.

Dentre outras menos freqüentes, mas qualitativamente importantes para se pensar em trabalhar com grupos de moradores, estão as atividades vinculadas à arte, música e culinária. Das modalidades de arte, destacaram-se: dança, teatro, poesia, circo e desenho. A música manifesta-se pela reivindicação de aulas de canto e de instrumentos musicais com a finalidade, principalmente, de formação de grupos de samba, forró, pagode e rock. Algumas atividades específicas apareceram em menor percentual, como eletrônica, marcenaria, cabeleireiro e futebol, principalmente na Granja Portugal e no Bom Jardim.

Dos entrevistados, 67,12% demonstraram vontade de aperfeiçoar o seu talento com destaque para as vocações de costureira (22,04%), profissional de informática (23,50%), artesanato em geral (19,27%), artes (24,39%) e cozinha (9,0%). Indagados, portanto, sobre o que os impedia de aperfeiçoar esses talentos, a maioria (62,83%) respondeu ser a “falta de recursos financeiros”; seguido de “falta de oportunidade” (52,81%); “falta oferta de cursos de qualificação” (9,47%). Além dessas respostas, houve sempre quem reclamasse da distância dos bairros para os lugares onde acontecem os cursos de qualificação.

Sobre este último comentário, ressalte-se que os cursos de qualificação devem ser descentralizados nos bairros para que todos possam participar e, sobretudo, que se considere as demandas e talentos disponíveis para fazê-los. De nada adianta oferecer pacotes de qualificação para um público que não se sente vocacionado a fazê-lo. O grande equívoco dos programas de qualificação profissional é o de não focar suas ações na demanda da população e simplesmente tentar formar um capital humano a partir da

¹⁵ Embora a informática não seja equivalente as atividades artesanais ou outras vocações, considerou-se a resposta dada pelos entrevistados.

disponibilidade de cursos que as entidades oferecem. Ademais, há que se articular qualificação com atividade laboral, não se pode disseminar cursos diversos sem um programa de aproveitamento dos treinando no mercado de trabalho.

Interessante observar que dentre as respostas sobre os talentos do bairro, embora não tenha sido elevado o percentual, em todos os cinco bairros houve quem registrasse como talentos locais os “assaltantes”, vocação que se prolifera a cada dia na região, segundo os moradores insistiram em denunciar.

Examinando-se bairro a bairro, tem-se as seguintes realidades:

1. Canindezinho

Dos talentos identificados no bairro Canindezinho pelos seus moradores, destacam-se as seguintes respostas e seus significados:

- ❑ Nenhum (23,86%) e não sabe (44,70%), o que indica um desconhecimento da população em geral sobre o que existe de talento no bairro;
- ❑ Dança (6,44%), música (6,44%), bandas e artes em geral – significa um potencial latente no bairro interessado em desenvolver suas habilidades nessas áreas tão pouco incentivadas pelas políticas públicas e cuja possibilidade de aumento de renda é real. Geralmente se trabalha a qualificação nesse ramo de atividade como atividade lúdica e não profissional.

Indagados sobre os talentos do domicílio, embora a resposta “nenhum” tenha tido elevado percentual (44,96%), houve alguns depoimentos interessantes como: artesanato (10,08%), costura (14,73%), cozinha (13,57%)

música (8,91%) e informática (7,75%). Em menor percentual percebe-se a existência de talentos para teatro, poesia, canto e dança.

Desses respondentes, 82,98% desejam aperfeiçoar seus talentos, destacando-se artesanato (14,56%); informática (20,25%), costureira (23,42%), música (12,03%), cozinha (5,70%) e dança (11,39%). Reclamaram “faltar oportunidade” (58,42%), “recursos” (72,11%), “cursos de qualificação” (17,37%), além da observação de alguns entrevistados sobre a distância do bairro (5,26%) em relação aos locais onde são oferecidos cursos para essas modalidades.

2. Siqueira

Dos talentos identificados no bairro Siqueira pelos seus moradores, destacam-se as seguintes respostas e seus significados:

- Nenhum (33,58%) e não sabe (36,98%), indicam um desconhecimento sobre o que existe de talento no bairro;
- Artesanato (3,4%), embora não seja um percentual elevado, sinaliza como em outros momentos dessa pesquisa (renda principal e secundária dos moradores; número de estabelecimentos etc) a importância do artesanato para o GBJ, já que em todos os cinco bairros eles são recorrentes;
- Dança (7,17%), teatro (2,64%), canto (5,28%) música (3,77%) e artes em geral – significa um potencial latente no bairro interessado em desenvolver suas habilidades nessas áreas, tão pouco trabalhadas como possibilidade de aumento de renda.

Indagados sobre os talentos do domicílio, embora a resposta “nenhum” tenha tido elevado percentual (45,66%), houve alguns depoimentos

que merecem registro: artesanato (10,94%), costura (13,21%), cozinha (7,55%), marcenaria (4,91%) e informática (13,58%). Em menor percentual percebe-se a existência de talentos para teatro, poesia, circo, canto e dança.

Desses respondentes, 81,63% desejam aperfeiçoar seus talentos, destacando-se informática (24,17%), costureira (21,67%), cozinha (10,83%) e dança (6,67%). Reclamaram faltar oportunidade (58,33%), recursos (56,67%), qualificação (11,67%), além da observação de alguns entrevistados sobre o isolamento do bairro, devido à distância em relação aos locais onde são oferecidos cursos para essas modalidades.

3. Granja Portugal

Dos talentos identificados no bairro Granja Portugal pelos seus moradores, destacam-se as seguintes respostas e seus significados:

- Nenhum (26,04%) e não sabe (29,06%), indicam um desconhecimento sobre o que existe de talento no bairro, entretanto, comparado com os demais, o percentual de respostas é bem menor;
- Artesanato (15,85%) embora não seja um percentual elevado, reforça a existência de um bom contingente de artesãos no bairro;
- Dança (6,79%), teatro (4,56%), canto/ música, bandas e artes em geral – significa um capital humano latente no bairro susceptível a desenvolver suas habilidades nessas área tão pouco incentivada como profissão
- Futebol (10,57%) é significativo esse percentual considerando-se o número de campos de várzea e society existente em todos os cinco bairros, esse esporte tem sido elevado a uma importância

fundamental não somente como entretenimento, mas como meio de vida para quem possui talento. E historicamente, espaço de sociabilidade em bairros periféricos, onde políticas são fomentadas.

Indagados sobre os talentos de cada domicílio, embora a resposta “nenhum” tenha tido elevado percentual (35,85%), foram registradas vocações para: artesanato (21,13%), costura (21,51%), cozinha (15,47%) música (10,94%) e informática (9,81%). Em menor percentual percebe-se que a existência de talentos para teatro, poesia, circo, canto e dança.

Desses respondentes, 49,43% desejam aperfeiçoar seus talentos destacando-se artesanato (65,95%); informática (14,50%), costureira (31,30%), cozinha (17,56%) e dança (6,87%). Reclamaram “faltar oportunidade” (43,80%), “recursos” (64,23%), qualificação (6,57%), coragem (5,84%) que reflete o baixo percentual (comparado com outros bairros) de desejar aperfeiçoar o talentos em nível de domicílios. Enquanto nos outros bairros variam em torno de 80% dos entrevistados que desejam se qualificar, na Granja Portugal foi apenas 49,43%, além da observação de alguns entrevistados sobre a distância do bairro em relação aos locais onde são oferecidos cursos para essas modalidades.

4. Granja Lisboa

Talentos identificados no bairro Granja Lisboa:

- Nenhum (16,98%) e não sabe (27,92%), indicam um certo desconhecimento sobre o que existe de talento no bairro, embora o percentual não seja elevado;
- Artesanato (15,85%) mesmo não sendo um percentual elevado, sinaliza, como em outros

momentos dessa pesquisa, a existência de um bom contingente de artesãos no bairro;

- ☐ Dança (10,57%), canto (6,42%), música (10,94%), bandas (7,17%) e artes em geral.

Indagados sobre os talentos do domicílio, embora a resposta “nenhum” tenha tido elevado percentual (38,11%), identificaram-se talentos para: artesanato (21,13%), costura (13,58%), cozinha (7,17%) música (7,17%) e informática (12,06%). Como nos demais bairros, percebe-se a existência de talentos para teatro, poesia, artes marciais e dança.

Desses respondentes, 57,36% desejam aperfeiçoar seus talentos, destacando-se artesanato (21,77%) informática (30,61%), costureira (15,65%), cozinha (6,8%) e eletrônica (10,20%). Reclamaram faltar oportunidade (58,44%), recursos (57,14%), qualificação (5,19%), além da observação de 2,6% dos entrevistados afirmarem que não querem aperfeiçoar nada.

5. Bom Jardim

Dos talentos identificados no bairro Bom Jardim pelos seus moradores, destacam-se:

- ☐ Nenhum (33,21%) e não sabe (17,74%), indicam mais um descrédito que falta de desconhecimento sobre o que existe de talento no bairro;
- ☐ Costura (10,19%) – representa a vocação de muitos moradores, sobretudo por ser a maioria mulher e a forma de aquisição de renda ter sido principalmente trabalho que sejam uma extensão do que elas já fazem em casa como costura, cozinha faxina etc. No bairro há registro de 24,15% de autônomos e 24,15% de donos de casa.

- ❑ Artesanato (7,92%) embora não seja um percentual elevado, é uma registro importante para a região do GBJ como um todo;
- ❑ Dança (11,32%), música (8,68%), capoeira (8,68%), bandas e artes em geral – tem-se apresentado desenvolver suas habilidades nessas áreas, tão pouco trabalhadas como possibilidade de aumento de renda. Geralmente se trabalha a qualificação nesse ramo de atividade como atividade lúdica e não profissional.
- ❑ Futebol (10,57%) é significativo esse percentual considerando-se que esse esporte tem sido elevado a uma importância fundamental não somente como entretenimento, mas como meio de vida para quem pode conseguir um bom desempenho, além de seu valor cultural.

Indagados sobre os talentos do domicílio embora a resposta “nenhum” tenha tido elevado percentual (39,62%), houve alguns depoimentos importantes como: artesanato (20,38%), costura (16,98%), cozinha (5,66%) música (7,17%) e informática (13,68%). Em menor percentual percebe-se que a existência de talentos para teatro, poesia, circo, canto e dança.

Desses respondentes, 80,63% desejam aperfeiçoar seus talentos destacando-se artesanato (20,93%); informática (27,91%), costureira (18,60%), música (6,20%) e desenho (6,20%). Reclamaram faltar oportunidade (42,19%), recursos (60,16%), qualificação (3,91%), tempo (7,03%) e coragem (4,63%) além da observação de alguns entrevistados sobre a distância do bairro em relação aos locais onde são oferecidos cursos para essas modalidades.

Uma região como o GBJ, com quase 175.000 habitantes com as mais variadas procedências, convivendo com a realidade urbana de uma grande

cidade, produz capital humano com características diversas, variando desde pessoas com vocações vinculadas à vida rural/ doméstica como artesanatos, cozinha, costura etc, como também profissões urbanas como informática, técnicos em eletrônica, bandas de rock, pagode, teatro entre outras atividades vinculadas à realidade das grandes cidades e do momento de globalização da economia.

A frequência de jovens e mulheres no bairro faz com que a maioria das respostas esteja vinculada ao mundo feminino como costura, cabeleireira, artesanato em bordado, cozinha entre outras atividades que são frequentes nesse contingente populacional. Há que se pensar nos talentos, nas áreas de artes e música. Desse modo, pensar em política cultural para o bairro, seria uma grande opção para a região do GBJ em qualificar pessoas para serem instrumentistas, atores, desenhistas e dançarinos.

Das demais capacitações requeridas, a informática foi comum a todos os bairros. Sem este suporte, o profissional fica mais difícil de se inserir no mundo de economia global. Porém, há que se verificar que não adianta somente o curso em informática sem ter um espaço de acesso para que os alunos possam praticar após a realização desse processo de capacitação. Sem a continuidade prática não há como fixar aprendizagem em informática ficando o investimento em capacitação invalidado, sobretudo se os cursos forem de curta duração.

Tabela XVI: Talentos do bairro segundo depoimento da existência em cada domicílio entrevistado

Talentos *	GBJ	Canindezinh o	Siqueira	Granja Portugal	Granja Lisboa	Bom Jardim
Artesanato	16,77	10,08	10,94	21,13	21,13	20,38
Nenhum	40,82	44,95	45,66	35,85	38,11	39,62

Dança	4,63	7,75	2,64	4,91	2,64	4,15
Costura	16,01	14,73	13,21	21,51	13,58	16,98
Música / canto	10,09	10,46	7,55	12,83	9,81	9,81
Informática	11,23	6,98	13,58	9,81	12,08	13,58
Cozinha	9,86	13,57	7,55	15,47	7,17	5,66
Eletrônica	4,63	3,49	2,64	5,28	6,64	5,28

Fonte: pesquisa direta GPDU/CDVHS2003

* Outros talentos menos expressivos: teatro, circo, marcenaria, futebol, capoeira, cabeleireiro, manequim-modelo.

2.12. Saúde

Falar em saúde de um lugar muitas vezes confunde com outros aspectos da vida de uma população que interferem diretamente nas condições de vida, sobretudo porque a concepção que a VIII Conferência Nacional de Saúde demarcou ultrapassa a concepção de saúde contrário à doença, e sim, como um conjunto de aspectos relacionado a uma população como saneamento, educação, emprego e renda, lazer, entre outros, que compõem uma situação de bem-estar físico e mental, que vai além da saúde do corpo, incluindo a saúde sócio-econômica.

No GBJ as condições de vida são precárias como podem ser observado nos aspectos gerais do bairro, de modo que a saúde é comprometida a partir do perfil da baixa escolaridade, baixa renda, falta de saneamento, falta de segurança e, sobretudo, do desrespeito ao rio Maranguapinho/Siqueira que vem funcionando mais como um depósito de poluição e sujeira a céu aberto.

Quando doente, 53,41% da população recorrem em primeiro lugar a postos de saúde em outros bairros, já que só existem cinco na região do GBJ (dois na Granja Lisboa, dois na Granja Portugal e um no Bom Jardim); em

segundo, dirigem-se aos hospitais no centro de Fortaleza (46,52%); somente 25,45% dos entrevistados comparecem aos postos de saúde do bairro. Ora, se extrapolado para o total da população do GBJ, verifica-se que, em número absoluto, esse contingente pode chegar a aproximadamente 44.000 pessoas a se aglutinarem em cinco postos dos bairros do GBJ, o que significa um trágico problema para os profissionais que atendem e para a população que procura o serviço.

Interessante observar que o Programa de Saúde da Família não foi mencionado como alternativa, demonstrando ainda ser tímido esse programa no GBJ. Deve-se ressaltar que o PSF é aplicado em parte do bairro Siqueira. Contudo, é gerido atualmente pela Prefeitura de Maracanaú, com suas agentes de saúde, localizadas na comunidade Parque São João, de responsabilidade administrativa dessa Prefeitura.

As doenças mais recorrentes no GBJ poderia ser incluídas no rol do que as instituições internacionais chamam de “doenças de pobreza”, ou seja, doenças ligadas a privações que uma população pobre pode ter.

Para o UNICEF a difteria, coqueluche, tétano, sarampo, paralisia infantil e tuberculose são consideradas doenças da pobreza. Carlos Sylus¹⁶ em seu artigo “Brasil: eterno País do futuro” refere como doenças da pobreza as doenças infecto-contagiosas, tais como: malária, hepatite, dengue, esquistossomose, doença de Chagas e até a tuberculose, que está recrudescendo no País. O autor estima em torno de 40 milhões o número de pessoas atingidas por doenças infecciosas no País.

No GBJ a ocorrência dessas doenças é alta conforme os dados abaixo:

Tabela XVII: Doenças citadas como mais frequentes no Grande Bom Jardim

¹⁶ Artigo intitulado “Brasil: eterno País do Futuro” veiculado na internet no42 site www.esg.br/publicacoes/artigos/a039.html

Doenças	GBJ	Granja Lisboa	Granja Portugal	Canindezinh o.	Bom Jardim	Siqueir a
Gripes	78,70	86,04	76,60	70,08	77,74	83,02
Viroses	54,46	66,79	53,96	40,91	59,25	51,32
Dengue	34,14	41,51	49,43	26,14	26,04	27,55
Micoses	30,29	28,68	36,60	30,68	26,04	29,43
Diarréia	24,77	26,04	35,85	18,18	17,36	26,42
Verminoses	22,05	20,75	32,08	17,42	10,57	29,43
Pneumonia	21,98	23,02	24,91	22,35	17,74	21,89
Ferimentos	8,69	12,08	7,55	15,91	6,69	1,13
Tuberculose	7,70	6,62	14,34	5,30	-	7,92
Leptospirose	7,10	12,08	12,83	4,55	3,4	2,64
Hanseníase	5,21	5,28	10,19	3,03	-	3,02
Calazar	4,83	3,04	6,79	2,65	3,40	7,92
Stress depressão					4,91	

Fonte: pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

A Granja Portugal possui, comparativamente a outros bairros, um alto índice de tuberculose, leptospirose e hanseníase declarados como existentes. Os demais bairros seguem a mesma tendência, tendo como principais doenças: gripes, viroses, dengue, micose, diarréia e verminoses. Doenças típicas de populações com problemas de saneamento básico e que moram em áreas de risco de enchentes e esgotos, cujo destino do lixo é inadequado.

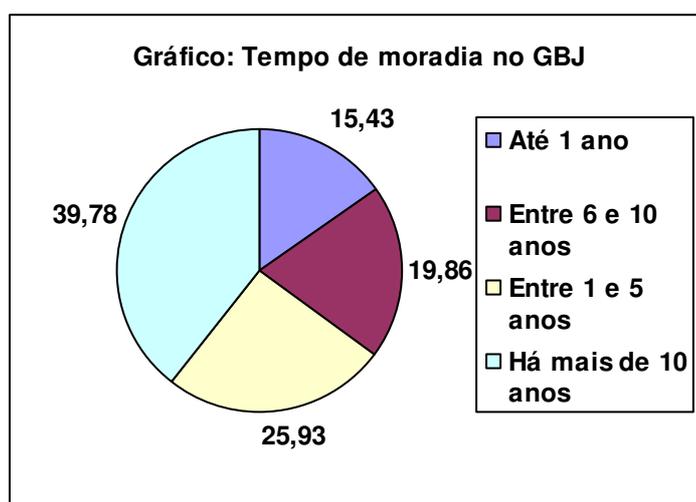
Sendo essa região populosa como um município de médio porte, haveria que ter uma política de saúde mais localizada, justificando a construção de um hospital na região.

III. AS PERCEPÇÕES SOBRE O GRANDE BOM JARDIM:

3.1- Quem são os moradores do Bom Jardim?

3.1.1 Uma população sob o signo da migração

A ocupação do Grande Bom Jardim é um fenômeno recente, se comparada com a de outras áreas de Fortaleza. De acordo com os dados já analisados anteriormente, apesar de os primeiros habitantes dos bairros já na década de 1970 começarem a delimitar seus territórios, foi a partir dos meados de 1985 que se intensificou a expansão territorial e populacional da região, nos moldes em que se apresentam atualmente. Os dados obtidos pela aplicação dos questionários revelam que, do total dos entrevistados, 38,79% moram no GBJ há mais de 10 anos, enquanto que 61,21% restantes responderam morar na região há menos de 10 anos, segundo escalas de tempo variadas, conforme demonstra o gráfico abaixo:



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Os moradores do GBJ têm a clara percepção de que fazem parte do fluxo de migração da população que se desloca do interior em direção ao litoral, mais especificamente à capital do Estado. O perfil dos segmentos

populacionais dos cinco bairros pesquisados quanto à procedência de origem vem revelar um fenômeno que não é específico do Grande Bom Jardim, se for considerado que a população de Fortaleza praticamente dobrou nas últimas duas décadas.

Quase dois terços dos pesquisados revelam ter vindo de outros municípios do estado ou de outros bairros de Fortaleza. Tanto para uma situação quanto para outra, este movimento migratório é significativo para compreender a constituição populacional do Grande Bom Jardim, quanto à sua origem, como resultado de um fenômeno mais geral pelo qual tem passado a Cidade.

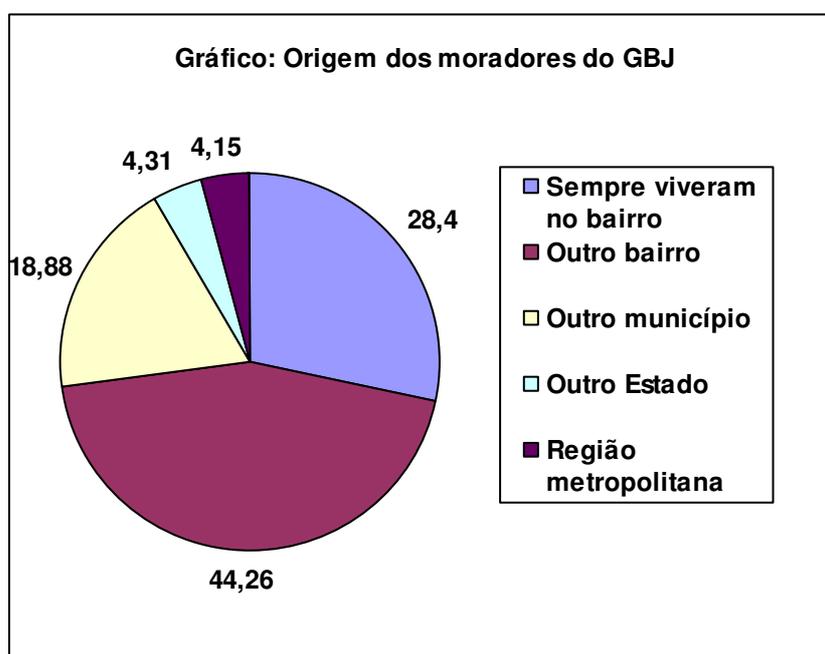
A explosão populacional da capital é decorrente, em parte, da falta de perspectivas econômicas dos contingentes populacionais do interior do estado que, acuados por um modelo de desenvolvimento extremamente concentrador de capitais e renda, favorece a exclusão do homem do campo, ao mesmo tempo em que concentra praticamente todos os serviços e investimentos no entorno da capital, melhor escrevendo, na Região Metropolitana. Acrescidas a este fenômeno, as secas periódicas têm contribuído para intensificar a migração campo-cidade.

Se, de um lado, há a incapacidade estrutural dos governos de gerar ou manter os níveis de emprego e renda para essas populações interioranas, como analisadas anteriormente, por outro, a disseminação de padrões e valores, que incidem em novos desejos e necessidades de consumo, vislumbram a idealização da urbe moderna como espaço que oferece, em tese, oportunidades e qualidade de vida “superior” para todos.

O crescimento populacional da região do GBJ pode ser explicado nesse movimento de correntes migratórias do interior em direção à capital ou no interior da própria capital no sentido centro-periferia. As motivações de ambos os movimentos parecem estar ancoradas na questão central de busca de sobrevivência e reprodução material e simbólica de famílias inteiras.

3.1.2 As migrações do interior em direção ao litoral

Do total dos entrevistados residentes no GBJ, uma parcela significativa revela ter procedência de fora do bairro. Apenas 28,4% responderam que sempre viveram no bairro, contra 44,26% que revelaram ter vindo de outros bairros, 18,88% de ter procedência de outros municípios do estado, enquanto 4,31% se originam de outros estados. Apenas 4,15% responderam que vieram dos municípios que constituem a Região Metropolitana de Fortaleza, conforme demonstra o gráfico a seguir:



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

A pesquisa amostral buscou situar os bairros e os municípios mais citados como de origem dos entrevistados. Em relação aos municípios do

Estado, Canindé, Maracanaú, Caucaia e Quixadá apareceram como os mais citados na média relativa ao GBJ, seguidos de Pentecostes, Maranguape, Redenção, Sobral e Pacatuba. Outros municípios foram citados. Ao todo, foram referidos 76 municípios de onde os entrevistados afirmam ser a sua procedência de origem. São municípios de todas as micro-regiões do estado, do litoral aos sertões e às serras.

Embora o índice obtido nas respostas acuse, conforme o gráfico anterior, apenas 4,15% dos entrevistados do GBJ serem procedentes dos municípios da Zona Metropolitana, este dado não guarda coerência se cruzado com os resultados obtidos pela opção *Origem de outros municípios*, sem referência à *Zona Metropolitana*. Ao somar-se a recorrência das respostas referidas aos municípios de origens, isoladamente, constata-se que Maracanaú responde por 7,59%, Caucaia, 4,95%, Maranguape, 3,96%, Pacatuba, 3,30%, Aquiraz, 0,99% e Eusébio, 0,66%, eles representam 21,45% dos municípios referidos como de procedência dos moradores entrevistados.

Esta mesma questão foi debatida nos Grupos Focais e os resultados não se distanciaram dos dados obtidos pelos questionários. As trajetórias coletivas dessas migrações criaram um ideário cravado na experiência histórica vivida pelos moradores ou passadas em suas narrativas circulantes entre os grupos sociais locais. Isto tem contribuído para a construção da identificação de todos os da comunidade a partir de um imaginário comum, fundado no significado da *trajetória dos pobres*.

Indagados do que sabiam sobre a origem das pessoas do Grande Bom Jardim, vários esquemas interpretativos nativos foram expostos pelos participantes dos grupos focais, seja na busca de explicação, seja como justificativa da situação:

...Foi dos interiores. A maioria, a maioria não, todo mundo veio do interior(...) das favelas vêm do

interior. Eu acho que é pelo fato de ter uma grande entrada aqui, pelo [terminal do] Antônio Bezerra(...)Da rodoviária dos pobres(...). Eles iam chegando, eles iam entrando. (Debatedor grupo focal no GBJ)

... Acho que 80 % dos morador aqui dessa área são pessoas oriundas do interior do Estado(Debatedor grupo focal no GBJ)

Aí tinha duas rodoviárias: a rodoviária dos pobres, né, uma lá e outra aqui. Aí quando desciam lá, não prosseguiam, nem iam pras praia, eles entravam pra cá (risos).

A idéia dos bolsões de pobreza situados nos territórios da periferia de Fortaleza, assim como a experiência histórica do início do século XX , no ordenamento do território da cidade como forma de controle dos flagelados da seca, segundo relatado por Rodolfo Teófilo¹⁷, parece se revelar, no saber local, pelas referências dos espaços segregados em que tanto o desembarque quanto o destino dos pobres vindos do interior estão inexoravelmente demarcados, cabendo-lhes os territórios da periferia, a exemplo dos municípios da Região Metropolitana, ou os bairros marginais da Cidade, como a região que constitui o Grande Bom Jardim e seu entorno. Após um levantamento feito sobre as origens dos debatedores presentes em Grupo Focal, concluiu-se que todos os que ali estavam eram procedentes de municípios de todas as regiões do Ceará, conforme comentário final de um dos presentes:

De quase todos os municípios do Estado do Ceará: diversos, diversos, tem muita região(...) A maioria é pra esse lado de Norte: Sobral, Tem muitos do Maciço de Baturité, né, tem muita gente, de Tauá, da Serra do Pacoti, de Canindé. Eu vim de (), no sertão central, vizinho a Solonópoles. Tem de Mombaça, Cascavel, de São Gonçalo do Amarante(...). (Debatedor grupo focal no GBJ)*

¹⁷ Cf. Teófilo, Rodolfo. A fome. 19...

3.1.3 As migrações intra-bairros em Fortaleza: direção centro periferia

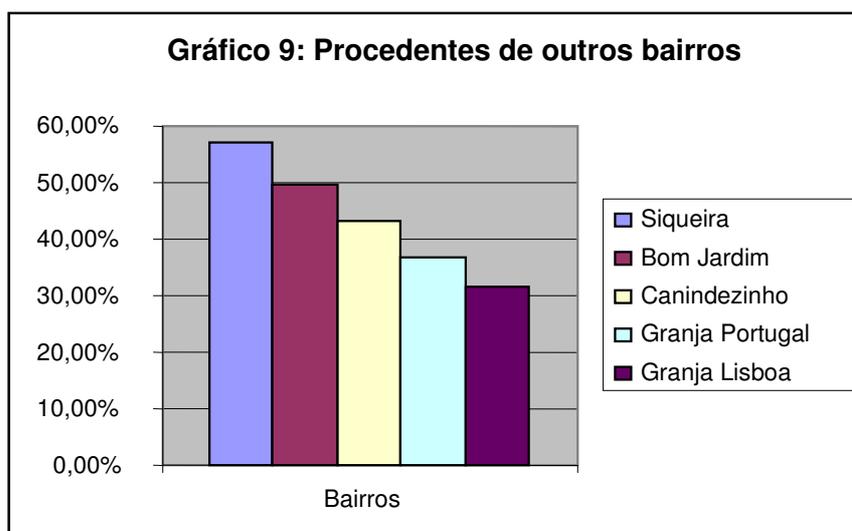
Com a recente expansão de Fortaleza e seu processo de modernização voltada para ser uma “metrópole do futuro”, e o turismo como a sua grande e promissora indústria, a forma de apreensão dos lugares da cidade e sua valoração material e simbólica têm alimentado a especulação imobiliária e sido responsável por um reordenamento espacial de modo agressivo e violento.

A cidade explode, se transforma e, com isto, delimita seus territórios de acordo com a lógica do capital. Grandes obras são planejadas e executadas pelos poderes público e privado. Populações residentes impactadas pelo conjunto dessas mudanças são realocadas, seja de forma programada pelos órgãos governamentais, seja por iniciativa própria, em busca de novas moradas, muitas buscando preços de imóveis e de aluguel mais baratos.

Interessante observar que a ocupação dos territórios periféricos da cidade e, no caso específico, do GBJ e de seu entorno, está relacionada, em parte, ao fenômeno da migração intramunicípios e regiões do estado e, sobretudo, da migração interna na cidade de Fortaleza. Este último aspecto revela uma faceta do movimento migratório em geral e diz respeito ao modo como esse contingente populacional, uma vez estabelecido na capital, ocupa seu espaço e busca resiliência. Ao que parece, este processo para muitos não tem fim. O fato de chegada à cidade não significa o mesmo que o de se estabelecer como cidadão que faz parte dela como portador do sentimento de pertença.

O fenômeno da migração interna na cidade de Fortaleza é um indicador importante para perceber como essas relações estão se engendrando em sua materialidade cotidiana. A condição de migrantes é um aspecto inerente à constituição identitária dos moradores da região do GBJ, revelado

pelos resultados obtidos na pesquisa realizada, conforme atestam os dados aqui analisados.

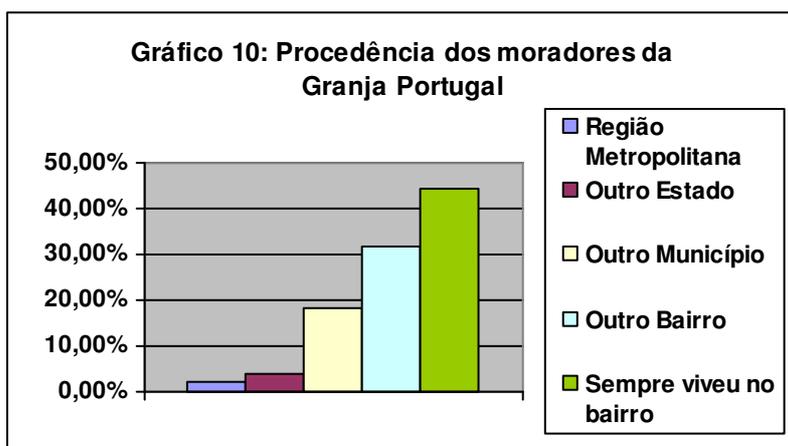


Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Quase metade dos moradores entrevistados do GBJ revelou ser procedente de outros bairros. Esta situação é compartilhada por 44,36% dos informantes, conforme gráfico anterior. Analisando bairro a bairro, vê-se que cada um revela peculiaridades próprias, provavelmente relacionadas a fatores como localização espacial e a linha do tempo de sua história. O bairro do Siqueira é o que revela maior índice de informantes nessa categoria,

correspondendo a 56,98% dos entrevistados, seguido do Bom Jardim, com 49,81% e o Canindezinho, com 43,18%. Já na Granja Portugal e na Granja Lisboa as respostas revelaram índices de famílias provenientes de outros bairros bem inferiores, correspondentes a 36,92% e 31,7%, respectivamente:

Destaque para a opção *sempre viveu no bairro* em relação à Granja Portugal, cujo resultado destoa dos demais bairros. Enquanto nestes últimos os resultados se aproximam da média obtida pelo GBJ, de 28,4% (Bom Jardim 22,26%, Granja Lisboa 26,04%, Siqueira 20,38%, Canidezinho 29,17%), na Granja Portugal as respostas revelam que 44,15% das pessoas entrevistadas sempre viveram no bairro, sendo o índice majoritário se comparado às outras opções respondidas.



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Cada formação espacial revela suas diferenciações internas, sempre explicadas pelo modo como seus moradores apreendem as relações que lhes são inerentes e com as quais formulam seus esquemas classificatórios de si, do outro e dos espaços nos quais estão situados. Esta diferença relativa à Granja Portugal no que tange à pertença sugere, à primeira vista, a existência de um certo segmento populacional *estabelecido* em relação aos que chegaram depois, no sentido analisado por Nobert Elias (2000) na sua obra *Os*

estabelecidos e os outsiders, que pode ser fator explicativo da percepção corrente através da qual se afirma ser a Granja Portugal a “elite” do GBJ.

No que tange ao item *bairros de origem* dos entrevistados, destaca-se o número de 80 bairros citados pelo conjunto dos entrevistados como lugares de moradia antes de chegarem ao Grande Bom Jardim. No entanto, o mais marcante deste resultado pode ser revelador de um fenômeno inerente à própria região: deste total, 10 bairros concentram 48,89% da origem informada e, mais interessante, dos 10 referidos, 9 estão situados na própria região do GBJ ou fazendo parte do seu entorno: Canidezinho, Parque São José, Bom Jardim e Granja Portugal lideram as opções respondidas, como 7,69%, 7,52%, 5,81% e 5,13% das respostas válidas, respectivamente. Ou seja, pode-se perceber que o espaço do GBJ é marcado por um fluxo populacional interno à própria região, o que parece traduzir uma constante movimentação de seus habitantes em busca de situarem-se no território que lhes conforma.

Na seqüência dos 10 mais citados, aparecem os bairros João XXIII, Bom Sucesso, Granja Lisboa/Santa Cecília, Montese, Henrique Jorge e Conjunto Ceará. Com exceção do Montese, estes bairros configuram uma área contígua da região na qual está inserida a região do Grande Bom Jardim.

Ao adentrar mais especificamente em cada bairro pesquisado, percebe-se que a dinâmica específica do movimento migratório no interior de cada bairro resguarda uma certa equivalência de dados, se comparados uns aos outros, excetuando-se o Bairro Bom Jardim, em cujos resultados apareceu a predominância de um bairro em relação aos outros bairros de origem citados.

Neste aspecto, no bairro Siqueira, dos 15 bairros referidos pelos pesquisados como de sua origem, 12% dos respondentes afirmaram ter vindo do Parque São José, seguidos, de forma mais ou menos eqüitativa, dos quatro

bairros mais citados: Bom Jardim, com 6,67%, Canindezinho e João XXIII, com 6,00% respectivamente e Henrique Jorge, com 4,67%.

No Bairro Granja Lisboa, foram citados 16 bairros de origem dos pesquisados. Deste total, 9,52% dos informantes declararam procedentes da Granja Portugal, vindo em seguida os bairros Parques São José, Bom Sucesso, Henrique Jorge e Conjunto Ceará, com 4,76% das respostas, respectivamente.

No bairro Bom Jardim, no entanto, é apresentada uma variação diferenciada em relação aos demais bairros pesquisados, tanto no que se refere à quantidade de bairros citados como de origem dos entrevistados, quanto ao número de respostas referidas a um único bairro em relação aos demais citados. Foram mencionados 42 bairros pelo conjunto dos entrevistados no Bom Jardim, sendo o bairro Canindezinho citado por 17,42% dos entrevistados como o bairro de sua origem, seguido da Granja Portugal, com 10,61%, Granja Lisboa/Santa Cecília, com 9,09% e o Parque São José com 5,30% das respostas.

Como analisado, o imaginário da migração está fortemente arraigado nos segmentos populacionais da Região e presente nas falas emitidas dos participantes dos Grupos Focais no que diz respeito às trajetórias de vida de seus participantes e sua identidade de pertença às origens primitivas. Expressões como *eu vim de Tauá com meu pai... o desemprego lá, né, teve que vim pra cá...*, ou *todo mundo aqui é do interior...* parecem bem ilustrar esta questão.

Este imaginário fundante parece orientar e organizar os sentimentos de todos os entrevistados de procedência do interior do estado às situações específicas vividas após a chegada na cidade grande. O fato de estar em Fortaleza, há mais ou menos tempo, não afrouxam os laços do cimento comum entre passado e presente nem minimiza o sentimento de pertença ao bairro desses moradores em relação às diferentes passagens em outros bairros.

Nos Grupos Focais, os discursos de cada participante afirmavam esta condição de origem, seja do sertão, seja das serras, seja do litoral, a partir da qual o imaginário migrante do interior se revelava em sua intensidade simbólica e identitária. No entanto, a condição de migrantes no território da própria Fortaleza, revelada pelos dados dos questionários, não se revelou na mesma intensidade. Em um dos Grupos Focais, quando um jovem enfatizou que havia um preconceito comum dos habitantes de Fortaleza que não moram no GBJ, ao taxarem a região como *área de violência*, um dos moradores fez questão de se pronunciar afirmando, com muito bom humor:

(RISOS) - Olhe eu nasci em Cascavel e me criei na Aldeota, viu? Depois foi que eu vim pra cá... Eu defendo o Bom Jardim (), do governo estadual, municipal, federal, até no exterior (*) e não nasci aqui não, mas eu defendo o Bom Jardim. (Debatedor grupo focal no GBJ)*

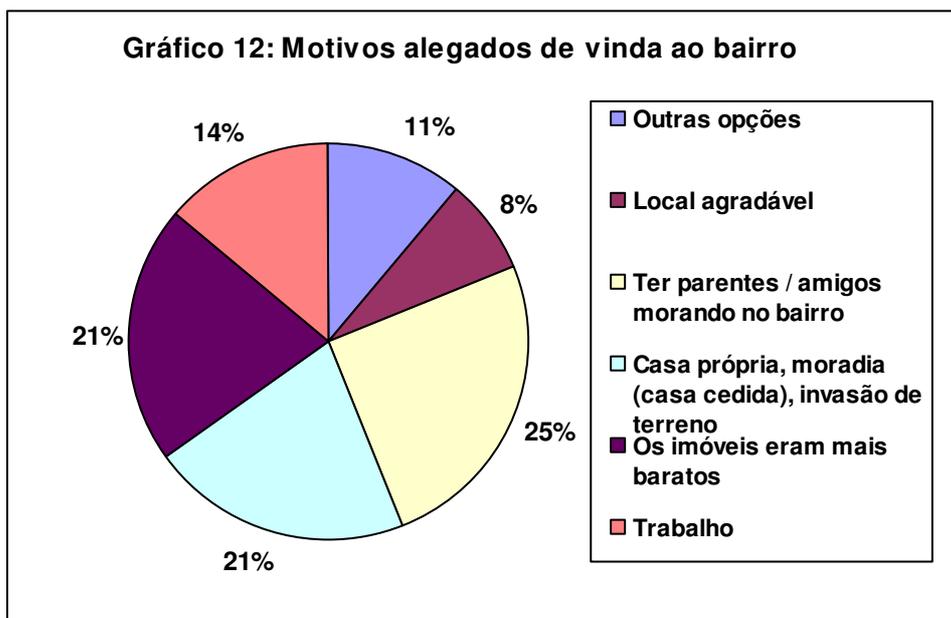
O que podemos destacar, neste aspecto, é que ao falarem do presente, as narrativas dos entrevistados revelam representações dos bairros que compõem o GBJ como uma totalidade que faz parte das suas trajetórias de vida. Ou seja, o território do Grande Bom Jardim aparece como algo em construção e como objeto de disputa, de pertencimento e de reconhecimento ao mesmo tempo em que como um espaço contestado pelos seus moradores, mas nunca como lugar negado em oposição aos bairros experimentados anteriormente.

Os moradores projetam seus desejos e insatisfações concomitantemente. Estabelecem hierarquias e esquemas de percepção e valores dos bairros onde moram como forma de territorializar não apenas a cidade, mas o próprio bairro. Projetam, desta forma, as limitações e as potencialidades e, com isto, vão buscando conciliar-se através de realizações e conquistas possíveis.

A escolha de ter vindo morar no Grande Bom Jardim é explicada a partir de várias motivações, segundo os moradores entrevistados. Do conjunto das respostas dadas pelos informantes nas questões relativas a *procedentes de outros municípios ou bairros*, podemos destacar dois aspectos importantes relacionados a:

a) valores de sociabilidades cotidianas, encorajadoras para operar mudanças de lugares, como os laços familiares ou fraternais, no sentido de que *um parente puxa o outro*, ou da vinda anterior de uma família amiga que passa a ser referência para o deslocamento de outras famílias amigas que ainda não vieram;

b) motivações de ordem mais econômica e material, como a possibilidade de acesso a terrenos baldios para comprarem ou ocuparem e, neles, construírem a casa própria, a possibilidade de acesso a aluguéis mais baratos, a proximidade do trabalho etc., como podemos observar no gráfico a seguir:



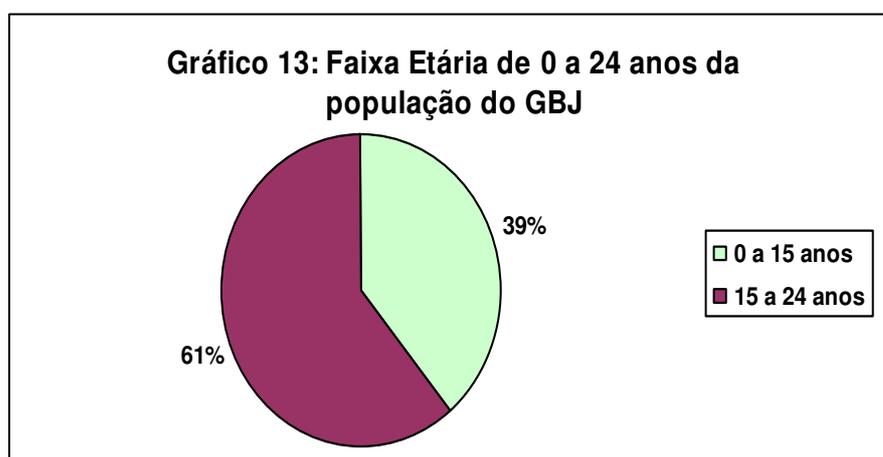
Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Os laços de parentesco e ou de amizades correspondem a 25,74% das motivações declaradas pelos informantes da sua vinda ao bairro. Chama a atenção a opção pela busca de possuir a casa própria, seja através de uma moradia cedida, seja pela ocupação ou invasão de terrenos baldios etc. Estas motivações foram alegadas por 21,19% dos informantes. Já as motivações relacionadas à busca de preços mais baratos na região para aluguel dos imóveis de moradia correspondem a 20,76% das respostas dos entrevistados.

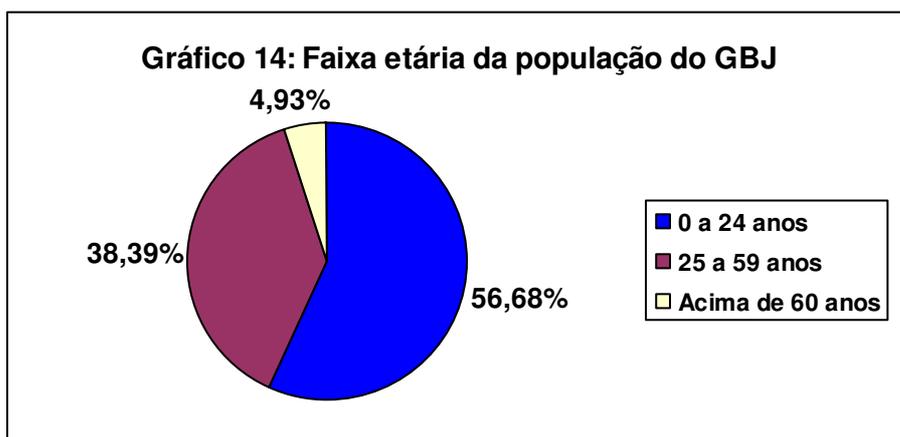
Imobiliária na Estrada do Jatobá - Granja Lisboa.

3.1.4. Uma população jovem

Conforme já demonstrado neste trabalho, pode-se afirmar que os moradores do Grande Bom Jardim, em sua maioria, formam uma população jovem, com 56,68% constituídos na faixa etária de 0 a 24 anos, dos quais 38,69% são representados por indivíduos situados na faixa etária entre 0 a 15 anos. 38,39% do total representam a população na faixa adulta entre 25 a 59 anos e apenas 4,93% da população referem-se a pessoas acima de 60 anos, conforme pode ser observar no gráfico abaixo:



Esta percentagem média relativa ao GBJ não se distancia dos cinco bairros que o constitui. Destaque para o bairro Siqueira que, dentre os cinco, é o que detém o maior índice, de 40,45%, de indivíduos entre 0-15 anos se comparado com os demais, a exemplo da Granja Portugal, com 37,27%, Bom Jardim, com 37,21%, Granja Lisboa, com 39,26% e Canindezinho, com 39,82%. Por outro lado, é o Bairro Bom Jardim que apresenta o maior índice de indivíduos com mais de 60 anos, representado por 5,86% da sua população, contra 3,80% do Canindezinho, 4,63% da Granja Lisboa, 5,69% da Granja Portugal e 4,45% do Siqueira.



Fonte: Censo Demográfico – IBGE, 2000

O fato de ser a juventude uma força predominante no perfil da população do GBJ parece repercutir no modo de ser da região. O valor da participação dos jovens como um capital social local reconhecidamente atuante é afirmado categoricamente pelos entrevistados e, em especial, pelos próprios jovens quando chamados a discutir a história dos seus bairros.

Esta participação ativa é situada através de várias frentes de experiência: na igreja, através de seus serviços pastorais; nas atividades culturais e nos esportes. Em relação aos esportes, as referências são trazidas pelos debatedores dos Grupos Focais, principalmente quando trata da

discussão da importância e do papel do futebol para a construção de uma identidade comum à região. Destacam o modo como os times são estruturados e organizados, seja através das *ligas*, seja através dos campeonatos. Estes, quando realizados, segundo os debatedores, redundam em mecanismo de integração entre os bairros do GBJ, conforme podemos perceber nos debates efetivados nos Grupos Focais com moradores da Granja Portugal, quando foi tocado no assunto do futebol:

...aí junto com a associação tinha o time de futebol que era o grande incentivo aqui da Granja Portugal... (Mulher debatedora grupo focal no GBJ)

Você tocou numa coisa importante... Também foi uma das coisas que ajudou foi a questão do esporte, né? A questão do esporte, como a gente chama, o time futebol. As pessoas se reuniam aos domingos pra jogar bola, né? e tal, aquela coisa toda. Então isso aí fazia com que aquele momento de lazer também servia pra fazer uma integração da comunidade, né? Aquele intercâmbio, Granja Portugal, Bom Jardim, Granja Lisboa, Santa Cecília, Santo Amaro... (Jovem debatedor grupo focal no GBJ)

Em relação aos campeonatos internos no bairro, afirma o debatedor:

Havia campeonatos, certo? É... a liga esportiva, tanto da Granja, como do Bom Jardim são duas ligas bastante antigas. E elas agregavam aqueles times. Tinha também campeonatos que eram feitos mesmo sem ser times que pertencessem à liga, mas que se juntavam e faziam aqueles campeonatos internos, entendeu? (Homem debatedor grupo focal no GBJ)

O futebol é representado pelos jovens que deles fazem parte como uma forma de lazer, de participação e de integração das pessoas nos bairros

que formam o GBJ. Os dados da etnografia rua-a-rua revelam aspectos importantes que devem ser considerados no que tange ao lazer da região, ao peso da juventude na estrutura populacional local e, em consequência, o lugar que o futebol assume nos esquemas valorativos dos segmentos juvenis do bairro.



Ocupação 7 de setembro – Granja Lisboa.

Os dados observados quanto aos equipamentos de lazer revelam que as opções existentes são variadas, no entanto, insuficientes e precárias. A existência de equipamentos de lazer, formalmente instituídos pelo poder público governamental e que responda às necessidades dos segmentos sociais locais, é insuficiente e envolto em controvérsias em relação à sua existência de fato. Ao mesmo tempo, a etnografia rua-a-rua veio demonstrar inúmeras iniciativas que situam espaços de lazer construídos informalmente a partir de estratégias dos próprios moradores, como atestam relatos dos pesquisadores de campo na checagem dos dados oficiais com os dados reais, existente na comunidade:

Os espaços de lazer no bairro são inúmeros, porém, em sua maioria [quanto aos dados oficialmente levantados], não puderam ser observados no exercício de checagem rua-a-rua por serem espaços criados pelos próprios moradores. A Secretaria de Cultura e Desporto apresentou apenas a existência de três praças no bairro, enquanto nas checagens foram registradas seis praças, sendo que quatro demonstravam ser construídas pelos próprios moradores quando construía suas casas nos terrenos invadidos... Nas checagens foram registrados ainda vários terrenos (13 no total) na qual são utilizados como espaço de lazer. (Relato de campo de pesquisadores populares – Checagem rua-a-rua – Granja Portugal).

Percebe-se que os espaços de lazer têm sua importância para os moradores do bairro, especialmente para a juventude. Destaca-se a recorrência dos terrenos baldios na estrutura das ruas que conformam os bairros da GBJ, conforme a etnografia rua-a-rua. Este aspecto pareceu relevante por influir nas percepções dos moradores sobre os vários aspectos do seu cotidiano. Por exemplo, foi visto como a existência desses espaços vazios influenciou no modo como as pessoas se referem à segurança e à violência, à poluição ambiental, à existência de lixo e doenças etc.

No entanto, foram destacados os terrenos baldios para demonstrar que os mesmos espaços que contribuem para o aumento de certas vulnerabilidades referidas pelos moradores, também são objeto de ocupação informal orquestrada por parcelas dos moradores orientadas por uma necessidade específica: a do lazer.

Crianças ocupam espaços vazios para o lazer.

Na ausência ou precariedade de lugares formais de equipamentos de lazer, as ocupações dos terrenos baldios vêm revelar o uso tático dos espaços

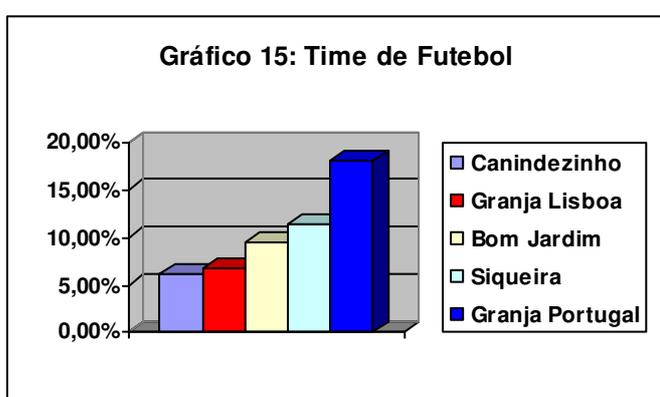
locais pela juventude que, ao fazê-lo, emprestam-lhes novos usos e significados aos territórios que lhes rodeiam. Moradores fazem praças sem o controle do serviço público governamental. Crianças criam seus cantos de brincar e a juventude, em geral, busca, na prática do esporte, principalmente através do futebol, suas formas de lazer criando, ao seu modo e dentro do que lhes parece possível, espaços físicos que possam atender às suas necessidades através, dentre outras alternativas, dos campos de futebol improvisados nesses terrenos.

É neste sentido que o futebol emerge como uma das práticas de maior acessibilidade para os mais jovens. Daí a importância que ele assume nas representações dos entrevistados como um dos fatores importantes para a construção das sociabilidades locais:

Ao meu ver a Granja Portugal há uns anos atrás, ela se caracterizava muito pelas associações e pelo futebol. Que o futebol era muito importante aqui no bairro, como inda é hoje. Agora diminuiu mais os campos, por causa do Complexo da Cidadania. E já agora, depois dessa inauguração do complexo da cidadania, eu creio que vai ser antes do complexo e depois do complexo... foi uma construção muito importante para o bairro, para a Granja Portugal.... A gente já tinha a parte lá da pracinha, da Granja Portugal, né, que tem o colégio, que é a escola que tem. Tem uma creche lá e tem o posto de saúde... mas o campo e a própria pracinha que já era um atrativo para o pessoal do bairro. E agora com o complexo da cidadania... (Homem debater, GF Grande Bom Jardim).

O futebol parece se expressar com um valor muito positivo na relação da juventude com o seu bairro. Através dele, pode-se também estabelecer conexões de sentido que as práticas juvenis e o olhar que as orientam estabelecem para a construção de pertença no bairro. No tocante a

esta mesma questão, é na Granja Portugal onde os times de futebol parecem estar mais fortemente arraigados nas representações locais, referidos por 18,11% das respostas, contra 11,32% no Siqueira, 9,43% no Bom Jardim, 6,79% na Granja Lisboa e 6,06% no bairro Canindezinho.



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

A trajetória de ausências de serviços e equipamentos mantidos por políticas públicas faz com que os moradores criem alternativas possíveis de fruírem seus espaços e atribuam hierarquias valorativas às iniciativas tanto suas, quanto aquelas vindas de fora, como a construção do equipamento denominado Complexo da Cidadania ou a própria prática de esportes. Como pode- ser percebido na fala do debatedor, os campos de futebol convivem com seu valor nativo associado às novas possibilidades trazidas pelo equipamento governamental referido.

3.1.5. Atividades culturais locais - “Celeiro de artistas...”

Se a região do GBJ é celeiro fértil de idéias e engajamento social, acumulando experiências e conquistas no campo da luta política comunitária. Da mesma forma, os potenciais artísticos e culturais dos moradores mantêm viva as construções cotidianas das localidades que compõem o GBJ através de danças folclóricas e típicas, como quadrilhas juninas, grupos de capoeira, bandas musicais de variados gêneros, artistas plásticos etc.

Uma percepção importante que circula no GBJ, apreendida, inclusive, através das falas dos participantes dos Grupos Focais, diz respeito à importância das atividades culturais, o que parece reforçar a participação da juventude na constituição da identidade do GBJ. A relevância atribuída aos movimentos culturais no GBJ, principalmente no que respeita às tradições culturais, como as manifestações juninas, as quadrilhas, os grupos de dança populares, as experiências teatrais (autos da Paixão de Cristo, entre outras expressões) e também a música, através dos talentos referidos como existentes, são enfatizadas com muita força pelos jovens e outros debatedores.

Segundo a opinião de um debatedor, com concordância dos demais participantes de um Grupo Focal, o GBJ é um “celeiro” de artistas da Cidade, resultado da força e da participação criativa dos jovens locais na construção da integração e da identidade do GBJ, através da prática cultural:

Gente, agora uma coisa que foi bastante importante pra nosso desenvolvimento, da nossa comunidade foi a questão da cultura, né? Mesmo sendo ainda uma coisa muito rude... Mas eram manifestações culturais, através das quadrilhas. É... Ali existia na época o junino aqui era gostoso demais... A gente não fazia campeonato, a gente fazia assim: cada quarteirão fazia sua quadrilha... Na noite de São João a gente se reunia e ia fazer apresentações. Da Granja Lisboa para o Bom Jardim, do Bom Jardim pra Granja Lisboa. Então isso aí contribuiu muito para a integração da nossa comunidade. Também pra o próprio desenvolvimento cultural do nosso bairro. Pra vocês terem uma idéia, essa grande área aqui da

cidade de Fortaleza é um celeiro de artistas. 80% dos cantores de bandas, tecladistas, dos... Componentes de bandas do Estado do Ceará moram nessa área aqui. Quer dizer, aqui, na região (Debatedor dos grupos focais do Grande Bom Jardim)

Sob o viés das atividades culturais, e segundo as percepções dos moradores envolvidos nesta fase da pesquisa de campo, a força da juventude se faz presente na construção do que é, atualmente, o Grande Bom Jardim. Segundo as representações correntes, os movimentos culturais existentes tiveram grande influência na história do GBJ e se constituíram, em parte, com a ação da Igreja na região, fomentando o potencial de muitos jovens através de sua participação nos serviços pastorais, como as CEB's, a catequese, os grupos de jovens etc, principalmente a partir da década de 1990, como pode ser observado no conjunto de falas dos debatedores, a seguir:

Então, na realidade, da década de 90 pra cá foi que houve... a grande transformação [frase completada por outro debatedor]. A população foi crescendo bastante, então a pressão foi aumentando... Os movimentos [sentido completado por outro debatedor]... Os movimentos foram crescendo, através da juventude, começou a se organizar, através da igreja...(Falas que se complementaram de vários debatedores - Grupo Focal Grande Bom Jardim).

Quando indagados sobre quais movimentos organizados existem no Bairro, dentre os entrevistados que responderam saber da existência deles, os mais reconhecidos foram a Igreja evangélica, com 81,95% das escolhas múltiplas, seguida da Igreja Católica, referida por 78,55% de respostas e as associações de moradores (39,50%). Os grupos de capoeira, de jovens e os times de futebol apareceram logo em seguida mobilizando respostas afirmativas mais ou menos próximas, correspondentes a 38,76%, 36,78% e 35,35% respectivamente. Grupos de Candomblé (22,28%), Alcoólicos

Anônimos (20,62%) e Grupos Culturais em geral (19,64%), também foram reconhecidos como existentes pelo total dos entrevistados, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Importante observar o baixo percentual revelado para ONGs (3,85%), embora seja notória a atuação de instituições locais juridicamente estabelecidas. Este fenômeno demonstra a diferença do que é socialmente reconhecido e juridicamente constituído.

A força juvenil passa a se expressar e a ser representada tanto em um passado recente como no presente, através das encenações teatrais promovidas pela Igreja, pelos grupos de teatro popular que daí emergiram e dos grupos musicais que, igualmente, passaram a caracterizar os talentos da região. Tudo isto, segundo alegam as pessoas envolvidas pelos Grupos focais, possibilitou espaços de participação e de visibilidade pública da juventude nos bairros que formam a região:

...Na cultura a gente tem muitas atividades, tem o grupo de teatro que funciona né? Que tem estimulado o surgimento de outros grupos dentro das escolas. A gente tem um grupo que faz a Paixão de Cristo todo ano e que eles não só envolveram outros jovens, como eles também estimularam o surgimento de outros grupos, tá?. Tem grupos de dança que vão surgindo a partir das escolas. (Debatedor, Grupo Focal Grande Bom Jardim).

O debate sobre estas questões também fez emergir como muito moradores percebem a preponderância do segmento juvenil e sua contribuição na organização das relações sociais no Grande Bom Jardim. O fato da

existência de movimentos culturais atuantes incide, segundo a opinião de alguns jovens, sobre o modo como as escolas passaram a atuar na comunidade, principalmente no trato com a juventude. Para uma jovem debatedora do Grupo Focal do Bom Jardim, o fato do GBJ não dispor de equipamentos artístico e cultural capazes de potencializar e atender a toda a juventude e os talentos que a região dispõe, as escolas foram “obrigadas” a se transformarem em um instrumento de apoio às atividades culturais do bairro:

Uma coisa que eu vejo no Grande Bom Jardim nessa linha, é que assim, há uma carência muito grande disso. Acho que devia não ter necessidade das escolas abrir assim as suas portas pra acolher os jovens. Mas, como é tanto talento no Grande Bom Jardim e sem um espaço físico pra acolher tanto jovem, tantos talentos, foi obrigado, né, assim, as escolas a abrir as suas portas, os seus espaços pra acolher essa grande demanda, porque realmente é capoeira, é teatro, são as quadrilhas, é uma série de coisas que vão acontecendo assim, simultaneamente. E...aí, às vezes acaba se chocando, uma coisa com a outra, né devido assim a grande demanda de realmente, talentos que têm no grande Bom Jardim, nas comunidades. E a tendência é a cada dia multiplicar, né? E assim, eu acho que é uma coisa que o Grande Bom Jardim precisa realmente de um espaço específico que acolha isso de fato. Esses talentos, esses jovens assim. (Debatedora, Grupo Focal Grande Bom Jardim).

No aspecto aqui referido, os movimentos culturais e sua importância como expressão dos movimentos sociais locais emergem com muita força através das imagens elaboradas pelos segmentos populacionais juvenis. Os movimentos culturais, experimentados através dos esportes, do teatro, da música e dança etc, passam a ser compreendidos como ações ativas no processo de construção da territorialidade geográfica, política e cultural, e representada na estreita relação entre a ação das igrejas e as escolas. A Igreja

aparece como uma instância formadora dos sujeitos enquanto que a escola como uma instância que tem sua dimensão instituinte ao mesmo tempo em que se institui ao sabor das relações sociais construídas na interação com a comunidade, como opina o debatedor:

No caso específico da Granja Portugal, depois que foi criada a associação das quadrilhas do Estado do Ceará, se formaram várias quadrilhas a partir das escolas e outras das igrejas, mas a escola tá tendo um papel preponderante não só no lado social, mas também no lado cultural né?. E isso aí é um aspecto bastante positivo. Eu acho que a escola tem que abrir esse espaço mesmo que está sendo aberto, e também a vantagem é que a maioria das escolas aqui, apesar de serem públicas né, tenha participação da comunidade, né? Tem pessoas, lideranças como a Dona Eulália, que há muitos anos é...trabalha. É faz trabalhos aqui na Granja Portugal e muitos outros líderes que puxa a questão(...) cobra das escolas não só as dela, as particulares ou as públicas a questão do social. A questão do social, a questão de abrir as portas pra cultura também, né? (Debatedor, Grupo Focal Grande Bom Jardim).

As escolas, neste sentido, são referidas como espaços que estão se abrindo e assumindo sua dimensão “social”, no dizer de algumas lideranças. São compreendidas em sua relação com os grupos culturais mais diversificados, a exemplo não apenas do teatro, como dos praticantes de capoeira e dos grupos musicais: “as escolas elas abriram as portas e as bandas elas estão utilizando esses espaços”, afirma uma das entrevistadas. Sendo fato ou representação, importante ressaltar que ideais deste tipo circulam entre os grupos e instituem valores e práticas que parecem potencializar as formas de atuar dos agentes sociais no bairro, ao mesmo tempo em que apontam para

ações de caráter coletivo e articulador do capital social, tendo a juventude como um valor apreendido com extrema positividade.

3.1.6. Uma população que constrói lutas: por um solo e condições dignas de vida

Pode se afirmado que uma das características que marca os segmentos populacionais do Grande Bom Jardim é a busca de afirmação do espaço de moradia. Tanto nos dados obtidos pela aplicação dos questionários, quanto nas informações qualitativas sobre seus moradores está presente a perspectiva de ocupar o solo e firmar o sonho da moradia ao mesmo em tempo em que o de afirmar o direito de condições de vida adequadas como um valor a ser conquistado. Interessante observar que o acúmulo de seu capital social está intimamente relacionado com as lutas em torno desses objetivos.

Tomando como referência os dados apresentados no gráfico 12, dele pode-se inferir a seguinte leitura: se somar o percentual de 21,19% relativo à busca de moradia em circunstâncias como casa cedida ou invasão de terrenos, com os 20,76% relativos à motivação dos aluguéis serem mais baratos na região, obter-se-á uma estatística de 40,95% dos moradores entrevistados cuja motivação da vinda ao GBJ relaciona-se ao significado da moradia.

À esquerda: ocupação Sete de Setembro, G. Lisboa. À direita, Ocupação Pantanal - Bom Jardim

Se for associado, de algum modo, o item relativo à motivação dos laços familiares e de amigos como fator não dissociado à moradia, vê-se que a busca de solo e moradia é um traço socialmente marcante dos moradores da região. Este aspecto emerge na memória coletiva dos moradores, tanto dos

participantes dos Grupos Focais realizados, como também nas histórias de vida e entrevistas com moradores dos bairros do Grande Bom Jardim.

Ao se analisar os dados obtidos pela etnografia rua-a-rua, apreende-se nas descrições dos espaços dos cinco bairros uma lógica irregular de ocupação de muitas ruas, associada à existência de ocupações de terrenos propriamente ditas. No bairro Bom Jardim, por exemplo, as observações de pesquisadores populares sobre um determinado quadrante¹⁸ do bairro chamam a atenção para uma característica por eles considerada como *marcante* :

Este quadrante aponta para uma característica marcante do bairro Bom Jardim. Este bairro, pensado como um conjunto de comunidades que reivindicam instituição, está em formação habitacional. Percebe-se que a população que se concentra em determinado espaço não só do bairro, mas da região do Grande Bom Jardim, busca ocupar o solo. Como não poderia deixar de ser, parte do território [os chamados vazios urbanos] pelo menos com mais representatividade neste quadrante, é de propriedade privada. É justamente neste espaço do quadrante (...) que se concentram as duas maiores ocupações do bairro, a ocupação do Marrocos e a ocupação Nova Esperança, na comunidade do Parque São Vicente.

As ocupações dos terrenos vazios são um fato relevante na história da formação espacial da região. Ao se falar das primeiras lutas coletivas do GBJ que contribuíram para cimentar laços de solidariedade e de formação dos atores coletivos do bairro, as motivações pela ocupação do solo estiveram sempre presentes. Os dados obtidos pela realização da etnografia rua-a-rua atestam a existência de ocupações distribuídas nos cinco bairros, principalmente no Bairro Bom Jardim.

Através da história das ocupações do solo do Grande Bom Jardim e dos esforços coletivos por garantias de condições mínimas de resiliência podemos compreender a trajetória de luta e de resistências dos moradores e o modo como vêm acumulando capital político e simbólico na esfera pública. Através desses embates, *alianças* e *parcerias* foram construídas ou desfeitas, dependendo do modo de atuar dos agentes envolvidos, conforme registram relatos de Grupo Focal realizado com moradores do bairro Siqueira, ao resgatar a história das pressões políticas e dos enfrentamentos coletivos nas esferas governamentais.

Dona Raimunda conta que a luta e o trabalho na comunidade começaram com a implantação da escola comunitária para atender às crianças, uma vez que não existia escola... As próprias jovens começaram a dar aulas na escola que funcionava na casa dos moradores... Do grupo envolvido com a catequese surgiu o grupo de base que deu início a luta pela escola, nessa época com a ajuda das Irmãs Bernadinas. A energia elétrica chegou por volta de 1986, mas só colocaram energia onde passava a linha de ônibus. É desse período a Associação dos Moradores do Parque Nazaré e a Marcha das Lamparinas, em prol da energia elétrica para os moradores.

A mobilização das comunidades, nesse período era, segundo os debatedores, fruto de muita carência, inclusive da fome porque passavam os moradores. Todas as caminhadas eram feitas a pé em toda a região do Siqueira. Se havia uma mobilização no Palácio da Abolição, a comunidade atendia de pronto. Nessas mobilizações era comum a presença da polícia, com agressões físicas. A defesa era feita por Dom Aluisio Lorscheider e o Centro de Defesa dos Direitos Humanos. Segundo os relatos, três meses após a entrada de Tasso Jereissati no governo do Ceará, no primeiro mandato, os

¹⁸ Para facilitar a execução da técnica de checagem rua-a-rua, cada bairro foi dividido em quadrantes: norte, sul, leste e oeste.

moradores fizeram um acampamento no Palácio do Governo e protestaram com greve de fome a fim de serem recebidos pelo governador. Aproximadamente quinhentos policiais compareceram em peso para reprimir a manifestação que já durava oito dias. Vendo que estavam sem saída e atemorizados, os moradores acampados deitaram no chão. Nessa época a reivindicação era por “tudo”.

Dessa manifestação resultou uma aproximação com técnicos das secretarias do governo, principalmente da Secretaria de Ação Social. Estes começaram a visitar as comunidades e inicia-se um processo de conscientização política mais acirrada. A comunidade tinha o cuidado de não denunciar os técnicos mais envolvidos politicamente e criou-se uma relação de respeito mútuo. Dessa aproximação resultou a construção de 48 casas que a própria comunidade gerenciou, recebendo o material e apresentando nota fiscal correspondente, tendo sido, inclusive, reformada a escola.” (Relato de Grupo Focal História Oral do bairro Siqueira, pesquisa GPDU/CDVHS, 2003).

Na busca de afirmação do solo ocupado, seja através da compra dele no mercado, seja através de programas governamentais, seja pela via das ocupações consideradas pelos operadores da Lei e pelo poder privado como “invasões”, também reside a luta pela conquista de serviços e melhoria na qualidade de vida, como água, energia elétrica, escolas, moradias, entre outros benefícios.

Muitas foram as narrativas vinculadas à memória histórica dos moradores dos bairros, tanto dos mais antigos como dos mais novos, que atestam o significado dessas pressões no campo de atuação dos movimentos sociais no GBJ. Neste aspecto, a Igreja assume seu papel de protagonismo político na construção e mobilização dos atores coletivos nos cinco bairros analisados:

Eu cheguei em 85. E nessa época a Igreja começou um papel político muito grande dentro da Granja Portugal. Havia muitos movimentos da Igreja, catequese, crisma, grupo de jovens, grupo de casais. Então esses grupos eles tinham uma ação política muito forte. A juventude era muito envolvida nos movimentos da Igreja... (Debatedora, Grupo Focal, Grande Bom jardim).

Com a chegada da Igreja na região, não só os atores sociais se constituíram como, ao mesmo tempo, as organizações locais e lideranças comunitárias já instituídas passaram a ser mais pressionadas e questionadas em suas práticas tradicionais, muitas, fundamentalmente, vinculadas a interesses clientelísticos e eleitoreiros, segundo revelam os depoimentos. Observa-se que este embate aparece na memória coletiva tanto referente ao passado da região como, também, nos relatos e opiniões sobre a realidade atual do GBJ.

A Igreja sempre foi um instrumento que a gente tinha de comunicação, né? Porque era onde também se reunia o maior número de pessoas... (Debatedora – GF Grande Bom Jardim)

A Igreja foi, de certa forma, eu digo a igreja entre aspas, né? Num só a católica, não. Igreja em geral. Ela foi de uma grande importância, porque isso daí serviu para ajudar as associações de moradores a cobrar mais, a correr atrás... (Debatedor - Grupo Focal Grande Bom Jardim)

A importância atribuída à atuação da Igreja na história do Grande Bom Jardim está intimamente relacionada ao valor da religiosidade no sistema cultural de seus moradores. Este valor emerge muito forte e se manifesta não apenas nas práticas dos segmentos católicos, como também nas atividades das Igrejas Evangélicas e nos cultos afro-brasileiros, que terminavam por ser potencializados, sob vários modos e percepções, como capital simbólico na

busca de fazer valer direitos e superar “necessidades”, conforme atestam depoimentos:.

...os terreiro de macumba... Foi importante. O Luís macumbeiro fazia umas festas, fazia dia de Reis, fazia, sabe...fazia churrascos, aí de certa maneira, ele trazia o governador do Estado, trazia deputados, e aquilo dali também serviu para que algumas autoridades se... como eu poderia colocar... se sensibilizassem com a situação da nossa comunidade.(Debatedor – Grupo Focal Grande Bom Jardim – Pesquisa GPDU/CDVHS, 2003).

3.1.7. Uma população sob a marca do descaso do Estado: ocupações e ruas:

Os dados da etnografia rua-a-rua revelam que é nas ocupações onde a qualidade de vida dos moradores se revela mais precária. Praticamente inexitem serviços à população, como água saneada, esgotamento sanitário, policiamento, vias de acesso transitáveis, entre outros benefícios. No entanto, a precariedade de equipamentos e serviços básicos não é exclusividade das populações em situação de risco nas ocupações. Ela se faz presente em quase todas as ruas dos bairros, podendo ser visualizada sob diferentes aspectos e intensidades, influenciando, deste modo, na apreensão diferenciada dos territórios do bairro pelos moradores segundo as situações de precariedade a que cada rua está submetida.

Chamam a atenção as descrições produzidas pela etnografia, fruto da observação atenta dos pesquisadores populares. No que tange às ocupações, os nomes a elas atribuídos já trazem, consigo, as marcas das necessidades materiais de seus moradores, associadas, muitas vezes, à força da resistência e das táticas transgressoras construídas no cotidiano, como forma criativa de

sobrevivência. Em todas as situações observadas, malgrado as condições subumanas de sobrevivência, residem a criatividade com o desejo e a esperança da possibilidade de afirmação da cidadania.

Tomou-se alguns casos emblemáticos das situações cotidianas enfrentadas pelo conjunto dos moradores, dentre o total das ocupações e das ruas checadas e descritas pelos pesquisadores populares nos cinco bairros, que serão a seguir considerados:

a) Quanto às ocupações

A ocupação do Planalto da Urucutuba, também conhecida como Marrocos. Segundo os relatos da etnografia rua-a-rua, *esta ocupação ganhou o nome de Marrocos devido aos muitos buracos que tem. Na fase inicial da ocupação passava a novela O Clone, da Rede Globo de Televisão. Esta novela tinha gravações em locações no Marrocos. Os moradores fizeram uma analogia entre a paisagem de Marrocos e a solo da ocupação.*

Segundo seus moradores, a ocupação tem dois anos e só agora colocaram luz. Não receberam ainda nem a primeira conta. Não tem água da CAGECE nas casas, mas os moradores fizeram ligação clandestina, puxando da encanação da rua. Dentro da ocupação tem várias torneiras onde os moradores pegam água. Na ocupação, há muitas lagoas de onde os moradores retiram água para determinados gastos.

Na ocupação não há banheiro. As famílias utilizam o recurso do aviãozinho, que consiste em depositar os dejetos fisiológicos em sacos plásticos e deles fazerem rebolos¹⁹. A ambulância não vai à ocupação. Recentemente, duas mulheres ganharam nenê em casa. Quanto ao posto de saúde, as pessoas são encaminhadas para os postos de bairros vizinhos ou

para o do próprio Bom Jardim, mas não são atendidas, conforme revelam os seus moradores. Geralmente, vão ao Hospital Nossa Senhora da Conceição, no Conjunto Ceará.

De acordo com as informações obtidas dos moradores, a maioria das pessoas veio das ruas do Grande Bom Jardim. A divisão do trabalho dispõe assim os moradores: os homens trabalham de pedreiro ou serventes, as mulheres de domésticas.

A ocupação Pantanal – segundo os aspectos observados pela etnografia rua-a-rua, *há muitos jovens desocupados, sem trabalho, escola e lazer. A líder comunitária, com o apoio dos moradores, tenta implantar na localidade um posto policial que seria mantido pelos próprios moradores que assumiriam o fornecimento d'água, da luz, telefone e alimentação dos policiais.*

Os moradores ou jogam lixo no canal leste, ou deixam na estrada Urucutuba.

As informações obtidas pelos pesquisadores populares atestam opiniões correntes dos moradores sobre os fatos cotidianos que afirmam ser *esta ocupação representada como a mais “violenta” da área em termos de assaltos, brigas de gangues e circulação de drogas (consumo e tráfico). As pessoas que foram abordadas pela pesquisa se recusaram a se identificar e responderam às perguntas em tom baixo, com medo de represálias.*

b) Quanto às ruas do Grande Bom Jardim

Foram selecionados, a seguir, exemplos de descrições específicas de algumas ruas realizadas pelos pesquisadores de campo no exercício da etnografia rua-a-rua. Pontuaram-se situações que possam expressar a

¹⁹ Significa arremessar o objeto.

diversidade do real experimentado pelos moradores. As descrições completas da situação de cada rua dos bairros constam no *Caderno dos Bairros*.

Rua Santana do Paraíso - *Este logradouro é pavimentado, saneado, bem iluminado. A maioria das casas é murada e com calçada. Na altura com a rua Padre Francisco Araquém, a rua parece ser bem tratada pelos moradores, que a conservam limpa. Nas proximidades com a esquina da rua Marcelo Santa Fé, a rua tem muito mato nas calçadas e na esquina há um terreno murado. Bem próxima à esquina da rua Maranguape, a rua dá a impressão que acabou, sendo que existe um pedaço da rua, um pouco afastado, indo terminar na rua São Francisco. Neste trecho delimitado, a rua é muito suja e apresenta somente uma casa e o quintal de uma outra.*

Rua Nova Friburgo - *Há esgoto a céu aberto com água mal cheirosa. Em um trecho a rua tem calçamento, mas está mal conservado e com buracos. Segundo uma moradora, o ônibus passava na rua, mas parou devido ao calçamento sem boas condições.*

Noutro trecho, a rua não tem pavimentação. Para não sujar os pés, os moradores desse trecho utilizam uma carnaúba e um pedaço de pau como ponte. Os esgotos das casas vão para a lagoa em regos pela via pública. Moradores disseram não ter policiamento, nem lazer, nem escola. Falam que a realidade “é bala, morte, droga, estupro e por aí vai... a escola é todo dia um chefe de gangue que ensina a garotada a fumar, roubar, matar, etc, e lazer é os marginais brincarem de bang-bang.” Foi dado um recado: “não passe de bicicleta nesta rua, principalmente ao meio dia e depois das 18h”.

A polícia só aparece quando acontece alguma coisa e ainda demora. Diz que os postos de saúde ficam jogando ou re-encaminhando as pessoas de um lado pro outro e nenhum atende.

Olhares sobre os bairros segundo os pesquisadores populares:

O que observamos como pesquisadores? Que o bairro Canindezinho é reconhecido pelos seus moradores através de várias localidades. Especificando por áreas, a primeira é aquela conhecida como o Canindezinho propriamente dito, já bem desenvolvida, com serviços de comércio, igrejas, escolas públicas e privadas, associações comunitárias, muito embora os moradores “permaneçam” com alguns problemas como saúde e segurança. A segunda área é conhecida como Planalto da Vitória, originada de uma ocupação de um extenso terreno de propriedade particular. Esta região possui muito pouca ou quase nenhuma estrutura de serviços urbanos, como água encanada, esgoto e energia elétrica. A poluição ambiental é muito grande, com acúmulo de lixo nas ruas. A terceira área é conhecida como Parque Santa Rosa. Faz fronteira com o Canindezinho. Por ficar próxima à avenida Cônego de Castro, é muito desenvolvida. Outra comunidade do bairro é o Parque Jerusalém.

As ruas do Parque Jerusalém têm pouca infra-estrutura e, de todas elas, a Rua João Faustino Ribeiro é a única com asfalto e esgoto, sem escoamento nem buracos. A avenida General Osório de Paiva, a rua Cônego de Castro, Xisto Albano, Coração de Maria e Lago do Tanque também são ruas estruturadas. No restante das ruas falta pavimentação adequada. Algumas têm calçamento, mas no percurso inicial para chegar ao seu final logo encontramos buracos, escoamento de água que sai dos canos das casas ou de algum esgoto estourado. Reparei num detalhe: os córregos d’água que encontrei vinham todos das casas. A iluminação dessas ruas não ilumina suficientemente os becos existentes. A coleta do lixo é semanal. O caminhão vai aos lugares onde possa transitar para fazer sua coleta. Em alguns terrenos baldios, o lixo é exposto ao ar livre.

Encontrei muitas escolinhas particulares. O mato persiste nos terrenos baldios e nas laterais dela o mato cresce onde o solo tem maior intensidade de umidade. O transporte coletivo é difícil nessas ruas. O mais abundante é o transporte alternativo.

Lazer e esporte são muito poucos e os clubes de futebol “society” que existem são particulares. O que não faltou foi igreja nas ruas, em todo local que entrasse, por mais estreito que fosse, havia lá uma igreja. Viam-se mais igrejas protestantes e poucas católicas. A segurança dessas ruas é precária. Perguntei uma moradora quem fazia a segurança da rua e de sua casa, ela simplesmente disse-me: “Na necessidade de uma ajuda, os moradores se reúnem e um ajuda o outro. Na minha casa a segurança é um revólver Taurus 38. Eu não queria isso porque tenho crianças em casa, mas não tem outro jeito”.

Os moradores relatam também que algumas áreas que formam o bairro Siqueira, como a do Jardim Jatobá, é uma área esquecida pelas autoridades, que nela existe um impasse de que pertencia a Fortaleza ou a Maracanaú, e por esse motivo recebe várias visitas dos candidatos dos dois municípios, o que acaba confundindo os moradores.

Existem, por exemplo, escolas fundadas pelas duas prefeituras: uma em cima da outra. Moradores optam se pagam impostos por um ou pelo outro, dizem também que esses parlamentares, quando necessitam de voto, recorrem aos cidadãos moradores daquela área, mas quando a comunidade vai à busca de políticas públicas que melhorem as condições de vida da população, então fica no jogo do empurra-empurra, assim declaram os moradores entrevistados.

Neste aspecto, percebemos um ar de revolta e insatisfação em função dos problemas que ocorrem da indefinição da ação das prefeituras de Fortaleza e de Maracanaú.

Alguns moradores dizem que uma parte da população é atendida na prefeitura de Fortaleza e outros no Maracanaú. A coleta de lixo vem de Maracanaú. O posto de saúde se recusa a atender alguns moradores do Jardim Jatobá que fica localizado no bairro do Siqueira. Constatamos que muitos são obrigados a pagar consulta médica por conta desse problema.

As ruas e avenidas destacam-se pelos seus diferentes aspectos. Algumas são calçamentadas e asfaltadas outras nem pavimentadas não são. Ruas com terrenos baldios tomados pelo lixo amontoado, jogado pela população do local por falta de uma coleta de lixo suficiente ou ignorância mesmo das pessoas que não respeitam ou não estão suficientemente educadas em relação à preservação do meio ambiente. Faltam telefones públicos, postos de saúde, creches e até verba para a merenda escolar.

Em algumas ruas o carro do lixo passa semanalmente porque possibilita o trânsito do caminhão de coleta, enquanto em outras o veículo não chega até as ruas por causa do difícil acesso: lamas, mato, buraco, ruas estreitas etc.

Têm ruas com iluminação totalmente ausente, e há ruas que são bem iluminadas. A população atribui a esse fato o grande número de assaltos, estupros e homicídios nas ruas mais escuras, tanto no comércio como nas casas.

A diversidade de situações observadas revela ruas com água encanada, casas que ainda utilizam água de cacimba ou de chafariz porque ainda não conseguem pagar a conta d'água. Córregos d'água que saem de algum rio, canos que sai de um banheiro, cozinha das casas com um aguaceiro quase interminável. Tudo isso presenciamos no conjunto das ruas sem infra-estrutura adequada.

3.2. Uma população sob o signo da violência

A violência é um dos fenômenos sociais de maior relevância na atualidade. Ela tem crescido em todas as esferas da vida cotidiana, de tal modo que passou a ser experimentada e percebida pelos segmentos sociais como um aspecto indissociável da realidade contemporânea. Hoje se pode observar uma amplitude diversa do fenômeno em escala mundial, variando tanto na sua apreensão conceitual quanto em suas formas de expressão.

Estudos sociológicos esforçam-se na compreensão das conexões de sentido da violência. Fala-se de “novos paradigmas da violência”, buscando-se compreendê-los não apenas em sua dimensão material e coercitiva, mas também em sua dimensão simbólica, imperceptível, orientadora de posturas básicas e de inculcações de esquemas e percepções valorativos sobre o mundo cotidiano.

Vive-se, portanto, sob uma conjuntura em que a violência é iminente e pode emergir, em sua forma material, de algum lugar inesperado e a qualquer momento. Se antes ela era considerada como um atributo relacionado à pobreza – seja como atributo dos países do terceiro mundo, ou como fenômeno das grandes cidades -, hoje ela se faz um discurso que orienta práticas globais e perpassa a estrutura das classes sociais, tornando-se socialmente endêmica.

No plano nacional, configuram-se formas de discriminação e de classificação dos não incluídos no modelo de desenvolvimento altamente concentrador de riquezas e privilégios. No Brasil, os estigmas recaem sobre a população pobre, favelada ou residente nas áreas periféricas, sobre o negro e, em especial, sobre o jovem que, uma vez enquadrado neste estereótipo, tornam-se os alvos prediletos dos esquemas classificatórios da sociedade em geral.

Convém lembrar, no entanto, o lugar do medo como uma produção social indissociável do significado da violência. O medo emerge, neste

contexto, como valor difuso e amplo que atinge todos os cidadãos, sem distinção de classe. Nesta perspectiva, a violência passa a se configurar não apenas como uma dimensão prática, pelo fato experimentado, como também se revela pelo modo de percebê-la, através de suas representações sociais, produtoras de significados e interpretações sobre situações ou indivíduos que pareçam “estranhos” ao domínio do socialmente tolerável.

Neste sentido, pode-se compreender o fenômeno da violência tanto a partir dos fatos vividos e experimentados como violentos, como também a partir das idéias que são formuladas sobre eles e seus presumíveis agentes. Este processo passa a constituir as formas de violência, cujo elemento fundante se estabelece, hoje, pela *diabolização do outro*, conforme analisa Wieviorka (1989).

O mapeamento social da cidade de Fortaleza não foge à regra. Percebe-se que a segmentação da cidade em duas, conforme aqui referido, não apenas projeta os territórios entre os “ricos” e os “pobres” como, também, a partir dela, projetam-se imagens classificatórias de territórios da violência contra os não violentos, assim como se classificam os agentes sociais a eles pertencentes.

A compreensão do fenômeno da violência na região do Grande Bom Jardim não deve ser desarticulada desta abordagem interpretativa. A produção do discurso da violência em Fortaleza, através dos meios de comunicação de massa, tem contribuído para cimentar este imaginário social. Reclama-se da espetacularização midiática dos conflitos cotidianos, em especial quando referidos à região. Para um jovem entrevistado, “a televisão só passa as coisas ruins que acontece no bairro. Cadê que eles se interessam de vir aqui para mostrar as coisas boas que a gente faz no bairro? Coisas ruins tem em todo canto, num só aqui no Bom Jardim, não... Cadê, cadê?”

3.2.1. Vantagens de morar no bairro: “lugar calmo e tranquilo”

Explorou-se, através dos questionários, as visões que os moradores do GBJ tinham em relação às vantagens e desvantagens de morarem na região. Foi solicitado aos entrevistados que enumerassem as três maiores vantagens de morar no bairro. Das múltiplas respostas, as mais referidas como média do GBJ foram: 36,25% dos entrevistados responderam o fato do bairro ser calmo e tranquilo, seguido da opção transporte, fácil acesso e boa localização, com 17,15% e o fato de ter bons vizinhos, com 12,39% das respostas.

A opção ser calmo e tranquilo apareceu também como a mais citada nos cinco bairros, se analisados isoladamente. No entanto, destaca-se o bairro do Siqueira como aquele cujos moradores expressam o maior grau de satisfação neste item, referido por 54,72% dos entrevistados, seguido do bairro Canindezinho, com 42,05% e do bairro Bom Jardim, com 36,11% das respostas. Nos demais bairros, a média das respostas foi bem inferior, correspondendo a 24,15% na Granja Portugal e 23,40% na Granja Lisboa.

O aspecto da tranquilidade também aparece como um valor declarado pelos moradores abordados tanto pela etnografia rua-a-rua como pelos Grupos Focais ao se referirem a muitos trechos da região. Indagada se existia violência no bairro, uma moradora do Siqueira assim se pronunciou:

Graças a Deus, aqui eu não considero o bairro do Siqueira violento, existe casos, na minha concepção, isolados, que acontecem, mas em vista do Pirambu, em vista de outros bairros, Parque Santa Rosa, Parque São José, nós tamos num paraíso! Mas aqui no bairro dificilmente acontece uma briga ou um assassinato, dificilmente. Agora, tem aquelas briguinhas de bêbado, briguinha de casal, né? Mas assim, violência mesmo, daquelas que choca, graças

a Deus, muito difícil... (Debatedora, Grupo Focal Siqueira).

Pode-se observar que os esquemas classificatórios sempre são operados como um valor estabelecido relacionalmente, ou seja, tendo-se como parâmetro o “outro”. No caso do estabelecimento do que é “calmo” em oposição ao que é “violento”, o “outro” tenderá, sempre, a assumir a condição de violento em oposição à situação conhecida. Neste aspecto, a produção dos estigmas da violência se opera com eficácia quando internalizada como uma verdade legítima para a maioria dos que partilham da situação, de forma pré-reflexiva, inclusive pelos próprios agentes vítimas dos esquemas classificatórios.

Ao serem observados os dados da etnografia rua-a-rua, pode-se observar situações cotidianas dos moradores de cada bairro numa *luta classificatória* dos territórios do próprio bairro. Os sentidos produzidos por esta tensão cotidiana revelam a diversidade do bairro em conformidade com as suas diferenças internas no que tange aos serviços urbanos oferecidos. Verificam-se, deste modo, situações variadas: há moradores que enfatizam a tranqüilidade de seu bairro ou rua, outros que o fazem em oposição a outras ruas, definindo estas como lugar violento, e outros que reconhecem que o seu bairro ou a sua rua são violentos em parte, dependendo do local referido.

Na Granja Lisboa, por exemplo, moradores da rua Mateus Lemos declaram que a rua não é violenta, afirmando, com isto, o valor da tranqüilidade. Na Rua Oscar França, as opiniões dos moradores expressam visões de espaços classificados hierarquicamente como “mais perigoso” e “menos perigoso”, de acordo com critérios tais como proximidade ou distância de favela e condições infra-estruturais. De acordo com um morador, *a rua não tem segurança devido à existência da Favela Alto da Paz, que fica entre as*

ruas Fernando Augusto e Geraldo Barbosa... Já na parte calçada, tem mais casas, há coleta de lixo e é menos perigoso.

Outro esquema classificatório operado pelos moradores da região refere-se aos estereótipos físicos dos moradores, quando considerados “esquisitos”. Exemplos disso foram observados em inúmeras descrições de ruas na etnografia rua-a-rua, como a descrição da travessa Argila, também na Granja Lisboa. Ela foi referida como a *rua dos moradores “esquisitos” e conhecida como perigosa boca de fumo. Alguns moradores disseram que a parte mais perigosa da travessa é no final porque fica próxima ao canal, mas segundo uma moradora (que mora no “final”), a parte mais perigosa é no começo porque é onde moram os viciados em drogas.*

A luta classificatória dos territórios da cidade e dos bairros é um fenômeno de grande relevância para a compreensão da violência, sendo o seu componente simbólico por excelência. Esta dimensão pode revelar conflitos cotidianos que, quando não apropriados e discutidos pelos próprios agentes na verdadeira amplitude de seus significados, são reproduzidos de forma imperceptível, instaurando a compreensão da violência como um fato inexoravelmente natural e inerente a determinados grupos sociais ou espaços físicos.

Em Fortaleza, é comum associar a região do Grande Bom Jardim à violência. Esta construção encontra-se tanto no discurso engendrado pela mídia sensacionalista da cidade, quanto pela opinião comum de seus habitantes em geral. A partir do depoimento de um jovem debatedor do Grupo Focal, pode-se perceber como os esquemas de percepção se reproduzem, invadem o cotidiano das relações e se concretizam numa gramática permeada de significados sutis.

Eu não vejo o morador do Bom Jardim como violento. Eu não sei se é porque eu sou daqui, mas muita gente que é daqui não vê o bairro como violento. Agora se você for falar pra uma pessoa de

fora ele vai dizer: ah, não sei como é que você mora ali e tal. Quando eu estudava, no ano passado, no caso, o pessoal perguntava: onde é que você mora? Eu dizia: eu moro no Bom Jardim. Todo mundo: vixe! Como é que você mora lá? Você nunca foi assaltado não?

Pra ter uma idéia eu moro aqui há nove anos, eu fui assaltado apenas uma vez. E é porque eu facilitei né, no caso. E eu não vejo como perigoso. (Jovem debatedor, Grupo Focal GBJ).

O relato do *Vixe!* não é um atributo particular da região do GBJ. Em outras pesquisas com jovens de periferia na Cidade (cf. Barreira, já citado) esta situação é relatada pelos jovens como experiências reais vividas. Pelo fato de o episódio já poder ser compreendido como parte do repertório comum de narrativas que se adequam às situações emblemáticas da relação centro-periferia, pode-se supor que o real e o imaginário se mesclam e passam a constituir o lado tragicômico da realidade.

No entanto, como se pode observar, o imaginário social local não compartilha da representação construída pelos moradores da Cidade sobre a violência atribuída à região. Isto não quer dizer que não exista um imaginário social dos próprios moradores sobre a violência local. A pertença ao bairro, vista sob o olhar dos seus moradores, pode ser compreendida como um artefato de múltiplas cores e formas, tecido na diversidade das práticas e percepções locais do cotidiano, não se resumindo, adequadamente, à generalidade de um esquema classificatório como o dos habitantes da cidade em geral. A referência a esta questão tem seu rebatimento local e se contrapõe à idéia do bairro como território da violência:

Eu gostaria de falar. Vou ser logo direto. Sobre a violência aqui no nosso bairro, toda essa área da gente é taxada como área de violenta. Fiquei até besta, como eu falei agora pouco, que não é bem o que aparece naquele horário de meio-dia na televisão não. Não é aquilo. Acontece que a gente

tem uma demanda muito grande, de praticamente 200.000 moradores nessa área toda... E se for ver por questão de lógica e matemática, o que tá acontecendo de criminalidade e violência é normal pelo total de habitantes que essa área comporta. Você vê que em São Paulo tem a maior população do país. Você assiste aquele programazinho, naquele horariozinho ali, você se assusta: não vou mais acolá! No mesmo jeito está acontecendo aqui. E eu como morador daqui há vinte e algumas coisas, vinte e poucos, eu já vivenciei a violência. Já fui participante de atos violentos e me taxo. Não tenho coragem de taxar o bairro como violento, de rotulá-lo de violento, não tenho.(Debatedor Jovem, Grupo Focal GBJ)

O conceito de “lugar perigoso”, nesta perspectiva, tanto pode revelar um processo social concreto, fundado em fatos, como pode, também, significar uma elaboração imaginária, construída socialmente, com forte teor político-ideológico cujo resultado concreto vem a ser uma das faces objetivas da exclusão social em sua dimensão simbólica.

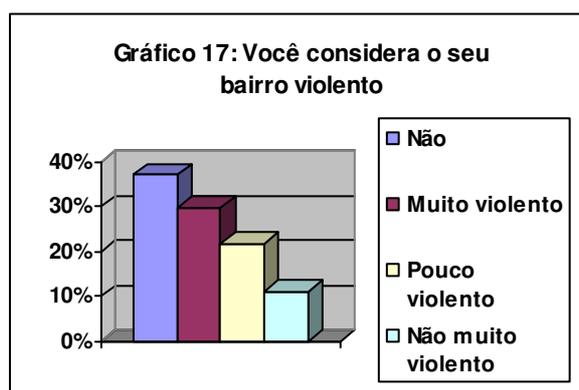
Esta força tem sua eficácia porque, uma vez inculcada, transforma-se em visões de mundo e opera-se como uma verdade universal. Na prática, isto significa naturalizar os lugares da exclusão pela instauração de “muros invisíveis” separando classes sociais, espaços e indivíduos. Estabelece-se, deste modo, a cultura da “apartação” socialmente aceita porque compreendida como uma “necessidade” de sobrevivência física, onde o medo não é apenas uma atitude individual, mas uma expressão coletiva, difusa e organizadora de práticas e relações sociais.

3.2.2. Violência e segurança pública: problemas da região

Conforme revelam os dados aqui analisados, pode-se perceber que as representações dos moradores do Grande Bom Jardim conformam visões tanto

legitimadoras das escolhas do território de morada como, ao mesmo tempo, revelam seus significados de contestação ou de aprovação da realidade experimentada cotidianamente, vividas de forma crítica e com níveis de conflitos diversos.

Neste sentido, no que se refere à opinião dos moradores em relação à violência na região, 37,19% dos entrevistados consideram o GBJ como um lugar não violento. No que se refere às respostas que consideram ser a região violenta, as opiniões dos entrevistados se dividiram em três níveis: 29,78% afirmaram ser o bairro muito violento, contra 21,84% dos que responderam ser pouco violento, enquanto 11,79% responderam ser violento, mas não muito, conforme demonstra o gráfico abaixo:



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Observando os cinco bairros separadamente, vale destacar o Siqueira onde 67,92% das respostas afirmam não ser o bairro violento, em oposição à Granja Lisboa, cujas respostas para o mesmo item atingiram apenas 15,85% dos respondentes. Neste sentido, pode-se concluir que, segundo as opiniões obtidas pelos entrevistados, o bairro Granja Portugal emerge como aquele apontado pelos seus moradores como o de maior incidência de casos considerados violentos.

Para aqueles moradores que consideraram a região muito violenta, segundo as três categorias referidas, as causas do fenômeno têm sua origem ou

são justificadas por um conjunto de fatores de várias ordens, tanto estruturais, como políticos e culturais. Para aqueles que declararam a região muito violenta, este fato é atribuído, fundamentalmente, à prática de assaltos, correspondendo a 42,36% das respostas. Outras respostas relacionadas a esta questão, embora citadas em menor percentual, são qualitativamente representativas: corrupção e extermínio praticado por polícias, presença de “vagabundos” de outros bairros, manchetes jornalísticas alarmantes, prostituição, entre outras.

Para aqueles informantes que consideraram a região violenta, mas nem tanto, destacam-se como opiniões mais citadas as seguintes justificativas: 7,88% das respostas referem-se ao fato de “todo canto ter violência”, seguida de 7,76% referidos à opinião de que “há bairros mais violentos” que os do GBJ e de 6,65% se referirem ao fato de “nunca terem sido vítima de assaltos.” Outras respostas foram citadas, como “não existe muito vagabundo no bairro”, “conhecer os moradores e os vizinhos”, a importância da religião, entre outras.

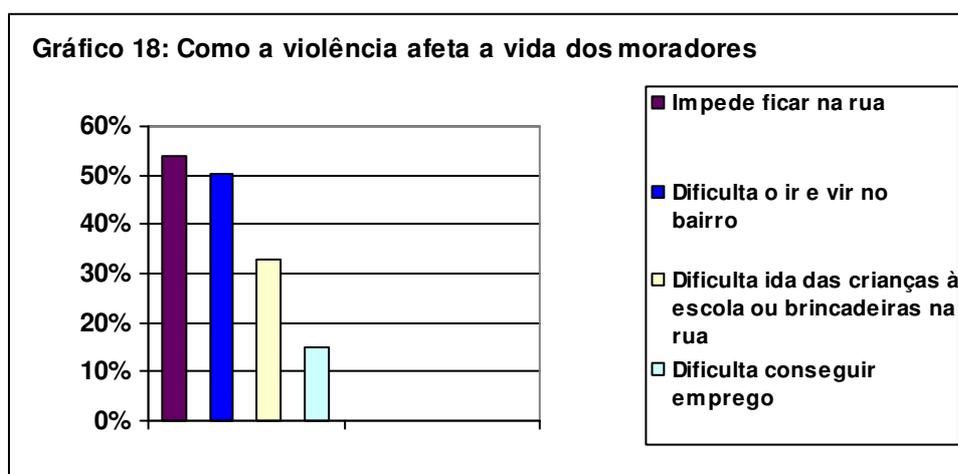
3.2.3. Impactos da violência na vida cotidiana dos moradores

O crescente fenômeno da violência, conforme dimensões analisadas neste trabalho, tem sido responsável por mudanças estruturais e comportamentais em todas as classes sociais do País. Pode-se falar de uma produção estética da violência, expressa no modo de sentir, pensar e agir da população, e no modo de construir a materialidade da cidade. As classes dominantes têm se enclausurado, cada vez mais, na lógica dos condomínios fechados e mais ou menos auto-suficientes. Os “shoppings centers” parecem se constituir na extensão dessa proteção do espaço privado, como um dos últimos refúgios dos indivíduos com pertença à lógica dos integrados à ordem do mercado de consumo.

Verificam-se, desta forma, mudanças de hábitos sociais. A sociedade parece se enclausurar em ambientes privados ou em suas casas. Ao saírem para a esfera pública, o fazem sob o sentimento do medo e da desproteção social. Na ausência ou ineficiência de políticas de segurança pública, muitos procuram proteção privada ou se armam como mecanismo de defesa pessoal.

No tocante à questão inquirida aos moradores sobre de que forma a violência afeta as suas vidas, percebe-se que o impacto do fenômeno atinge, principalmente, a liberdade de circulação no espaço público. Do conjunto múltiplo das respostas, 53,80% dos entrevistados referiram-se ao impedimento de permanecerem na rua após as 10 horas, enquanto 50,17% citam como consequência da violência a dificuldade de ir e vir no bairro. Outra resposta significativa relacionou-se ao fato da dificuldade de ida das crianças à escola ou de permanecerem brincando na rua, correspondendo a 32,64% das respostas.

Um aspecto relevante, a destacar, se refere aos efeitos do estigma (a exemplo da idéia do vixe!) como dificuldade de inserção dos moradores da região no mercado formal de trabalho da Cidade, conforme citado por 14,99% dos entrevistados, como demonstra o gráfico a seguir:



Fonte: Pesquisa direta GPDU/CDVHS - 2003

Os dados qualitativos apreendidos pelos debates nos grupos focais também vêm revelar como, objetivamente, essas mudanças se configuram na vida particular de cada morador. A representação dos espaços se transforma,

sobretudo quando se refere aos lugares de lazer, como as praças do bairro, conforme observa uma debatedora do Grupo Focal:

Quando eu cheguei aqui, por exemplo, eu ficava até muito tarde da noite na praça estudando. Pra mim era um local bom de estudar, era tranqüilo. É, já algum tempo atrás, eu não podia fazer isso porque era ponto de encontro das duas gangues mais importantes. A gangue daqui, do Novo Mundo e a gangue do lado de lá, da Bias Mendes, né? E eu tinha um certo privilégio, porque como eu trabalhei um tempo pro lado de lá e trabalhei um tempo pra cá, então eu conseguia transitar com uma certa facilidade. Eu não diria livremente, com uma certa facilidade, mas é... Houve um momento em que as pessoas não podiam vir pra cá e nem as pessoas daqui podiam ir pra lá. Hoje esses encontros, eles diminuíram. (debatedora Grupo Focal GBJ.)

Mudanças são operadas em todo o sentido. Um fato que parece relevante neste aspecto é quanto à prática de lazer. Embora as perguntas da pesquisa não tenham solicitado do entrevistado um nexos causal entre violência e lazer, os dados obtidos pelos questionários possibilitam cruzar os sentidos das práticas de violência, seja como fato experimentado ou percebido, com as mudanças operadas pelos moradores no que tange às suas formas de usufruir o tempo livre disponível.

Ao se indagar sobre onde cada morador procura se divertir no seu tempo livre, 59,67% dos entrevistados declararam a casa como o lugar de diversão, contra 19,34% referidos ao bairro e 16,62% relativos a outro bairro. Outras opções foram citadas, como lugares de diversão: fora de Fortaleza, centro da cidade, Igreja etc.

Os equipamentos de lazer sob gestão pública na região foram identificados pela etnografia rua-a-rua como escassos ou precários. Isto implica em reconhecer que as alternativas de entretenimento dos moradores do

bairro são diversas e nem sempre de forma ordenada. As praças, como vimos, são disputadas por diferentes tribos, cada qual buscando imprimir a marca de sua territorialidade. Os campos de futebol, por outro lado, estão predominantemente sob duas formas: os de domínio privado, denominado de campos *society*, e aqueles organizados por iniciativa da própria comunidade, pela ocupação dos terrenos baldios. Neste aspecto, estes últimos tanto se prestam para a prática de esportes como para o lazer das crianças.

Quando indagados sobre as opções de lazer oferecidas pelo bairro, 39,95% dos entrevistados no GBJ declaram não existir opções de lazer. No entanto, as praças foram referidas por 36,56% dos entrevistados, bares, por 32,93%, futebol/esportes por 30,59%, clube e churrascaria citados por 18,58%, respectivamente, do total dos entrevistados.

Vale destacar a opção declarada pela maioria dos entrevistados ser a de não haver espaços de lazer na região. Este aspecto pode ter relação com o alto número de entrevistados declararem sua permanência em casa durante o seu tempo livre, referido por 70,92%, seguidos da opção “assiste televisão”. Outras opções foram citadas como: “sai com a família para passear”, referido por 11,10% das respostas, “vai à praia”, com 11,03%, à igreja, com 8,46% e futebol, com 6,8% das respostas, entre outras opções referidas.

O medo é um componente constitutivo da violência. Movido por ele, pode-se observar como as condutas individuais e coletivas vão se reconfigurando. Neste contexto, tanto se revelam condutas antecipatórias dos moradores advindas da possibilidade do perigo, como de evitação e desistência. A partir do medo, os espaços privados tendem a se valorizar em oposição aos espaços públicos, incidindo, desta forma, no comportamento e nos hábitos cotidianos das pessoas.

As formas de lazer cada vez mais se restringem ao lugar da casa como “lugar protegido”, contrastando com o lugar da rua como “lugar da exposição”. Percebe-se que, ao se associar a opção de ficar em casa, como a de

assistir televisão, obtém-se um alto índice de reclusão dos moradores no GBJ nos espaços protegidos.

3.2.4. Principais problemas do GBJ

Apesar do estigma de violento ser um valor rebatido pelos moradores do GBJ, conforme pode ser observado, a segurança e a violência aparecem como um problema relevante para os entrevistados. Indagados com a pergunta sobre quais eram os três maiores problemas do bairro, o binômio segurança/violência foi referido por 50,38% das respostas, seguido do bloco infraestrutura, falta de saneamento e calçamento, referido por 44,71% dos respondentes e, em terceiro, postos de saúde/agente de saúde, com 32,55% das referências.

Percebe-se que a violência tal como é experimentada não está dissociada das condições infraestruturais do bairro. Foi muito recorrente nos dados da etnografia rua-a-rua referência dos moradores entrevistados no que se refere à classificação de lugares perigosos associados à falta de infraestrutura urbana, tal como ruas mal iluminadas, matagais, ruas sem pavimentação etc, conforme se pode observar nos relatos a seguir, contidos no Caderno dos Bairros:

Rua Consolata: terrível mau cheiro devido à lama e ao esgoto. Durante a noite, segundo seus moradores, torna-se muito perigosa devido aos muitos assaltos, isto porque o trecho próximo ao canal carece de iluminação pública. Moradores reclamam da falta de segurança e da sujeira do canal.

Rua Cel. João Correia: uma moradora diz que a segurança é muito deficitária e que o patrulhamento só aparece quando a polícia é acionada. O atendimento no posto de saúde também é muito precário, as pessoas precisam dormir lá para conseguir atendimento. A rua é cortada por um canal cheio de mato onde é comum a prática de assaltos. Muito mato, lixo e esgoto a céu aberto.... Local perigoso, conforme declaram os informantes.

Rua Humberto de Almeida: Por não ter calçamento nas ruas, não passa o carro de coleta do lixo; que o posto de saúde mais próximo é na favela do Urubu; que não existe policiamento de viaturas no bairro pela situação das ruas, pois os policiais não querem entrar com o carro policial. A situação piora nas épocas de chuva, pois o rio enche até invadir as casas.

No que se refere às sugestões dadas para minimizar a violência na GBJ, a grande maioria das respostas se concentrou no fortalecimento da presença de policias nas ruas(62,84%), seguido da construção de postos policiais e cabines (18,00%), ocupar as pessoas (12,84%), “mais ação dos governos, através de projetos” (6,19%) e “mais eficiência da polícia”, referidas por 5,62% dos respondentes.

Importante destacar que, na região do Grande Bom Jardim, a polícia não é referida como um agente direto da violência, ao contrário de outras regiões da periferia, conforme revelam outras pesquisas realizadas na Cidade.

Por fim, pode-se perceber que a violência tal como é vivida, expressa-se nas suas dimensões material e simbólica, não podendo ser encarada de forma isolada ou desarticulada das condições reais de produção ou de negação da cidadania. Convém lembrar que o fenômeno tem grande impacto na cotidianidade dos moradores de fortaleza e assume, em cada região da Cidade, suas particularidades que devem ser consideradas no processo de proposição, gestão e fiscalização, por parte da comunidade, das políticas públicas de um modo geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O GBJ é uma região densamente povoada, com características urbanas e rurais, decorrentes da sua origem e do seu processo de ocupação.

Sua população predominante é de mulheres e de jovens. Entretanto, há um grande contingente de adultos em idade produtiva, nem sempre inserido no mercado de trabalho, bem como de idosos, que embora exista em menor percentual, representa uma parcela importante da população local. Diante desse quadro, há que se pensar políticas específicas de trabalho e renda e de assistência social a esses segmentos populacionais.

As condições de moradia dessa população são precárias o que são causas e conseqüências de inúmeras mazelas relacionadas à vida no bairro e à convivência de seus habitantes. Um dos principais problemas estruturais tem sido decorrente do crescimento desordenado, que se por um lado produz exclusão social, por outro tem sido fonte de criação e fortalecimento de capital social, através dos inúmeros movimentos reivindicatórios dos moradores.

A ausência de políticas públicas eficientes na região implica em serviços inexistentes e / ou deficientes relacionados à falta de infra-estrutura. Assim como são encontradas ruas bem servidas por serviços regulares de coleta de lixo, energia elétrica, saneamento básico, segurança etc, a maioria está exposta completamente à ausência de serviços básicos de infra-estrutura urbana.

Acrescente-se, ainda, o perfil educacional da população bem como o seu nível de renda predominantemente baixo, o que tem favorecido estratégias de sobrevivência no setor informal da economia, através da proliferação de pequenos negócios e de prestadores de serviços não qualificados. Desse modo, a população economicamente ativa permanece sob condições e relações de trabalho precarizadas.

O conjunto destes aspectos se conjuga e conforma um quadro de vulnerabilidades sociais que caracteriza as regiões pobres e marginalizadas de uma cidade, tanto do ponto de vista material quanto simbólico. São situações que expõem a totalidade dos seus moradores, embora de formas diferenciadas, a realidades consideradas de riscos: insegurança individual e coletiva, degradação do meio ambiente, poluição, doenças, violência física e simbólica e, por fim, a exclusão social.

Tomando-se a radiografia das ruas dos cinco bairros, separadamente, é possível se compreender como as percepções dos moradores sobre os espaços que lhes rodeiam vão se constituindo e projetando esquemas de classificação sobre o GBJ, sobre suas ruas e seus moradores - quais ruas são “boas” contra aquelas que não o são; quais ruas ou setores dos bairros são “perigosos” contra aqueles que são “calmos”, onde estão as pessoas “perigosas” em oposição aos lugares onde estão as “não perigosas” etc.

Os contrastes da base material de produção da vida, inscritos na própria dinâmica cotidiana dos espaços diferenciados da cidade, dos bairros e no interior destes são a fonte de experiências que alimentam a construção simbólica dos seus moradores, produzindo as representações sociais sobre os espaços da cidade.

É a partir destas diferentes situações infraestruturais das ruas de cada bairro do GBJ que se deve mergulhar na busca de compreensão da gênese das situações cotidianas do bairro, sua miséria e sua riqueza, expressa na complexa rede de práticas significativas que constituem o capital social do GBJ.

Articulações políticas se constituem geralmente em torno das chamadas *necessidades básicas* da comunidade. Em torno dessa busca de superar o estado das ausências materiais nos territórios ocupados pelas famílias, os dados revelam a construção política dos atores sociais produzidos pelos embates locais e na esfera do Estado-governo. Ao longo deste processo,

atores políticos se constituíram, outros pereceram e novas e velhas formas de cooperação se articulam e disputam sentidos no GBJ.

Interessante, para pensar e agir de forma fortalecida no GBJ, é tomar em consideração e potencializar os significativos capitais existentes no bairro. Estes capitais estão distribuídos em diferentes categorias:

a) no capital religioso, através da força das igrejas e religiões, produzindo práticas e sentidos voltados para a construção de identidades locais;

b) no capital cultural, através da existência de talentos voltados para a arte cênica, circense, danças, música em articulação orgânica com o capital religioso e outros equipamentos formais e informais existentes na comunidade, como as escolas;

c) no capital desportivo, fundado no imaginário arraigado do futebol e de outras expressões, como a capoeira, experimentados como prática de lazer e de socialização de experiências e sentidos de pertencas locais;

d) no capital social identificado e alimentado através de suas organizações associativas, comunitárias, cooperativas e das ONG's. Parece urgente o fortalecimento da ação dessas organizações no trabalho em rede, como forma de qualificá-las amplamente como sujeitos coletivos no campo da organização e da produção de riquezas através da prática solidária, em suma, pela produção, acumulação e reprodução das redes de confiança, da cooperação e do espírito de comunidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARREIRA, C. (org.) et al. *Ligado na Galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília: UNESCO, 1999 (Edições Unesco).

BARREIRA, Irllys (coord.). Os desafios da gestão municipal democrática. Fortaleza – 1993/1996. São Paulo: Instituto Polis : Recife: Centro Josué de Castro, 1998.

ELIAS, N. e Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

FRANCO, A. de. *Capital Social*. Brasília: Instituto de Política : Millennium, 2001.

FREITAS, G. J. de. *Ecos da violência: narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

SALES, I. da C. *Pesquisa confronto sobre cultura popular: lições de uma experiência do setor público*. In: Brandão, C. R (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SANTOS, J. B Feitosa dos. *Universidade, cidadania e localismo Fortaleza/Brasil*. In: *O Público e privado. Fortaleza: Uece, 2003. Conteúdo: ano 1, janeiro/junho, 2003*.

_____. *O avesso da maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho*. São Paulo Annablume, 2000.

SYLUS, C. *Brasil: eterno país do futuro*.
www.esg.br/publicacoes/artigos/0039.html

TEÓFILO, Rodolfo. *A fome: violação*. Rio de Janeiro: José Olimpyo Editora, s/d.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2002.